Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista

SABRINA RODRIGUES GARCIA
BALSALOBRE

Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista

Um olhar sobre as formas de tratamento

À Rosane, pela inspiração.
Ao Alê, pelo amor.
Aos meus amigos, pelos bons momentos.
À Sari, pelo carinho.
Aos meus pais, pela vida.

A imprensa negra no Brasil há de surgir um dia,
grande na sua liberdade, poderosa na sua acção.

(Leite, *O clarim d'alvorada*, 1.4.1928)

Sumário

Introdução

Este livro é o resultado de um processo de revisão e de algumas adaptações da dissertação *Língua e sociedade nas páginas da imprensa negra paulista*: um olhar sobre as formas de tratamento, orientada pela professora Rosane de Andrade Berlinck e defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, *campus* de Araraquara, em 2009, com fomento do CNPq.

O foco primordial deste estudo é a análise da interdependência que há entre fatores de ordem histórica e social em relação à população negra do início do século XX e o sistema de formas de tratamento empregado por essa população. Com esse intento, também está em foco a análise do uso das formas de tratamento pela população paulistana em geral, a fim de se estabelecerem possíveis comparações. Esse fenômeno linguístico foi privilegiado por representar um exemplo da intersecção entre a história interna e externa da língua, revelando dados da estrutura social vigente e do *status* que pode ser atribuído a uma forma linguística em uma sociedade.

A reflexão inicial acerca da relação entre o fator linguístico e o social foi inspirada na concepção de língua e linguagem defendida por Weinreich et al. (2006), que se contrapõe à noção estruturalista saussuriana, em que a língua é tomada como um objeto homogêneo

e, em certo sentido, imutável. Para aqueles autores, ao contrário, a língua é um sistema heterogêneo e variável. Ela se apresenta desse modo como um reflexo das adequações que sofre constantemente às necessidades da comunidade que a utiliza, caracteristicamente complexa e heterogênea. De acordo com essa proposição, existe uma interinfluência entre os aspectos estruturais e sociais da linguagem e, portanto, ambos devem ser analisados em sua interdependência.

Essa visão de língua – sintetizada por Tarallo (1994, p.57) como "a aparente desordem da heterogeneidade é, na realidade, ordenada, daí: a ordem na desordem" – é o pressuposto geral da teoria da variação e da mudança linguísticas proposta por Weinreich et al. (2006).

Os autores entendem por mudança linguística as alterações estruturais entre os indivíduos e a língua desses indivíduos ocorridas em uma comunidade complexa no curso do tempo. Dessa forma, a mudança é analisada como um processo contínuo e como subproduto da interação linguística. Nesse modelo de estrutura linguística, está prevista a "diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas" (idem, p.125).

O foco deste estudo é a investigação dos usos das formas de tratamento pela população negra do início do século XX e dos valores atribuídos a esses usos por meio de um *corpus* jornalístico: a imprensa negra paulista. Esse material representa um privilegiado meio de informações sobre a situação linguístico-social da população afro-brasileira do período pós-abolição da escravatura no Brasil e revela dados valiosos acerca da tentativa de reconhecimento social dessa população também por meio da aquisição da norma linguística de prestígio da época. É relevante o fato de que a imprensa negra está sendo analisada pela perspectiva linguística após muitos anos de estudos que privilegiaram os fatores históricos, pedagógicos e sociais – que, por sua vez, fornecem relevantes contribuições para a pesquisa linguística.

Além disso, ainda compõe o *corpus* para análise um jornal de circulação mais ampla na cidade de São Paulo, *O combate.* A com-

paração desse jornal com os periódicos da imprensa negra possibilitou que se avaliassem quais usos são típicos da população negra (e, por conseguinte, sua motivação) e quais usos representam as estratégias gerais de tratamento dos grupos dominantes da cidade de São Paulo no período em questão.

Para o estudo da língua em um *corpus* dessa natureza é relevante a proposta de Bonini (2003), em que o autor considera que o gênero jornalístico é, na realidade, um suporte (ou hipergênero) para outros gêneros. Esse cuidado metodológico é de fundamental importância, uma vez que cada um dos gêneros contidos no jornal tem características e funções particulares e, portanto, faz um uso linguístico adequado a seu objetivo específico. A partir dessa noção do jornal como um hipergênero, o estudo das formas de tratamento na imprensa negra e em *O combate* está relacionado com as características de cada uma das diferentes seções dos jornais e com a história social da população negra e da cidade de São Paulo do início do século XX.

A razão pela escolha de uma forma de tratamento em detrimento de outras pelos redatores dos jornais da imprensa negra paulista está motivada, na maior parte das ocorrências, por uma tentativa da população negra no período de se inserir na parcela dominante da sociedade, dando indicativos de seu *status* social também por meio desse dado linguístico. Nesse sentido, a semântica do poder e da solidariedade, proposta por Brown & Gilman (1972), contribui para esse estudo.

A proposta do capítulo 1 (Panorama sócio-histórico da imprensa paulista) é apresentar um panorama histórico do jornalismo em São Paulo, a fim de sinalizar o contexto de surgimento dos jornais da imprensa negra e de *O combate.* A partir desse panorama é possível depreender alguns dados acerca dessa parcela da população negra que, majoritariamente, emprega a língua portuguesa em sua variedade popular. Nessa seção ainda está em foco a discussão acerca das características fundamentais da imprensa negra e dos jornais selecionados.

O capítulo 2 (O hipergênero jornalístico) é uma apresentação de uma das escolhas teórico-metodológicas desse estudo, baseada nas

pesquisas de gênero textual de Marcuschi (2005; 2006) e de Bonini (2003; 2006). Nessa seção, além de se apresentar a teoria que embasa esse estudo, faz-se também uma proposta de classificação dos gêneros que permeiam os jornais em análise.

O capítulo 3 (O sistema de formas de tratamento: perspectivas teóricas) apresenta um panorama teórico acerca do estudo do sistema de formas de tratamento, incluindo a semântica do poder e da solidariedade de Brown & Gilman (1972), a noção de tratamentos alocutivos, elocutivos e delocutivos de Soto (2001) e a proposta da interatividade no texto escrito de Andrade (2008). A partir disso, das motivações histórico-sociais e da noção de hipergênero jornalístico, faz-se no último capítulo (Uma proposta de análise comparativa entre o emprego de formas de tratamento na imprensa negra e em *O combate*) uma comparação entre os jornais da imprensa negra e *O combate* estabelecendo alguns pontos de intersecção entre a história interna e a externa da língua portuguesa, mais especificamente das formas de tratamento empregadas pela população negra e pelos grupos dominantes de São Paulo nos anos iniciais do século XX.

1
Panorama sócio-histórico da imprensa paulista

[...] em nenhum lugar, de fato, estará a História pronta, esperando a mão do linguista para colhê-la. Essa história terá que ser escrita pelo próprio linguista concomitantemente aos seus estudos linguísticos. Escrever essa história implica em historicizar os conceitos que utilizamos, implica desenvolver modos de historicizar o nosso fazer disciplinar.

(Müller de Oliveira, 2001, p.402)

O jornalismo em São Paulo: primeiras páginas da imprensa negra

A passagem do século XIX para o XX representou um efervescente período de mudanças no panorama econômico e social do Brasil, sobretudo da região Sudeste. Esse período marcou transformações não apenas de ordem prática, mas também na concepção e no modo de vida das pessoas e, por conseguinte, na compreensão do papel da imprensa na sociedade. Luca (2005, p.137), ao refletir sobre esse novo panorama histórico e as consequentes mudanças na imprensa, destaca a rapidez desse processo.

> A chegada do século XX parecia anunciar mais do que uma simples mudança no calendário; tratava-se de adentrar um novo tempo, que deixava para trás o passado monárquico e escravista. A nascente produção fabril, o crescimento do setor de serviços, as levas de imigrantes, a nova paisagem técnico-industrial que se delineava em algumas cidades, os avanços nas comunicações e no letramento da população, preocupação do governo republicano recém-instalado, justificavam o otimismo, regado com os lucros das exportações. Velocidade, mobilidade, eficiência e pressa tornaram-se marcas distintivas do modo de vida urbano e a imprensa, lugar privilegiado da informação e sua difusão, tomou parte ativa nesse processo de aceleração.

Esse período, portanto, delimita um importante momento para a imprensa no Brasil: a transição da pequena à grande imprensa. Dessa forma, as diversas redações de pequeno porte perdem espaço para as grandes empresas jornalísticas, refletindo as modificações que estavam em curso na sociedade.

Segundo Luca (idem), essa emergente empresa jornalística passa a ter em seu horizonte o aumento da produtividade e do lucro a partir do desenvolvimento de novas técnicas de impressão e, consequentemente, do representativo aumento e barateamento da produção e da melhoria na qualidade dos exemplares – a fim de agradar ao novo contingente de público leitor, oriundo principalmente da crescente classe média urbana.[1] Entretanto, todas essas modifi-

1 Entende-se por classe média urbana a parcela da população da cidade de São Paulo que vivia a partir de atividades comerciais, industriais, culturais e de outras prestações de serviço típicas do ambiente citadino. Dessa forma, não dependia diretamente das elites agrárias. Trata-se, portanto, de um contingente populacional alfabetizado, do início do século XX, em que se incluem as pessoas intelectualizadas. É válido ressaltar que essa classe social "responde pelo aumento no número de rádios, televisões e aparelhos de som, pela maior frequência aos cinemas e teatros, pela multiplicação nas cidades de cursos, colégios e universidades [...], pelo alto consumo de livros e revistas [...]" (Silva,1983, p.193). (Para maiores informações, cf. de Vita,1994; Silva, B., 1986).

cações de cunho empresarial não fizeram com que a concepção fundamental do jornalismo da época, de produzir textos a serem publicados com caráter opinativo, visando a interferência na vida pública e política, se alterasse.

Em função desse processo de produção empresarial, as folhas menores tiveram seu espaço reduzido enquanto produção jornalística. Contudo, ainda era comum, nos primeiros anos do século XX, a publicação de jornais com pequenas tiragens, que refletiam as necessidades de comunicação de diferentes grupos sociais, como operários, professores, religiosos, comerciantes, estudantes etc. Essas publicações indicavam as novas formas de convívio que se articulavam na sociedade paulistana, em virtude do acelerado processo de urbanização da metrópole em construção.

Nesse contexto, a imprensa negra paulista caracterizou-se por ser um movimento jornalístico organizado por negros e dedicado a essa população a partir dos anos iniciais do século XX, ou seja, em um período imediatamente posterior à abolição da escravatura no Brasil. Nesse momento, a comunidade negra tinha a necessidade de buscar um espaço na sociedade paulistana, e com essa finalidade os jornais publicados funcionavam como um estandarte de inserção social, uma vez que os redatores desses jornais aconselhavam os membros da comunidade ao trabalho, ao abandono de vícios, além de exaltarem a importância de seus eventos e agremiações sociais.

O trabalho de investigação dos jornais que constituem essa imprensa resgata, portanto, uma inesgotável fonte de informações sobre a situação histórica da população negra após a libertação da escravidão e início do regime republicano. Em função dessa conjuntura política e econômica – a passagem do regime servil para a contratação de mão de obra assalariada de imigrantes –, a população negra foi colocada em desleal competição com os trabalhadores brancos, de forma que, lentamente, os negros passaram a ser absorvidos no mercado de trabalho nas profissões mais humildes e mal remuneradas. Consequentemente, essa parcela da população de São Paulo ficou às margens do grande surto comercial e industrial que ocorreu na cidade na primeira metade do século XX.

Nesse sentido, Fernandes (1978) defende que foram três os fatores que mais prejudicaram a integração do negro na sociedade paulistana: o primeiro fator está diretamente ligado ao modo como se deu o processo de expansão urbana de São Paulo, que não reproduziu o padrão típico das cidades brasileiras ao não se desenvolver em conexão com o progresso agrário; outro fator essencial mencionado pelo autor é a competição desleal com o imigrante europeu, que absorveu as melhores oportunidades de trabalho; e, como último fator, Fernandes coloca uma questão ideológica ao classificar São Paulo como o primeiro centro brasileiro marcadamente burguês, baseado em uma concepção de mundo tradicionalista e de dominação patrimonialista.

De maneira geral, a condição de homens livres provocou nos negros uma nova percepção de seu papel social e de seu *status* na sociedade. Essa nova compreensão originou dois tipos de comportamentos contraditórios, segundo ressaltam Bastide & Fernandes (1959, p.125):

> De um lado, alimentava ela uma atitude de reação latente entre a associação de cor de pele e uma situação social degradante. Mas de outro, sublinhava a excelência dos valores da camada racial dominante, à medida que os transformava em símbolo de dignidade e de independência, e desencadeava sentimentos de inferioridade, que compelia as pessoas de cor livres a evitar o convívio com os brancos.

Em depoimento fornecido a Cuti (1992),[2] José Correia Leite (1900-1989), um dos grandes militantes negros do século XX e fundador do jornal *O clarim d'alvorada*, comenta a mácula deixada pelo longo período de escravidão no Brasil:

> Esse meu depoimento espero que possa ser um ponto de referência para as pessoas interessadas em saber o que houve, o que

---

2 Esses depoimentos foram compilados e se transformaram no livro póstumo. Cf. Leite, J. C. & Cuti. ... *E disse o velho militante José Correia Leite*: depoimentos e artigos. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.

> fez uma minoria preocupada em apontar os erros e injustiças da tal abolição da escravatura. Só o negro pode advogar essa questão. As consequências ainda estão aí. É uma carga muito forte e negativa dos 400 anos de retardamento não só físico, mas também mental e espiritual. Então, um grupo mais ou menos esclarecido entendia que o negro devia ir a campo para se conscientizar e combater com a mesma arma do branco: cultura e instrução, o que o negro não tinha nem se preocupava em ter. E nós tínhamos de enfrentar também o meio branco. Para uma boa parte dele, o negro estava muito bem aqui no Brasil, tinha liberdade para morrer de beber cachaça, de tuberculose... Mas havia brancos que se preocupavam humanamente, dentre os quais alguns conheciam o problema melhor que a gente. Mas, de maneira geral, os brancos viam no negro uma raça inferior, achavam que nós não tínhamos necessidade de subir, e que o mínimo para a sobrevivência era o bastante. (Leite, 1992, p.21)

A formação da imprensa negra se deu, de acordo com Ferrara (1986), pela necessidade dos negros de veicularem as reivindicações por melhores condições de vida e as propostas de inserção na sociedade brasileira. Dessa forma, esses jornais tiveram um papel fundamental na elaboração de uma identidade afro-brasileira.

De modo geral, os editores dos jornais representavam um conjunto de intelectuais negros, que pertenciam a um restrito grupo de alfabetizados. Ainda assim, dentro desse grupo de intelectuais, pouquíssimos pertenciam de fato à grande burguesia, pois atuavam, em geral, como funcionários públicos de baixo escalão, motoristas particulares, cozinheiros etc. Apesar do fato de que esses jornalistas não estavam inseridos em uma classe social bem favorecida, eles ainda constituíam uma pequena "elite", uma vez que, nas primeiras décadas do século XX, a instrução formal ainda não era difundida na maioria dos meios sociais.

É nesse sentido que Garcia (1997) defende que os negros que compunham essa elite sofriam um processo de "aburguesamento", por defenderem avanços culturais e materiais para a comunidade negra, sobretudo por meio do incentivo à educação e adequação

desses negros aos valores da sociedade dominante paulista, particularmente burguesa.

A população negra no Brasil, desde o período da escravidão, sempre se organizou em associações, que, embora por vezes frágeis, sempre foram constantes, como os quilombos, os batuques, as confrarias religiosas e o candomblé. Após a abolição, foi comum o surgimento de associações culturais e festivas que reuniam essas pessoas em torno de objetivos comuns. Essas associações promoviam bailes, frequentados pela parte favorecida da comunidade negra, que, segundo depoimento de Leite (1992, p.45), era composta por "cozinheiras de forno e fogão em casa de famílias importantes" e homens em boa condição social, como chofer, cozinheiro ou funcionário público (situação em que dificilmente passavam de contínuo). Era justamente nesses bailes que se realizava a maior circulação dos jornais da imprensa negra, e, como poucos pagavam por eles, os periódicos acabavam sendo distribuídos gratuitamente.

Leite também revela que grande parte dos jornais tinha vida curta ou periodicidade inconstante, por serem os próprios redatores que bancavam os custos da impressão e quase sempre acabavam em prejuízo. É perceptível que o trabalho desses redatores se dava em razão da luta por um ideal, por acreditarem na imprensa como um meio legal para tentar melhorar a vida de seus iguais. Isso fica claro neste relato de Leite (idem, p.74):

> Toda preocupação era aquela: unir os negros para uma luta de reivindicação junto aos governos, para que eles ouvissem nosso apelo. Naquele tempo o negro ainda pensava nisso. Porque o 13 de maio ainda não estava longe. Não era como hoje que está há quase cem anos passados. Naquele tempo era questão de menos de quarenta anos, trinta e poucos anos de distância, de modo que muitas daquelas pessoas de idade eram netos ou filhos de escravos.

No entanto, apesar da clara noção de que a escravidão ainda estava, temporalmente, muito próxima, os redatores do jornal não buscavam promover um resgate de suas raízes africanas. Isso não

acontecia em razão de se negar a ancestralidade, mas de constituir uma identidade afro-brasileira – ou seja, perpetuar a ideia de que o negro nascido no Brasil é brasileiro. Outro ponto defendido pelos estudiosos da imprensa negra acerca da pouca alusão à África nesses periódicos é a falta de informação sobre esse continente no Brasil da época.

Uma vez que os intelectuais responsáveis pelos jornais tinham o objetivo maior de conclamar a atenção dos negros para a necessidade de reconhecimento social, alguns ideais eram transmitidos incessantemente pelos jornais da imprensa negra, sobretudo no que concerne à educação, ao incentivo ao trabalho e à união:

> **Aos leitores**
>
> Digam o que quizerem, mas é uma verdade, estamos convencidos que a maioria dos nossos homens de cor, pouco ou nada fazem para sahirem do triste estado de decadencia em que vivem! É lastimável!
>
> Nós precisamos unirmo-nos, porque é da união que nasce a força. Empunhando o nosso estandarte em pról d'um idéal elevado, como seja: o combate ao Analphabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos, do que quando o Brazil era uma feitoria; é que não recuamos perante os ataques e zombarias dos pessimistas e dos que vivem sómente para lançar a desharmonia no seio da nossa classe. Vamos, meus amigos, um pouco de bôa vontade, porque combater o Analphabetismo é dever de honra de todo do brazileiro. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)
>
> Para nós vencermos essa difficuldade, precisamos trazer os livros didacticos da nossa terra na dextra e na outra os utensílios do trabalho que representam os formidaveis progressos do nosso glorioso estado de S. Paulo, expoente maximo da União. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928)

Além desse caráter instrutivo, os jornais também se dedicavam a noticiar a vida social da comunidade negra, visando uma divulgação de sua organização social. Nesse sentido, eram publicadas nos

jornais, tal qual comumente ocorria com a imprensa da época, *notas* que divulgavam aniversários, casamentos, batizados e falecimentos. Havia também destaque às notícias que divulgavam os próximos eventos das associações e aos comentários dos bailes realizados. Nesses comentários, havia um cuidado por parte dos redatores em enfatizar a boa organização e o *status* atingido pelas festividades:

> O baile esteve animadíssimo e foi até alta madrugada, dentro de um respeito admiravel e na maior ordem possivel, o salão estava adornado com a presença das mais distinctas famílias do nosso meio social, por este facto veio esta festa relembrar aos innumeros cavalheiros que lá se encontraram: – As pomposas festas promovidas pelas respeitáveis sociedades de outr'ora. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.7, ago. 1928)
>
> **Uma surpreza**
> Num dos intervallos do ensaio do "Barão do Rio Branco", no dia 13 do mez passado, foi o sr. Adolpho Lima, digno presidente do mesmo, surprehendido com a entrega de um ramalhete de flores artificiaes e de um officio enviado pelo centro R. Araraquarense, em sinal de congratulação com o Gremio. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)
>
> **Pic-nic em Campinas**
> Esteve concorridissimo o convescote organizado pela Directoria do "Club dos Alliados", no dia 29 de Outubro p.p. na visinha cidade de Campinas. No primeiro trem da manhã, seguiram muitas senhoritas e cavalheiros do nosso meio social, para áquella localidade [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

Em termos gerais, era também por meio dessa imprensa que os negros paulistanos buscavam fazer com que sua voz tivesse o devido espaço e reconhecimento na cidade de São Paulo. É nesse sentido que Ferrara (1986, p.199) caracteriza o advento da imprensa negra como uma ferramenta, utilizada por parte da comunidade negra, para promover a inserção social:

> Neste período o negro tenta sua integração à sociedade brasileira; para tanto procura identificar-se com a sociedade dominante, assimilando ou copiando valores brancos, pressupondo a união do grupo negro e o desenvolvimento da solidariedade, através de apelos, o que levará a uma coesão do grupo negro, sendo a imprensa o veículo para essa integração.

O movimento da imprensa negra, segundo Ferrara (idem), pode ser dividido em três principais períodos, relacionados em torno de características comuns, a saber:[3]

– Primeiro período: de 1915 a 1923;
– Segundo período: de 1924 a 1937;
– Terceiro período: de 1945 a 1963.

O *primeiro período* da imprensa negra tem um caráter pedagógico, para conscientizar a população negra a adequar-se ao regime social imposto pela camada dominante e, assim, promover a inserção social desses indivíduos. Com esse intuito, era comum a publicação de pequenas notas sobre eventos sociais que envolvessem a população negra, como batizados, casamentos, aniversários, ou, ainda, festas religiosas, falecimentos e mesmo "mexericos". A intenção nessa ocasião era assinalar comportamentos adequados para os negros por meio da demonstração de bons exemplos ou apontar atitudes julgadas indesejáveis pelos redatores. Assim, era prática constante dos redatores aconselhar sobre a maneira de vestir-se corretamente, a não frequentar bares e evitar situações desagradáveis para que, dessa forma, se desmitificasse a imagem do negro como vagabundo e alcoólatra.

Ferrara (idem) atribui as características dessa primeira fase aos jornais paulistanos *O Menelick* (1915), *A rua* e *O Xauter* (ambos de 1916), *O alfinete* e *O bandeirante* (lançados em 1918), *A liberdade*

3 A periodização da imprensa negra varia em alguns anos e referências ao primeiro jornal, dependendo do estudioso em questão. Neste trabalho segue-se a proposta de Miriam Nicolau Ferrara (1986).

(1919), *A sentinela* (1920), *O Kosmos* (1922) e ao jornal de Campinas *Getulino* (1923).[4]

O *segundo período* da imprensa negra foi inaugurado com o surgimento, em São Paulo, da segunda fase do jornal *O clarim d'alvorada*, em 1928.[5] Junto com seus idealizadores, Jayme de Aguiar e José Correia Leite, veio o ideal de união do povo negro, portanto, com um caráter muito mais combativo. Ao apontar as diferenças entre o primeiro e o segundo período dessa imprensa, Ferrara (idem, p.104) afirma que,

> se neste segundo período a imprensa trata dos mesmos temas explorados no primeiro, agora o que difere é a maneira de enfocá-los. A produção jornalística atinge seu ápice, sem palavras atenuantes, de forma direta e objetiva; quer unir o grupo negro para, mais fortalecido, reivindicar direitos e reclamar participação na sociedade.

Um ponto importante a ser mencionado nesse segundo período foi a articulação política da Frente Negra Brasileira (FNB), no início da década de 1930. O objetivo principal da FNB era a ascensão social do negro, e para isso, estimulava o negro a estudar, trabalhar, ter casa própria e progredir. Esses objetivos eram divulgados pelo jornal oficial da FNB, *A voz da raça*.

Ferrara (idem) classifica como pertencentes à segunda fase do movimento os seguintes jornais da cidade de São Paulo: *O clarim d'alvorada* e *Elite* (ambos de 1924), *Auriverde* e *Progresso* (1928), *Chibata* (1932), *Evolução* e *A voz da raça* (1933), *Tribuna negra* (1935); e os seguintes jornais do interior do estado: *O estímulo* (São Carlos, 1935) e *O patrocínio* (Piracicaba,1928).

---

4 Ferrara declara que a imprensa combativa surge em Campinas com *Getulino* (o nome do jornal homenageia o abolicionista Luiz Gama), por ser considerada essa cidade como uma das mais racistas do estado de São Paulo.

5 É interessante notar que no próprio número inaugural de *O clarim d'alvorada*, datado de 5 de fevereiro de 1928, existe a declaração do início de uma segunda fase, representando o marco de um novo programa para o jornal e, consequentemente, para o movimento de imprensa negra. Para uma maior discussão a esse respeito, cf. item *O combate*.

Esse segundo período termina em 1937, com o início do Estado Novo e o fim da liberdade de imprensa. Os jornais da imprensa negra só voltam a ser produzidos em 1945, com a redemocratização da política nacional. Nesse *terceiro período*, portanto, a grande diferença dos anteriores se dá pela explicitação de temas políticos, com uma propaganda política declarada, tal como o apoio a candidaturas de políticos aliados.

Fazem parte dessa fase, além dos periódicos que ressurgiram, os jornais *Mundo novo* (1950), *O novo horizonte* (1954), *Notícias de ébano* (Santos, 1937), *O mutirão* (1958), *Hífen* (Campinas) e *Níger* (1960), *Nosso jornal* (Piracicaba, 1961) e *Correio d'ébano* (Campinas, 1963).

O alfinete, O Kosmos e *O clarim d'alvorada*

Três jornais da imprensa negra foram selecionados para o estudo das relações interdependentes entre a contextualização histórica e social do período de produção dos periódicos da imprensa negra e o estudo linguístico, mais especificamente, o emprego do sistema de formas de tratamento nesses jornais: *O alfinete, O Kosmos* e *O clarim d'alvorada*.

Esses jornais contam com um grande número de edições preservadas e disponíveis em microfilme no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e no Arquivo do Estado de São Paulo.

O alfinete foi editado pela primeira vez em 1918 e perdurou até 1921, com o subtítulo "Órgão literário, crítico e recreativo dedicado aos homens de cor". O diretor de *O alfinete* era A. Oliveira, mas nesse periódico o jornal contava com muitos outros colaboradores, sobretudo porque se ressaltava que o jornal era um espaço aberto para a expressão de ideias da comunidade. Foi um periódico da primeira fase da imprensa negra, portanto com objetivos de estabelecer um certo padrão para o comportamento dos negros (Figura 1).

ANNO I || São Paulo, 3 de Setembro de 1918 || NUM. 2

O Alfinete

ORGAM LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO

DEDICADO AOS HOMENS DE COR

Publica-se quinzenalmente | COLLABORADORES DIVERSOS | DIRECTOR: A. Oliveira

— EXPEDIENTE: —

ANNO. . . . . 4$000
SEMESTRE . . . . 3$000
AVULSO. $100
PAGAMENTO ADIANNTADO

Todas as collaborações devem ser enviadas á rua Tibiriçá, 6 — (Luz).

Aos nossos leitores

Nas leis psicologicas das evoluções dos povos, o papel da raça negra, embora seja inferior em alguns paizes como nos da Affrica, é tão importante e marcha em igualdade de condições moral e intellectual quanto os outras raças.

Nos Estados Unidos a sua capacidade creadora é assombrosa. Ella distingue-se em todos os pontos de vista na agricultura, e na industria, o despertar de sua energia vital, alliada a umasolida cultura intellectual desenvolveu maravilliosamente o progresso dessa grande nação, cuio commercio supplantou os das maiores potencias da Europa. No proprio paiz ella impoz-se ao respeito de sua rival, a branca, com a qual trilha paralelamente no caminho da civilisação.

E no Brazil? Em tempo não remoto exestiram homens de côr, verdadeiramente orgulhosos de sua classe. José do Patrocipio espirito combativista no jornalismo brazileiro, sustentour e defendeu com brilho a companha abolicionista até quebrar as ultimas elos que nos prendiam ao ferrete da ignominia — a escravatura.

Luiz Gama, tambem de côr, trabalhou infatigavelmente em defeza de sua classe até o surgir, a 13 de Maio de 1888 da aurora triumphal da nossa liberdade.

Pois bem, desde esse dia que devia abrir a senda para o primeiro passo de um futuro melhor eis que a nossa raça, cae e desaparecer incensivelmente no borborinho da civilisação da branca, atropliando-se todos as suas energias, despanperando se moralmente, sem nuca impor-se a nenhuma questão quer de ordem social quer intelletual.

Parece que vive com o pensamento accorrentado, ou si se julga na realidade inferior, e neste caso, petulante si se introduzir em assumptos que lhe não competem.

Mas de que serviu finalmente a lei do abolicionismo no Brazil?

Unicamente para mostrar ao extrangeiro a nossa apparente civilisação, porque se ella aboliu a escravatura official, implantou o servilismo particular; se derrubou o regimen de escravas obrigatorios impoz o de servos voluntarios.

Quem são os culpados dessa negra mancha que macula eternamente a nossa fronte?

Nós, unicamente nos que vivemos na mais vergonhosa ignorancia no mais profundo abscecamento moral, que não comprehendemos finalmente a angusticsa situação em que vivemos.

Cultivemos, extirpemos o nosso analphabetismo e veremos se podemos ou não imitar os nort-americanos.

OLIVEIRA

Preconceitos: de raça

Ao bom e dedicado amigo Candido Lupes de Siqueira

Cumpriremos o nosso dever para com a nossa razão, os nossos sentimentos e a nossa patria, se soubermos estabelecer as necessarias proporções do nosso saber e das nossas virtudes, nas manifestações das nossas sympathias e affeições.

Sim, se isto fizermos, realisarejnos a harmonia e a tolerancia, porque o meio em que as vezes nos achamos, não nos permitte os arroubos das mais felizes e puras explosões da nossa consciencia.

Precisames, portanto, usar do discernimento, afim de captar a amizade e a consideração daquelles que não pensam como nós.

Para isso convem calarmo-nos, por meio dos nossos exemplos, na pratica de tudo quanto possa revelar o espirito, de bondade, de carinho, de doçura de perseveraaça e de abnegação, podemos fallar mais alto e melhor do que as palavras que poucas vezes actuam na nossa razão.

E' na calma das nossas meditações que podemos apreciar o justo valor dos nossos conhecimentos, acções e affectos.

Tudo no mundo tem a sua utilidade, todo gira na escala da evolução, tudo contem em si o germem de uma vida que se manifesta como vibração, luz e calor.

Comprehender isto é penetrar no mysterio da creação, quero dizer, e ter encontrado a chave do verdadeiro conhecimento que é a unidade na diversidade ou a essencia divina circulando em todo o universo.

O que nos amamos e veneramos nos nossos semelhantes não é a sua forma corporea, nem tão pouco temos a ideia das suas virtudes pelo seu vestuario e calçado, assim tambem não deveremos olvidar ou desprezar um homem de cor preta, porque muitos dessa raça poderiam ser o estimulo na pratica do Bem e do Dever, e muitos brancos ou a esses moços bonitos que são verdadeiros parasitas sociaes, cerebros ôcos sem ideaes, não tendo um fim nobre e elevado a attingir na vida.

Todos os homens que mais se tem distinguido no Brasil, como sejam José do Patrocinio, Luiz Gama, dois vultos que se esforçaram em pról do ideal da abolição da escravatura; Coelho Netto, illustre escriptor e poeta; Calixto Cordeiro, o querido cariceturista; Armando Prado notavel advogado e oredor; e muitos outros são a gloria e o talento dessa raça martyr; a nossa patria infelizmente, tem essa mancha que os seculos não limparão, porque é monstruosa, provando a decadencia e ignorancia em que jaziamos — A escra-

Figura 1 – *O alfinete*. Fonte: *O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918.

Leite (1992, p.33) define *O alfinete* como um jornal que continha fofocas, mas não de cunho ideológico e político: "As alfinetadas [eram] no sentido de corrigir a moral, denunciar pessoas que aparentemente tinham dignidade, mas escorregavam".

Esse jornal contava com três colunas que foram recorrentes ao longo de sua história: a seção "Alfinetadas" é definida por Garcia (1997, p.80) como contendo "matérias de opinião do jornal em referência aos procedimentos sociais dos 'homens pretos'"; em "Reparando" havia "dicas sobre como os negros deveriam comportar-se nas sociedades dançantes onde o jornal era divulgado e expunha sua crítica" (ibidem); e, por fim, na coluna "Aos leitores" o jornal "chamava a atenção da *classe* para a importância de se desenvolver intelectualmente" (ibidem).

É interessante notar que havia uma preocupação dos redatores do jornal com o "bom uso" da língua portuguesa, para que esse veículo de informação servisse como fonte de instrução para a população negra. Nesse sentido, havia um *Cabo da guarda*, possivelmente o pseudônimo[6] de um dos redatores, que publicava dicas de português, dando alguns conselhos para que os leitores pudessem escrever seus próprios textos. Como ilustração, seguem alguns conselhos dados pelo Cabo:

> Caixa do "Alfinete"
>
> Snr. Frederico Baptista de Souza: – Muito bem, gostamos muito de pessôas como o amigo diz as verdades e teve uma ideia muito feliz. Nossos parabens, Será publicado seu trabalho.
>
> Snr. Joaquim Antão Fernandes Filho: – O seu trabalho está por demais confuso. Leia bastante as boas obras de literatura e poesia. Mande alguma cousa menos sentimental e menor.
>
> Snr. Horacio da Cunha: – Ahi está o seu apello, está satisfeito?
>
> Snr. Gastão: – A sua carta aberta será publicada.
>
> Snr. Baptista: – Seu sòneto não póde ser publicado falta a metrificação, que é o essencial. Um conselho: Leia o tratado de metrificação de Olavo Bilac, na parte que trata dos sonetos. (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

6 Era prática comum dos colaboradores dos jornais o uso de pseudônimos, para preservar a identidade da crítica, mas, sobretudo, pela falta de pessoas que contribuíam com a publicação de seus textos.

O jornal *O Kosmos* conta com um valor bastante significativo para a história da imprensa negra paulista devido a algumas peculiaridades. Seu lançamento se deu no dia 7 de setembro de 1922, tendo como redator-chefe Abílio Rodrigues. Apesar de tanto *O alfinete* quanto *O Kosmos* serem classificados como pertencentes à primeira fase dessa imprensa, o diferencial entre os dois jornais é atribuído à diferença de propósitos: enquanto o primeiro propunha-se a discorrer sobre a vida social e pessoal dos membros da comunidade negra, o segundo era o jornal oficial do Grêmio Recreativo Kosmos, que tinha a função social de prestar serviços à comunidade negra (Figura 2).

Com esse intuito, logo no cabeçalho, *O Kosmos* diferenciava-se dos demais jornais por não trazer como subtítulo os dizeres "dedicado aos homens de cor", e sim "Orgam Official do Gremio Dramático e Recreativo Kosmos". Essa diferença justifica-se pelo fato de que o grêmio Kosmos tinha um programa educativo dirigido à comunidade negra que contava com atividades culturais e profissionalizantes, de forma que, nessa associação, a comunidade, além de usar o espaço para se relacionar socialmente, também encontrava um ambiente favorável para leituras em conjunto, saraus para leitura do jornal e de literatura, oficinas de corte e costura, aulas de alfabetização e reuniões para comemoração de aniversários, batizados e outras festividades.

Além disso, outro diferencial do Kosmos é seu projeto na área da dramaturgia, por contar com uma escola efetiva de teatro, que mantinha vários integrantes do movimento negro reunidos em torno dessa atividade cultural. Esse grupo representava peças criadas pelos próprios integrantes e outras já consagradas no cenário artístico.

Leite (1992, p.33), ao fazer uma menção respeitosa a essa sociedade e a esse jornal, atribui o sucesso do Kosmos aos bons atributos de seu presidente:

> Todas elas [as sociedades negras] promoviam bailes, embora tivessem nascido com a ideia de serem beneficentes para ajudar negros. Entretanto, uma das poucas que mantinham esse objetivo era o Kosmos. Havia nessa sociedade um corpo cênico e um jornal. O presidente era funcionário da Faculdade de Direito, um grande homem chamado Frederico Baptista de Souza.

Assignaturas

Anno . . . 5$000

Semestre . . . 3$000

N. avulso . . . $200

O KOSMOS

Redactor
Abilio Rodrigues

Gerente
Joaquim Domingues

Secretario
José M. M. Baptista

ORGAM DO GREMIO DRAMATICO E RECREATIVO «KOSMOS»

ANNO I | S. PAULO, OUTUBRO DE 1922 | NUM. 5

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser enviada para a rua Vergueiro, 116 casa 9. Só se acceita collaboração de assignantes. Os originaes, mesmo não publicados não serão devolvidos.

Publica-se uma vez por mez.

— A typographia encarregada da impressão desta folha, deixou por motivos imperiosos, attinentes ao serviço, de attender as emendas suggeridas nos autographos; obrigando por essa forma, de sahir publicado novamente as quadras: — «*Passagens da vida*».

Razão pela qual, pedimos desculpas aos amaveis leitores e leitoras, e o mesmo tempo; fazer sciente, que a começar deste numero serão feitas as cobranças das assignaturas.

O pagamento deverá ser feito, mediante recibo assignado pelo Gerente desta folha, sem o que, não terá valor.

NO BOSQUE

Passeio agradavel, com suas arvores copadas e verdejantes, com seus logares apropriados para uma palestra intima; lago onde deslizam patos grandes; onde maniferos quadrumanos saltam de um lado a outro; emfim, cercado de mil atrativos, alli está o Bosque Campineiro, convidando o viajante a um descanço que, na retirada, terá a saudade, essa saudade que não se pode olvidar, essa saudade que traduz a verdade.

Ainda mais, quando em nossa companhia temos um Benedicto Florencio, alegre, brincalhão e expansivo, não admittindo um pequeno signal de tristeza.

Entre as voltas dadas nas ruas, verdadeiros bosques, tudo nos encantava, chamava a attenção, aqui um taquaral formando um caramanchão, mesas exparsas etc.; alli o enorme Jequitibá com enorme plasta de cimento, posta pela mão do homem, procurando remendar os extragos feitos pelo tempo na obra da natureza: mais além, o bar, convidando o visitante a um descanço, a um refresco artificial; e tudo nesse dia parecia uma historia do paraizo; sim, um paraizo porque conjunctamente em nossa companhia existia duas senhoras, mas... voltando nosso olhar para as grandes gaiolas, caminhamos para um cercado, onde em redor as arvores davam a sombra consoladora a um pobre penitente; alli, dormindo em um caixão, estava uma enorme "giboia", enrolada, esquecida de tudo, dormindo serenamente, sem se incommodar com os rumores em redor: a um lado, sobre uma pequena latada numa pouca d'agua, com os olhos imensamente abertos, sem um pequeno movimento, olhando firme para o lado da "giboia", lá estava um pobre "sapo", esperando a hora fatal.

Um, dormindo placidamente, o outro, sem um recurso de salvamento, encarando o algoz, esperando a hora para ser devorado por tão temivel inimigo!

Que contraste! Quiz eu ficar triste, mas o Florencio, percebendo isto, contou a historia do criador de cobras, e... esquecemos o sapo...

São Paulo, Outubro 1922.

X.

O TEU RETRATO

(A' MARIO FRANCO)

Recebi o teu retrato com a seguinte dedicatoria:

Ao meu amigo, Abilio Rodrigues.
— 19 — 9 — 922.

Está sobre a minha mesa, cheia de papeis, de livros, numa perfeita desordem, que eu mesmo em determinadas occasiões, julgo estar na dessa nossa amizade, nascida sobre lharias; onde os artigos, acham-se dispersos e não discriminados.

Mas, onde deixar o teu retrato, senão sobre a mesa? Numa cadeira, dentro de um armario, pregado a parede sem o competente quadro? Creio não ser natural.

O lugar mais apropriado que pude offerecer ao teu retrato, foi a minha modesta mesa.

Não se zangará porisso, nem irá fazer um mau juizo e tão pouco, julgará ser isto um despreso da minha parte.

Pela franqueza destes meus rabiscos, o amigo verá em tudo a perfeita amizade que ha muito nos prende. Se fosse outro, jogava a um canto, no fundo de uma mala, abandonado, a uma gaveta, entregue a ganancia das baratas e das traças; e quando fosse revolver os guardados, lá o encontrava amarrotado, sem côr, não percebendo mais os traços physionomicos, tão bem gravados pela machina photographica.

Deixal-o! Onde o colloquei está muito bem. Quando deparo com o teu retrato, recordo-me dos tempos que lá se vão. Lembro-me com saudades presença de um bazar de quinquio tablado de um pequeno palco; que cada um compenetrados do seu papel, gozamos os momentos de maior prazer; sentindo a mesma emoção da scena. E quantas vezes trabalhando no mesmo drama, com a mesma amizade que ainda hoje nos une, não fomos adversarios?

Eu sendo a victima e tu, o algoz!

Coisas de theatro!...

Vou comprar um album e collocarei com o maximo cuidado, conservando-o intacto, até quando mais não possa cuidar do teu retrato.

Agradeço essa prova. Offerecer o retrato a um amigo, é a verdadeira prova de amizade e de confiança.

Guardal-o-hei como reliquia!

Outubro - 922 — Abilio Rodrigues

O FERREIRO

(Conto Infantil)

Conta-se que um fazendeiro levantou-se um dia muito cedo e foi inspeccionar sua fazenda.

No [illegible] inho encontrou uma ferraria. [illegible] iro já estava trabalhan- [illegible] mio, [illegible] para trat [illegible]

"O Kosmos, na época, localizado na Rua Florêncio de Abreu, era a sociedade que não aceitava de jeito nenhum a permanência de pessoas de moral duvidosa no seu meio. Quando a entidade se mudou, passando a realizar suas festas num salão conhecido como Itália Fausta, chegou a ter um corpo cênico e um jornal."

Figura 2 – *O Kosmos.* Fonte: *O Kosmos*, ano I, n.5, out. 1922.

O lançamento do importante jornal *O clarim d'alvorada* deu-se na significativa data de 13 de maio de 1924 com a manchete "A nova abolição". Esse jornal teve como responsáveis o jornalista Jayme de Aguiar e o militante José Correia Leite. Inicialmente, os idealizadores desse jornal o nomearam de *O clarim,* mas logo descobriram que havia um jornal homônimo e foram ameaçados de serem colocados na justiça por plágio. Com isso, o jornal foi rebatizado com o nome de *O clarim d'alvorada* (Figura 3).

Os dois responsáveis pelo jornal inauguraram a segunda fase do movimento da imprensa negra em fevereiro de 1928.[7] Nessa ocasião, os redatores deixam claro no jornal que a partir daquele momento ocorria uma mudança na concepção do jornal e, por conseguinte, no movimento da imprensa negra e, por isso, enfatizam a inauguração da segunda fase. Como marco de entrada desse novo momento, é simbólico o fato de que esse jornal inaugural recebeu o número 1 (Figura 4) – muito embora houvesse quatro anos de publicações anteriores do jornal –, e a partir de então começou-se a contar o número de edição.

A transição da primeira para a segunda fase ocorreu, sobretudo, pelo fato de esses redatores acreditarem que a união da comunidade negra não deveria se restringir à organização de sociedades dançantes para fins simplesmente de entretenimento. Os dois acreditavam na possibilidade de organizarem uma associação com uma finalidade reivindicatória de fato, que garantisse aos negros a busca por um lugar justo na sociedade. Com um propósito ilustrativo, seguem o cabeçalho e alguns excertos do jornal inaugural dessa segunda fase:

---

7 Em 1924, ocasião do lançamento de *O clarim d'alvorada,* esse jornal era classificado como pertencente à primeira fase do movimento de imprensa negra. De 1924 a 1927, alternaram-se momentos de publicação e de recesso desse jornal, entre outras razões, por conflitos político-ideológicos de seus redatores. Dessa forma, é apenas a partir de 1928 que o jornal passa a ser considerado como pertencente à segunda fase desse movimento, com seu relançamento no cenário jornalístico da comunidade negra paulistana.

ANNO I — SÃO PAULO 1 DE JULHO DE 1928 — NUMERO 6

REDACTOR PRINCIPAL: JAYME DE AGUIAR

O CLARIM d'ALVORADA

REDACTOR SECRETARIO: JOSÉ C. LEITE

GERENTE: LUIZ DE SOUZA

PRORIEDADE DE UMA SOCIEDADE

PELO INTERESSE DOS HOMENS PRETOS
NOTICIOSO, LITERARIO E DE COMBATE

DIRECTORES: SANTOS E SOTER

SEGUNDA PHASE

O NEGRO PARA O NEGRO

O negro do Brasil grandioso, tem que se levantar, hoje ou amanhã, ou seja um dia; - - Dia de festa e de harmonia, momento feliz será, quando as mãos possantes dos negros sensatos se entrelaçarem para a communhão do amor, evangelizada na rota amargurada que vinha seguindo o grande José do Patrocinio. O formidavel jornalista e tribuno negro que, pereceu na maior miseria para deixar uma memoria limpa, para o nosso ledo orgulho. Luctador honrado e altivo, fez de sua penna e de seu verbo a bandeira de defeza dos seus ideaes; e, não tratou de sua defeza pessoal... Não enganou e não mentiu; não acreditou nas promessas porque tinha confiança na sua força; não se dobrou porque, tinha certeza na victoria de sua causa. Si verdade é que, estamos tratando de uma jornada de reivindicação doutrinarias; vamos fazel-a limpa e sem humilhar a memoria do nosso antepassado. Quarenta annos de reivindicações doutrinarias; vamos fa-crença; hoje, devemos tratar do negro [illegible] na pujança da raça. Não nos tra... orgulhos, certos favores, certas promessas, feitas por esses dessinteresados á nossa formidavel questão racial. Si ha quem pense, que, o negro ainda não tratou da sua educação, e para tal é necessario o apoio de gregos e troyanos; nós outros achamos que se torna preciso antes de qualquer ajuda; tratarmos da nossa UNIÃO, para evitarmos as innumeras divergencias que por certo surgirão; isto é, o que tem acontecido até a data presente. Precisamos luctar com vontade e coragem, e, não andarmos de chapéus nas mãos, implorando o nosso proprio [illegible], como se fossemos a escoria da invalidez social. Assim como diz o Sr. Alcides da Costa, em seu bem feito artigo, publicado nesta folha:

> O preto até hoje, não cuidou da sua melhoria social; não tem cuidado de sua instrucção; não tem cuidado, absolutamente de sua educação; e, finalmente, parece querer viver sob a direcção e protecção do branco, na illusão insensata de que nada vale, de que nada póde!...

Infelizmente, esta é a mais larga expressão da verdade, porém, a legitima protecção do branco, não veio totalmente ao encontro da raça negra do Brasil; porque, depois que o negro deixou de ser a formidavel machina productora; ficou só, parado na estrada do progresso. Uma ou outra familia consciente, tratou da educação dos filhos ou netos de seus escravos... Entre essas familias, declinamos aqui com o maximo respeito e carinho o nome sagrado para nós, do notavel soldado do imperio marechal Guilherme Xavier de Souza. Foi sob a protecção deste legitimo cavalheiro que, Cruz e Souza, recebeu a sua primorosa educação. Logo após, o negro foi substituido pelo immigrado, o pobre ficou sem norte, illudido com sua carteira de eleitor e com o seu titulo de cidadão brasileiro, mas, não o ensinaram a ler nem a escrever; classificado pelos altos sociologos, descendentes de raça inferior. Infeliz de nós, se nesses cáos da sciologia não apparecessem os grandes justiceiros, assim como o genial Saul de Navarro, que, ao glorificar a sua Mãe Preta, escreve n'uma hora feliz a pagina mais fulgurante, á raça desventurada.

> Não sabes ler o que aqui escrevo, em tua intenção e em teu louvor. Não te ensinaram a ler nem nos tempos negros da escravidão, mais negros que a tua pelle, não se ensinava a ler aos escravos, porque até as almas, as almas brancas e luminosas dos negros deviam ficar captivas com o corpo captivo

E, desta forma, apparecem tambem, homens da tempera do illustre immortal, Dr. Roquete Pinto, commettendo a maior das injustiças fallando na Academia Brasileira de Letras, da insufficiencia litteraria dos negros, esquecendo-se, no entanto, dessas miserias tantas. Porém, temos o nosso consolo, porque o [illegible] da raça martyrisada ficou latente, nas rimas riquissimas dos versos immortaes, burilados pela penna de ouro do grande auctor dos ultimos sonetos; João da Cruz e Souza.

* * *

O Brasil cresce, hoje, dominado pela transformação extraordinaria feita pelos dedos magicos do progresso; dentro do nosso liberalismo hospitaleiro, é o Brasil a esperança do Novo Mundo. E, nas terras novas do Brasil moderno, o negro humilde e operoso está formando a vanguarda do grande povo brasileiro. Precisamos, pois, admenirmos o nosso patrimonio collectivo; unificarmos a familia negra; e tenhamos do nosso grandioso nacionalismo, incendiado no espirito da nossa mocidade as doutrinas homericas que, o tradicionalismo luso americano nos legou.

LEITE..

DR. BAPTISTA PEREIRA

Conforme fôra annunciado, realisou-se no dia 19 do mez findo, na sala n.º 2 da Faculdade de Direito, a conferencia deste grande patricio, sob o thema "O BRASIL E A RAÇA", e, a raça negra que fôra o mais solido tronco na formação da nossa grandiosa nacionalidade, foi defendida brilhantemente pelo grande discipulo do immortal Ruy Barbosa. Reduzidamente diremos aos nossos leitores que, o grande orador em estudos scientificos em torno da raça negra; comparou-a a outras raças e atacando de rijo o preconceito de sua inferioridade Concluiu dizendo que, não devemos curvar a cabeça a accusação de mestiçagem, porque, mestiços são hoje, todas as raças do mundo, excepto pequenos nucleos de esquimós, lapões e pretos, em summa, affirma o notavel orador que o Brasil tem uma raça mestiça e superior. Em nome da raça negra, o distincto conferencista foi saudado pelo conhecido tribuno negro prof. Vicente Ferreira, que lá comparecera em nome do Centro Civico Palmares. E os dirigentes do pequeno "Clarim d'Alvorada", que tudo têm dado, desassombradamente, em prôl dessas mesmas finalidades, têm agora, a satisfação immensa de saudar nesta curta columna, o emminente homem de letras: - - Dr. Baptista Pereira.

Expediente:

ASSIGNATURA ANNUAL . . . . 5$000
NUMERO AVULSO $200
REDACÇÃO Rua Ruy Barboza, n.º 105
SÃO PAULO

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro:
João Soler da Silva
Rua do Lavradio, n.º 146

Santos:
Marcolino Leme
Rua Espirito Santo, n.º 12

Estado da Bahia
Marcigno P. da Paixão
Alto de São Gonçalo n.º 20
Rio Vermelho São Salvador

Figura 3 – *O clarim d'alvorada*. Fonte: *O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928.

ANNO I — SÃO PAULO, 5 DE FEVEREIRO DE 1928 — NUMERO 1

REDACTOR PRINCIPAL: JAYME DE AGUIAR

O CLARIM d'ALVORADA

REDACTOR SECRETARIO: JOSÉ C. LEITE

GERENTE: LUIZ DE SOUZA

PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE

PELO INTERESSE DOS HOMENS PRETOS
NOTICIOSO, LITERARIO E DE COMBATE

DIRECTORES: SANTOS E SOTER

SEGUNDA PHASE

Figura 4 – Cabeçalho do jornal inaugural da segunda fase de *O clarim d'alvorada.* Fonte: *O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928.

> **Vida Nova!...**
> O clarim d'Alvorada, o pequeno e único porta-voz dos homens pretos desta capital, hoje, após fazer um involuntário descanço, reapparece com novo programma de acção... quer tudo fazer para o bem estar da nossa gente; não olvidará num só instante do seu (?) e assim sendo, será o porta-voz noticioso, literario e de combate; [...]
>
> **Verdadeiras verdades**
> Reapparece, agora, o nosso jornal, na segunda phase; apoz um descanso involuntario fomos obrigados acceitar. Portanto, vamos entrar de novo, no terreno das opiniões, em se tratando de tão fallada questao racial; que, é o principal ponto do nosso programma. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928)

Nesse sentido, o objetivo desse jornal foi o de desenvolver o ideal de união e solidariedade entre os negros e, também, o de se posicionar contra o preconceito e em relação à necessidade de conscientização, educação. Com esse fim, em todas as edições da segunda fase de *O clarim d'alvorada* apareciam textos relembrando os leitores sobre os princípios de união, educação e trabalho:

> **O negro para o negro**
> Si há quem pense que o negro ainda não tratou da sua educação, e para tal é necessário o apoio de gregos e troyanos: nós outros achamos que se torna preciso antes de qualquer ajuda tratarmos da nossa UNIÃO, para evitarmos as innumeras divergências que por certo surgirão: isto é o que tem acontecido até a data presente. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928)
>
> A questão racial deve ser ventilada com a máxima precisão: deixando-se de parte o interesse politico e, credo religioso, as phantasias de uns e o despeito de outros. O negro deve labutar até que lhe permitta o Creador, com toda a grandeza do seu coração, instruindo-se, educando-se, principalmente. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.7, ago. 1928)

> **Educação**
> Educação corresponde a um conjunto de princípios de ordem social, em que impera a delicadeza, a gentileza, a civilidade.[...]
> Assim, saibam as mães dirigir seus filhos: ensinem-lhes o caminho do Bem e da Justiça: Dêm-lhes exemplos salutares e, estamos certos, amanhan tereis o homem de côr, a nova geração de que necessitaes!
> O exemplo dos Paes é a maior força que afecta o espirito da criança. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Com o intuito de agrupar os negros em torno de um objetivo comum – o desenvolvimento social em conjunto –, *O clarim d'alvorada* contava com representantes em diversas cidades do interior paulista, como Ribeirão Preto, Santos, Botucatu, e até mesmo do Nordeste do país. Era pela representatividade desse jornal que os negros que residiam no interior inteiravam-se dos acontecimentos do movimento negro da capital e podiam participar dos episódios importantes. Segundo Garcia (1997), a facilidade de membros do movimento negro do interior participarem de eventos da capital dava-se principalmente pelo desenvolvimento de estradas de ferro como a Sorocabana, a Paulista, a Mogiana e a Santos-Jundiaí. Essa preocupação do jornal ficava evidente em função do cuidado que os redatores tinham em comunicar aos leitores os nomes de seus correspondentes:

> **O Clarim d'Alvorada no norte do paiz**
> A serviço de uma grande companhia desta praça, encontra-se no norte do paiz, o nosso prezado amigo e auxiliar sr. Chilon Gomes dos Santos, que se comprometteu da propaganda desta folha. Principalmente nos dois grandes estados do norte: Bahia e Pernambuco, onde o elemento negro é grande e precisa sentir o nosso contacto. E isto só se consegue por intermédio de um porta-voz, o Clarim embora periódico e pequeno, presta dest'arte mais um valioso serviço aos pretos de São Paulo.

> **O Clarim em Santos**
> É representante desta folha na visinha cidade de Santos o sr. Marcolino Leme, Rua Espírito Santo, 125. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Pelas dificuldades iniciais que esse jornal sofria por falta de colaboração e com o intuito de dar importância ao jornal, os redatores desse periódico também passaram a assinar as matérias com diferentes pseudônimos. Mas, devido ao sucesso que o jornal fazia na comunidade negra do período, logo puderam contar com a colaboração de pessoas de renome na época. Esse sucesso garantiu o respeito do jornalismo paulistano pelo *O clarim d'alvorada*, de forma que os jornais de circulação mais ampla da cidade de São Paulo faziam menção aos feitos desse grupo de jornalistas da imprensa negra:

> **A nossa revista**
> Sobre o nosso numero especial commemorativo a Lei Áurea, recebeu a nossa folha innumeras notas por parte dos organs mais auctorisados do Paiz.
> Entre essas notas destacamos as d'O Globo e A Noticia do Rio e dos seguintes jornaes desta capital: O combate, Diário Nacional, Jornal do Commercio e A Gazeta.
> Do Combate extrahimos a seguinte nota:
> "Iniciando a sua segunda phase e obedecendo ao esforço dos srs. Santos e Soler, directores; Jayme de Aguiar, redactor principal; José C. Leite, redactor secretario e Luiz de Souza, gerente veio-nos as mãos "O Clarim d'Alvorada", elegante revista noticiosa e literária dos homens de cor de S. Paulo
> É uma publicação, este numero comemorativo da passagem do 13 de Maio, que denota intelligencia, gosto artístico, fineza literária, segurança de orientação. As maiores figuras do abolicionismo são, ahi, homenageadas, assim como o nome de negros, ou com indesmentiveis mesclas, que se hão notabilizado nas letras e nas artes nacionaes.

O Clarim d'Alvorada serve, sobretudo, para affirmar-nos que, na desventurada raça negra do Brasil, nem tudo está perdido, e nem tudo se dissolve nas preocupações (?) ou deprimentes, mas que há nella um (?), cheio de sonho e de ideal pela moral rehabilitação de seu nome."

Ninguem melhor que o Combate, o jornal dos humildes e soffredores, sabe apreciar e applaudir nas paginas da bemvinda revista o esforço que traduz a luminosidade espiritual que ainda não morreu nesse nosso elemento genuinamente nacional. COELHO NETTO. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Nesse momento da imprensa e do movimento negro, havia um pouco mais de atenção, se comparado aos períodos anteriores, às datas históricas da abolição da escravatura, tais como o 13 de Maio (a Lei Áurea era amplamente discutida e questionada pelos jornais), a Lei do Sexagenário e a Lei do Ventre Livre. É possível que esse apreço ocorresse devido a uma tentativa dos líderes e intelectuais do movimento de que a comunidade negra e a sociedade em geral relembrassem o passado escravista como parte importante da história do Brasil e da luta intensa pelo abolicionismo. Isso explica a razão pela qual era destinado um espaço substancial em *O clarim d'alvorada* para homenagear os "heróis abolicionistas":

Um gênio da raça

Negros de S. Paulo – Um momento de reflexão – Passará no dia 25 do corrente, o 46º anniversario da morte do genial Luiz Gama

Se não fosse a grande obrigação que temos de rigorosamente cumprir ponto por ponto do nosso programma, não sahiamos agora a campo, para tratarmos da grande personalidade que deixou na geração passada um rasgo de audacia admiravel [...]. E assim encontramos sempre entre as miserias humanas, factos verdadeiramente revoltantes como se deu com o estraordinario Luis Gama que fôra vendido pelo proprio pae.

> [...] Era nosso intento prestar uma homenagem verdadeiramente digna a memoria do illuminado apostolo da raça martyrisada, mas como o nosso jornal não pôde ainda dispor dos requisitos necessários para tanto, prestamos hoje, com a maxima simplicidade e com toda a nossa pobreza a restricta homenagem que aqui deixamos ao inolvidavel mestiço. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.7, ago. 1928)

É interessante a história pessoal de um dos redatores do jornal, José Correia Leite. Em seu livro ele relata que teve uma infância pobre e, embora se interessasse muito pelo ensino formal, teve raras oportunidades de frequentar escola, sem conseguir completar convencionalmente sua alfabetização. Sua história de aprendizado pauta-se em um autodidatismo e em aulas de português que o próprio Jayme de Aguiar lhe ministrava. História parecida é a de um grande colaborador de *O clarim d'alvorada,* o orador Vicente Ferreira. Esse grande homem do movimento negro era analfabeto, mas dedicava sua vida a discursar em eventos públicos acerca da causa negra. Os artigos publicados em jornais eram ditados por Vicente para os redatores. A respeito de seu semianalfabetismo, Leite (1992, p.196-7) faz a seguinte reflexão reveladora, por conseguinte, da situação de grande parte dos redatores da imprensa negra:

> Eu precisei lutar com essa timidez de sujeito semianalfabeto. Um dos que me ajudou nesse sentido foi Vicente Ferreira, porque ele também tinha essa deficiência. O Vicente Ferreira falava muito bem, sabia muita coisa, mas não escrevia. Ele só ditava e a gente tinha de interrompê-lo pra colocar uma vírgula, ver uma concordância ou qualquer coisa. Ele ficava danado e dizia que o pensamento dele nada tinha a ver com a gramática. O que ele queria é que a pessoa pegasse as ideias, o que prevaleciam eram as ideias. E dizia que não tinha nada a ver com a vírgula e a concordância. Então eu fui começando a dar mais valor as minhas ideias do que a qualquer erro de gramática. Fui perdendo aquela bitola de Jayme de Aguiar e outros muito preocupados com a gramática. Mas quando me chamaram a primeira vez intelectual, fiquei espantado. Uma porque

eu não tinha essas veleidades, e outra, eu não tinha os conhecimentos para tão alto título. Intelectual do quê? Eu não sei nada, eu não tenho título de nada! Eu apenas leio. Compro livros e leio, mas eu não sou intelectual.

O combate

A história da família Rangel Pestana está diretamente relacionada com o surgimento e a atuação de um significativo jornal diário da capital paulista, *O combate.* A importância desse diário se dá, entre outras razões, pelo longo e constante período de publicação (de 1915 a 1930), além de sua efetiva atuação no cenário social e político da cidade de São Paulo.

O combate foi fundado pelos irmãos Acilino e Nereu Rangel Pestana, filhos de Francisco Rangel Pestana, homem eminente no cenário jornalístico paulistano, sobretudo por ter sido o primeiro diretor de *A Província de São Paulo.* Antes do surgimento de *O combate,* Nereu já atuava no meio jornalístico, ficando conhecido pela série de artigos políticos publicados em *O Estado de S. Paulo,* assinados com o pseudônimo de Ivan Subiroff, acerca do início do governo Altino Arantes (Figura 5).

Ocorreu em São Paulo, no ano de 1917, uma das maiores greves sucedidas no país. Nessa ocasião, *O combate* atuou de forma muito relevante na discussão e caracterização desse movimento de operários para os leitores da imprensa paulistana. Esse posicionamento projetou o jornal para um nível de difusão semelhante ao dos demais jornais importantes da capital. De acordo com informações de Sodré (1966), formou-se, em estado de emergência, o "Apelo dos jornalistas" em solidariedade ao Comitê de Defesa Proletária (formado por grevistas), a fim de que se constituísse uma comissão de representantes dos trabalhadores, patrões e do governo para se estabelecerem as negociações com os grevistas. Nereu Rangel Pestana esteve à frente dessa iniciativa, que contou com a presença e o apoio dos principais jornais da época – *O correio paulistano*, *Jornal do comércio*,

O COMBATE

INDEPENDENCIA – VERDADE – JUSTIÇA

ANNO IV — São Paulo – Sexta feira, 1 de Novembro de 1918 — NUM. 1.042

A "influenza hespanhola" em São Paulo

O dever da imprensa é, dizendo a verdade, apontar as falhas e lembrar, ao mesmo tempo, as providencias necessarias

Cresce o numero dos casos e dos obitos. – O serviço de desinfecção dos domicilios e das malas postaes

A hospitalisação. – O clero não deu conta do recado, na distribuição dos soccorros. — Varias notas e noticias

Como se faz desinfecção

A fiscalisação dos preparados contra o mal

Ainda a divisão do trabalho

Os hospitaes provisorios

As eleições

Os escoteiros

A marcha da epidemia

A rendição da Turquia

O Imperio Ottomano depoz as armas incondicionalmente

Dois casos, para exemplo

Amanhã, dia feriado, «O Combate» não circulará.

Gripppe hespanhola

Drogaria Americana — R. Libero Badaró, 144

Figura 5 – *O combate*. Fonte: *O combate,* ano IV, n.1.042, 1º nov. 1918.

Fanfulla, *O diário popular*, *A gazeta*, *A plateia*, *A capital*, *Il piccolo*, *O Estado de S. Paulo*, *A nação*, *O diário espanhol*, *Germânia* e *O combate* – nas reuniões que ocorriam na redação de *O Estado de S. Paulo* e na assinatura da carta em que consistiu o "Apelo dos jornalistas".

Apesar do seu sucesso à frente de *O combate,* Nereu passou a direção do jornal para outro irmão, Ludolfo Rangel Pestana, em 1926. A saída de Nereu, aliada à morte de Acilino, modifica as orientações do jornal, que não tinha por característica o compromisso de apoiar o governo. A partir de 1930, com a também saída de Ludolfo, *O combate* foi arrendado para o Partido Republicano, tornando-se um órgão difusor dos ideais do partido.

No entanto, a Revolução de 1930, que dividia a cidade de São Paulo entre aliados e opositores do governo, provocou sérias consequências também para os jornais da época que defendiam a causa republicana. Assim, com a vitória da Aliança Liberal, todos os órgãos aliados ao Partido Republicano foram empastelados pelo povo, entre eles, *O correio paulistano*, *A gazeta*, *A folha da manhã* e *O combate* (que desapareceu definitivamente do contexto jornalístico da capital).

É importante ressaltar que esse periódico contava com algumas características que contribuem para o estudo das formas de tratamento a partir de uma perspectiva linguística e social. O primeiro ponto que merece destaque é a maneira como os redatores atuantes no ano de 1918 conduziam as matérias publicadas no jornal: era um exercício cotidiano desses jornalistas a saída a campo para investigar os fatos noticiados. Dessa forma, é comum aparecerem diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto – esse hábito era denominado pelos próprios redatores como *sindicância*. Seguem alguns exemplos dessa postura dos jornalistas:

> O caso do orphanato Cristovan Colombo
>
> **Onde está Idalina?**
>
> A nossa reportagem em diligencias
>
> Não temos informação nova sobre o caso Idalina. Nossa reportagem, porém, está em campo, e amanhã relataremos as diligencias que hoje foram realizadas.
>
> Aguardamos também dois documentos importantes: [...]. (*O combate*, ano IV, n.967, 1º ago. 1918)

Desejosos de trazer o publico ao par de todos os acontecimentos, transportámo-nos sábado até a Villa Marianna afim de ouvirmos uma e outra das partes envolvidas na questão. (*O combate*, ano IV, n.1.069, 9 dez. 1918)

Os "sanguesugas" do povo
Medidas e pesos viciados
Commerciantes deshonestos

Temos recebido constantes queixas contra diversos commerciantes, principalmente os das feiras livres, que roubam, escandalosamente, nos pesos e medidas.

Não desejando dar crédito a taes denuncias graves, fizémos uma rapida reportagem. Conseguimos constatar a veracidade das accusações. (*O combate*, ano III, n.967, 1º ago. 1918)

Nesta altura, démos por concluída a nossa missão. Eram horas de recolher a penttes e descançar um pouco. Todavia ainda nos faltava ouvir os operários padeiros. É o que iremos fazer hoje, transmitindo amanhã aos nossos leitores o resultado dessas diligencias. Temos a certeza que colheremos informes e impressões de todo o ponto de vista interessantíssimos. (*O combate*, ano IV, n.1.018, 2 out. 1918)

Ao redigir as notícias, os redatores de *O combate* não assumiam uma atitude imparcial frente aos acontecimentos, mas declaravam diretamente seus posicionamentos e opiniões. Essa postura jornalística condiz com a proposta político-ideológica assumida por esse jornal no período em questão. São exemplos:

A "influenza hespanhola" em São Paulo

O dever da imprensa é, dizendo a verdade, apontar falhas e lembrar, ao mesmo tempo, as providencias necessarias

Cresce o numero dos casos e dos óbitos. – O serviço de desinfecção dos domicílios e das malas postaes.

A hospitalização. – O clero não deu conta do recado, na distribuição dos socorros. – Varias notas e noticias.

Os jornalistas que entendem de manter, em horas graves como esta, a mesma inconsciencia revelada habitualmente, quando tecem delambidos elogios aos governantes, andam a censurar os que, ao contrario, pensam ser opportuno apontar as responsabilidades pela invasão violenta do mal reinante. (*O combate*, ano IV, n.1.042, 1º nov. 1918)

Notas várias

Os revisores do "Correio Paulistano" e do "Estado" fundaram hontem uma sociedade sportiva, denominando-a de Associação Athletica da Imprensa.

Louvável é a idéa posta em pratica. Mas, porque restringil-a só aos revisores daquelles dois colegas?

Parece-nos que esses auxiliares dos restantes jornaes tambem são filhos de Deus... (*O combate*, ano IV, n.1.018, 2 out. 1918)

Estragára-nos o "jogo" duma fórma revoltante. E era tal a nossa indignação por esse facto que se o apanhassemos ali talvez o commessemos... vivo! (*O combate*, ano IV, n.1.065, 4 dez. 1918)

A carestia da vida

O artigo que devia sahir neste lugar foi integralmente supprimido por ordem do sr. Deocleciano Seixas, que nos declarou, pelo telephone, ter ordens formaes para não consentir commentarios sobre o assumpto. (*O combate*, ano IV, n.867, 1º abr. 1918)

A atitude investigativa dos redatores de *O combate* favorece o aparecimento de entrevistas feitas pelo jornalista com as partes envolvidas, ou com testemunhas, de um episódio noticiado. As entrevistas são essencialmente compostas por interlocuções que permitem o aparecimento das formas de tratamento pesquisadas. Seguem excertos ilustrativos de situação interlocutiva:

A questão do pão

Os proprietários de padaria falam a "O Combate"

[...] – E com relação á venda a domicilio? – atalhámos.

– A esse respeito, tenho a dizer-lhe que está resolvido reencetar amanhã esse serviço. [...]

– Vamos então ter outra vez, amanhã, o fornecimento directo aos domicilios?

– Exactamente. Porém, só até verem em que param as modas. Temos muitas despezas e as receitas, mal dá para sustentar o negócio. [...] E é o que lhe posso adiantar. Quanto ao mais, o *sr.* volte cá amanhã a falar com o meu sócio, e terá todos os esclarecimentos que desejar – rematou o *sr.* Carvalho. (*O combate*, ano IV, n.1.018, 2 out. 1918)

A tragédia de Villa Marianna

As ameaças de morte de que Messana se diz alvo

Constantino Signorelli faz interessantes declarações a "O Combate"

[...]

Vindo immediatamente ao nosso encontro, disparamos-lhe á queima roupa esta tirada:

– O *amigo* faz-nos o favor de ir dizer ao *Messana* que está aqui uma pessoa que lhe deseja falar?

– O *sr. Messana* está na cidade. Foi tratar de negócios, de maior importância, de fórma que só chega lá para a noite.

– Isso é que é mau, retorquimos. Queriamos falar com ele a respeito dos boatos que correm de que os Signorelli pretendem matal-o, e afinal, temos que ir embora sem saber coisa alguma... Veja o que é o azar!

– Á cerca desses boatos, posso garantir que há qualquer coisa de verdade [...]. (*O combate*, ano IV, n.1.069, 9 dez. 1918)

Finalmente, é ainda importante destacar que existe uma preocupação dos redatores do período analisado em empregar uma linguagem que os aproxime dos leitores. Nesse caso, a maioria dos

gêneros que não apresenta estrutura rígida tende a ser composta sem a preocupação de rebuscar a linguagem. Com essa intenção, há diversas ocorrências da desinência verbal de primeira pessoa do plural, explicitando a existência de um *eu-locutor* que fala em nome de um conjunto de pessoas – nesse caso, o corpo editorial de *O combate*. Há também menções diretas aos leitores, além de expressões de caráter tipicamente popular:

> **Espantoso!**
> O dr. Ibrahim está sendo realmente processado
> Por mais que o *leitor* se recuse a acreditar nesta noticia, o facto é que se iniciou hontem em Santos, ordenado pelo Tribunal de Justiça para apurar as responsabilidades [...]. (*O combate*, ano IV, n.1.018, 2 out. 1918)

> Na mesma prisão de Valerio, achavam-se mais de meia dúzia de presos, entre os quaes o não menos celebre Braulio, que de 'simples' *ladrão de galinha*, passára a bandido de estrada, tendo, como ultima de suas façanhas, assaltado numa estrada, em pleno dia, um *pobre diabo*, de quem roubou certa quantia e... tambem a roupa do corpo, deixando a victima em *trajes de Adão*. (*O combate*, ano IV, n.1.069, 9 dez. 1918)

> O director do 'Diario' de Itapetininga aggrediu, como *os leitores* não ignoram, o director d'O 'Echo', por questões de imprensa. [...]

> *Gastámos* cera com ruim defunto... (*O combate*, ano IV, n.893, 1º maio 1918)

> Por experiencia própria, *temos* o maximo receio de fazer qualquer elogio ao Commissariado de Alimentação. São tantas já as decepções que hoje só com o maximo de prudencia nos *aventuramos* ao assumpto. (*O combate*, ano IV, n.1.066, 5 dez. 1918)

2
O HIPERGÊNERO JORNALÍSTICO

De fato, os jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.

(Luca, 2005, p.140)

O jornal como um hipergênero composto por diferentes gêneros textuais

Esse estudo propõe uma análise do *corpus* jornalístico por meio da noção de *gênero textual*. A noção de gênero permite analisar a língua em funcionamento por meio de uma perspectiva ao mesmo tempo linguística e social. Além desse fator, as características dos gêneros textuais permitem traçar um panorama mais amplo da composição do *corpus* em análise, uma vez que se podem especificar as diferenças de propósito de cada um deles e, consequentemente, as escolhas linguísticas atribuídas a esses propósitos.

Para uma compreensão da constituição e abrangência dos gêneros textuais foram consideradas as reflexões de Marcuschi (2005; 2006), uma vez que o autor considera os gêneros como uma forma de ação social e cultural, ao mesmo tempo que os analisa pela sua materialidade, ou seja, como um fenômeno linguístico. Marcuschi propõe uma interpretação dos gêneros a partir de diversas instâncias envolvidas na produção textual, pois, em sua concepção, a existência dos gêneros está relacionada com a funcionalidade e os aspectos sociocomunicativos no interior de uma dada sociedade. Essas instâncias vão desde o conteúdo, o meio de circulação e sua organização, até a análise dos atores sociais envolvidos no processo de enunciação, seus atos retóricos praticados no texto e a contextualização sócio-histórica dessa produção discursiva.

Essa perspectiva mais abrangente dos gêneros textuais possibilita uma análise de dados extratextuais relacionados ao âmbito cultural em que o texto foi produzido. Em outras palavras, Marcuschi sugere que os diferentes gêneros sejam relacionados com as práticas da sociedade em questão, seus interesses e relações de poder, além dos aspectos cognitivos e tecnológicos imbricados na produção textual.

Essas contribuições teóricas têm uma relevância fundamental para o estudo dos jornais da imprensa negra, uma vez que permitem avaliar os textos em sua produção linguística, relacionando-os com as intenções da comunidade negra do início do século XX ao produzir esses textos jornalísticos. Um estudo dessa natureza traz à tona a heterogeneidade linguística e social que compõe esses jornais, pois permite identificar diferentes escolhas linguísticas em função da intenção de se atingir diferentes parcelas da comunidade. Nesse sentido, "os gêneros são, em última análise, o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura. Por isso, em princípio, a variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gênero" (idem, 2005, p.32).

Segundo Motta-Roth (2006, p.150), a cultura é um dado essencial para o estudo dos gêneros discursivos, pois a linguagem, o con-

texto de produção, o conteúdo discursivo e as atividades culturais é que definem a produção dos gêneros. Para a autora,

> cultura é conhecimento apreendido no processo histórico e social, uma rede complexa que liga o conhecimento, a moral, as crenças, artes, leis, comportamentos, ou qualquer outra capacidade ou hábito que adquirimos como membros de um grupo, com caráter local e dinâmico, construído via interação linguística.

É de fundamental importância o alerta de Marcuschi (2005, p.21) de que forma e função devem ser levadas em conta para a delimitação de um gênero, "pois é evidente [...] que em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente".

Bonini[1] (2003; 2004; 2006), a partir de uma finalidade educacional, analisa o jornal como um suporte para diversos textos. A partir dessa proposta, o autor faz um inventário dos gêneros caracteristicamente jornalísticos e tece importantes discussões a esse respeito.

Para desenvolver esse projeto, Bonini baseia-se, sobretudo, em uma concepção etnográfica – que conta com Swales (1998) e Bhatia (1993) como principais expoentes – em que se considera os gêneros "como componentes de uma comunidade discursiva. Procura-se, desse modo, caracterizar, em correlação direta, o ambiente social e os gêneros que nele circulam (entendidos como *habitus* da comunidade)" (Bonini, 2003, p.2). Dessa forma, a concepção de gênero jornalístico faz referência tanto à materialidade dos textos inseridos no jornal quanto às vozes que o permeiam:

> O gênero [...] pode ser visto como um conteúdo representacional dinâmico que corresponde a uma forma característica de um

1 Esse pesquisador está à frente do Projor (Projeto Gêneros do Jornal – Fapesc/CNPq).

> texto, entendido como enunciado pleno (texto-simples que tem um enunciador/locutor único ou texto-complexo com um enunciador/locutor principal) e como enunciado recorte (conjunto de textos de enunciadores/locutores individuais, integrados na forma de texto-ritual), se caracterizando pelas marcas estruturais texto-linguísticas, de suporte, de circunstâncias enunciativas, funcionais em relação ao meio social (conteúdo, propósitos, etc.), funcionais em relação ao hipergênero (de abertura, de *feedback*, de encerramento, etc.). (idem, 2003, p.4)

Ao analisar os gêneros do jornal, Bonini (2006, p.60) enfatiza a noção de suporte textual,[2] para propor a ideia de hipergênero. O autor entende por suporte "uma espécie de elemento em que o gênero se fixa e que está encarregado de pôr esse gênero em circulação". Dessa forma, o jornal é entendido como um suporte material para diferentes tipos de texto. É justamente por essa característica que os jornais são classificados como hipergênero, por se caracterizarem como um gênero constituído por vários outros, como ocorre também com as revistas e *home pages.* Dessa forma,

> esses gêneros que correspondem a seções do jornal formam o estofo da sua organização como gênero. Embora na literatura sobre gêneros textuais o jornal seja caracterizado basicamente como um veículo, vejo motivos para considerá-lo um gênero que abriga outros (ou seja, um hipergênero), porque preenche quesitos com propósitos comunicativos próprios, organização textual característica (embora ainda desconhecida em seus detalhes) e produtores e receptores definidos. (idem, 2004, p.7)

---

2 Por meio de comunicação pessoal com o autor, ficou evidente sua intenção de alterar o conceito de *suporte textual* para *mídia,* uma vez que esse segundo termo evita a possível compreensão de que os gêneros devem estar inseridos em uma materialidade (tal qual sugere o termo *suporte*). *Mídia*, portanto, refere-se ao local em que um gênero pode ser posto em circulação, podendo ser desde um livro ou um *outdoor* a um *site* da Internet.

A partir da análise do funcionamento dos gêneros no suporte jornal, foi possível estabelecer algumas classificações que permitem entender o imbricamento entre um determinado gênero e o processo linguístico e social em que ele está inserido. Nesse sentido, Bonini (idem) prevê a existência de *gêneros centrais,* que são assim denominados por se relacionarem com a organização e com os objetivos sociais e comunicativos do jornal de forma direta, e *gêneros periféricos,* que têm a incumbência de trazer à tona necessidades comunicativas da sociedade indiretamente relacionadas com o foco do jornal, tais como a promoção de produtos e o entretenimento.

Além dessa distinção entre *gêneros centrais* e *periféricos,* é ainda relevante a classificação dos *gêneros centrais* como *presos* e *livres*: os *gêneros presos* são os que se caracterizam por estruturar o jornal como um hipergênero – por essa razão, apresentam um rígido padrão que os determina e estrutura invariavelmente, tendo lugares fixos nas seções que formam a base do jornal. Já os *gêneros livres* têm por característica primordial a garantia do funcionamento comunicativo do jornal – dessa forma, esses gêneros podem aparecer em qualquer seção do jornal e ser dimensionados segundo as demandas da edição.[3]

De acordo com essas classificações, Bonini (2003) organizou um quadro com o inventário dos gêneros jornalísticos recorrentes em alguns jornais brasileiros contemporâneos e que foram catalogados pelos manuais de estilo jornalístico e na literatura da área de comunicação. Abaixo segue um quadro adaptado a partir da proposta de Bonini (2003)[4] com os principais gêneros encontrados nos jornais da atualidade.

3 A proposta de classificação dos gêneros do jornal de Bonini (2003) ainda prevê a existência de *gêneros autônomos* e *conjugados.* Entretanto, para os propósitos deste estudo, essas classificações não foram relevantes e, portanto, não estão sendo consideradas.

4 Outra adaptação do quadro também pode ser encontrada em Bertucci, J., Balsalobre, S. A imprensa como fonte para pesquisas linguísticas. In: *Revista da ANPOLL*. Brasília, n.25, 2008, p.61-89.

Quadro 1 – Gêneros encontrados nos jornais brasileiros contemporâneos. Fonte: adaptação de Bonini (2006).

<table>
<tr><th colspan="4">GÊNEROS DO JORNAL</th></tr>
<tr><th colspan="3">CENTRAIS</th><th rowspan="2">PERIFÉRICOS</th></tr>
<tr><th>Presos</th><th colspan="2">Livres</th></tr>
<tr>
<td>carta do leitor
expediente
cabeçalho
chamada
editorial
foto-
-manchete
índice</td>
<td>análise
artigo
nota
notícia
reportagem
entrevista
enquete
fotorreportagem
fotolegenda
comentário
crítica
resenha
tira
cartum
charge
roteiro
previsão do
tempo
carta-consulta
efeméride</td>
<td>cronologia
gráfico
mapa
perfil
storyboard
errata
fotografia
ficha técnica
galeria
grade
indicador
cotação
infográfico
lista [questionário,
vocabulário,
discografia,
bibliografia]
endereço eletrônico
caricatura
referência
bibliográfica
endereço
cineminha</td>
<td>anúncio
propaganda
aviso
cupom
expressão de opinião
informe publicitário
ensaio
editorial de moda
crônica
horóscopo
teste
folhetim
charada
palavras cruzadas
poesia
conto
edital
balancete
receita
ata
apostila
jogos (dama, xadrez)</td>
</tr>
</table>

Bonini (2006) chama a atenção para o fato de que, em alguns casos, os limites entre os gêneros não são muito bem definidos, por manterem relação direta com a razão de produção do texto e por deterem modos de enunciação ou temáticas muito próximos. No caso de um estudo como este, que tem como foco um *corpus* jornalístico do início do século XX, essa situação de indefinição torna-se ainda mais evidente, haja vista que no período em estudo os gêneros textuais ainda não estão consolidados, mas em processo de desenvolvimento, que culmina no padrão dos gêneros dos jornais atuais. Nesse sentido, faz-se necessário um trabalho minucioso de descrição dos gêneros textuais dos jornais para se depreender suas características particulares e, assim, poder relacioná-los com os dados linguísticos em análise.

Dessa forma, a partir dos cuidados metodológicos propostos por Bonini, os resultados do estudo da interdependência entre língua e sociedade tendem a ser mais fidedignos, uma vez que está em análise a linguagem de acordo com os objetivos e funções específicas de cada gênero do jornal.

Os gêneros textuais dos jornais da imprensa negra

Ao analisar os jornais da imprensa negra como um hipergênero composto por diferentes gêneros textuais, é notável o fato de que a escolha dos gêneros a serem publicados nas edições dos jornais era feita a partir de uma combinação de fatores, sobretudo, em função dos objetivos específicos de cada jornal, do redator responsável pela edição e da oferta de textos a serem publicados na edição. Muito embora fique evidente essa variação dos gêneros de jornal para jornal, é possível estabelecer algumas tendências sobre os gêneros mais recorrentes em um determinado periódico, permitindo, assim, que se delineiem suas principais características.

Para uma análise mais apurada dos gêneros que compõem esses jornais, é imprescindível notar que, apesar das diferenças entre os textos publicados, todos tinham uma finalidade em comum:

> Os jornais da imprensa negra paulista apresentavam características distintas que confluíam para um mesmo objetivo, a integração plena dos negros na sociedade. As estratégias adotadas por esses jornais para tal fim foram as mais variadas possíveis, passando pela divulgação de textos críticos, poesias, histórias e exemplos de vida, textos de incentivo, divulgações de eventos culturais e esportivos no meio negro, incentivo à educação, combate a comportamentos considerados inadequados, comemorações do 13 de maio e do 28 de setembro, concursos de beleza, notas de falecimento e missa de sétimo dia, notas de nascimento e batismo, notas de casamento e

de bodas, notas de formaturas, informações sobre alguns acontecimentos no Brasil e no mundo, dentre outros. (Santos, 2006, p.21)

Os jornais da imprensa negra tinham, em geral, quatro páginas, sendo que a primeira contava com os seguintes *gêneros* presos:[5] o *cabeçalho*, composto pelo nome do jornal, seu subtítulo (que anunciava os objetivos do periódico: no caso de *O alfinete*, o subtítulo era *Orgam Litterario, Critico e Recreativo. Dedicado aos Homens de Cor;* em *O Kosmos*, os dizeres do subtítulo eram *Orgam do Grêmio Dramatico e Recreativo "Kosmos";* e, finalmente, em *O clarim d'alvorada* era *Pelo interesse dos Homens Pretos. Noticioso, Literario e de Combate*), os nomes dos responsáveis, a data e o número da edição.

Nos jornais pertencentes à primeira fase da imprensa negra (mais especificamente *O alfinete* e *O Kosmos*) havia ainda o *expediente* como gênero preso, que continha o valor da assinatura e, em alguns casos, havia uma pequena nota com informações sobre o envio de textos para publicação:[6] "Todas as collaborações devem ser enviadas para á rua Rodrigo de Barros, 81. Os originaes mesmo não publicados não serão devolvidos" (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921) (Figuras 6 e 7).

ANNO I || São Paulo, 3 de Setembro de 1918 || NUM. 2

ORGAM LITTERARIO, CRITICO E RECREATIVO — **O Alfinete** — DEDICADO AOS HOMENS DE COR

Publica-se quinzenalmente || COLLABORADORES DIVERSOS || DIRECTOR: A. Oliveira

— EXPEDIENTE : —

ANNO........ 4$000
SEMESTRE .... 3$000
AVULSO...... $100
PAGAMENTO ADIANNTADO

Todas as collaborações devem ser enviadas á rua Tibiriçá, 6 — (Luz).

Aos nossos leitores

as ultimas elos que nos prendiam ao ferrete da ignominia — a escravatura.

Luiz Gama, tambem de còr, trabalhou infatigavelmente em de-

dos dessa negra mancha que macula eternamente a nossa fronte?

Nós, unicamente nos que vivemos na mais vergonhosa ignorancia no mais profundo abse-

que poucas vezes actuam na nossa razão.

E' na calma das nossas meditações que podemos apreciar o justo valor dos nossos conhecimentos, acções e affectos.

Tudo no mundo tem a

Figura 6 – Gêneros presos de *O alfinete*. Fonte: *O alfinete*, ano I, n.2, ago. 1918.

5 Nomenclatura de Bonini (ver Quadro 1).

6 Todas as transcrições dos fragmentos dos jornais mantiveram as características originais de escrita, tais quais publicadas no jornal.

Assignaturas

Anno . . . 5$000

Semestre . . . 3$000

N. avulso . . . $200

O KOSMOS

Redactor
Abilio Rodrigues

Gerente
Joaquim Domingues

Secretario
José M. M. Baptista

ORGAM DO GREMIO DRAMATICO E RECREATIVO «KOSMOS»

ANNO I | S. PAULO, OUTUBRO DE 1922 | NUM. 5

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser enviada para a rua Vergueiro, 116 casa 9. Só se acceita collaboração de assignantes. Os originaes, mesmo não publicados não serão devolvidos.

Entre as voltas dadas nas ruas, verdadeiros bosques, tudo nos encantava, chamava a attenção, aqui um taquaral formando um caramanchão, mesas exparsas etc.; alli o enorme Jequitibá com enorme plasta de

Mas, onde deixar o teu retrato, senão sobre a mesa? Numa cadeira, dentro de um armario, pregado a parede sem o competente quadro? Creio não ser natural.

O lugar mais apropriado que pu-

Figura 7 – Gêneros presos de *O Kosmos*. Fonte: *O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922.

Entretanto, em função dos objetivos e da relevância do *expediente* para *O clarim d'alvorada*, é preferível classificá-lo como *gênero livre*, uma vez que variava o local de publicação no jornal e a quantidade de informações contidas: em algumas edições eram publicados, além do valor das assinaturas, o nome e o endereço dos representantes do jornal em outras localidades do país, haja vista que era preocupação dos responsáveis por esse periódico a união e a luta do povo negro em geral, não apenas da capital paulista. Nesse sentido, seguem alguns exemplos de *expedientes*:

O CLARIM D'ALVORADA

EXPEDIENTE:

Assignatura annual . . . . 5$000

Numero avulso $200

Redacção: RUA MAJOR DIOGO, 131 - SÃO-PAULO

REPRESENTANTES

R. de Janeiro - JOÃO SOTER DA SILVA - R. do Lavradio 136

Santos - MARCOLINO LEME - Rua Espirito Santo, 127

Bahia - MARCIANO P. DA PAIXÃO - Alto de S. Gonçalo, 20

Figura 8 – *Expediente* em *O clarim d'alvorada*. Fonte: *O clarim d'alvorada*, ano I, n.7, ago. 1928.

EXPEDIENTE:

ASSIGNATURA ANNUAL . . . 5$000

NUMERO AVULSO $200

Redacção: Rua Ruy Barbosa, 105.

SÃO PAULO

Figura 9 – *Expediente* em *O clarim d'alvorada*. Fonte: *O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928.

Expediente:

ASSIGNATURA ANNUAL 5$000
NUMERO AVULSO $200
REDACÇÃO Rua Ruy Barboza, n.o [illegible]
SÃO PAULO

REPRESENTANTES

Rio de Janeiro.
João Soter da Silva
Rua do Lavradio, n.o [illegible]

Santos
Marcellino Leme
Rua Espirito Santo n. [illegible]

Estado da Bahia
[illegible] R. da Paixão
Villa de São Gonçalo n.o 20
Rio Vermelho São Salvador

Figura 10 – *Expediente* em *O clarim d'alvorada*. Fonte: *O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928.

A escolha dos textos para a primeira página (os *editoriais*) variava de acordo com o jornal em questão. Os redatores[7] responsáveis por *O alfinete,* em concordância com o objetivo do jornal de esclarecer e conscientizar a população negra acerca da necessidade de inserção na sociedade dominante, optavam pela publicação de *editoriais* cujo conteúdo fosse esclarecedor. Essa primeira seção tinha algumas variações no título a cada publicação, ora aparecendo "Aos leitores" (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919 e *O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921) ou "Para os nossos leitores" (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918), ora com a denominação de "Alfinetadas" (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921). Em edições especiais, como data comemorativa ou comunicado importante, essa seção poderia ser identificada de maneiras diferentes, como em "Lei do Ventre Livre" (*O alfinete*,

7 O termo *redator* não está sendo empregado tecnicamente, de acordo com os padrões do jornalismo, e, sim, para designar todas as pessoas que publicam textos nos jornais em análise.

ano IV, n.75, set. 1921) e "A verdade" (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918). Entretanto, apesar de todas essas diferenças, os *editoriais*[8] continham sempre algum conteúdo útil para a população negra, como a discussão sobre o problema do analfabetismo, a necessidade de abandono de vícios como o alcoolismo, as consequências da escravidão e outros fatos históricos que envolviam negros etc. É ainda interessante notar que, de modo geral, esse primeiro texto era assinado pelo redator ou secretário do jornal, identificando a autoria e assumindo as responsabilidades. Para ilustrar o caráter pedagógico dessa seção foi selecionado o fragmento do texto da edição de março de 1919:

> Aos leitores,
> digam o que quizerem, mas é uma verdade, estamos convencidos que a maioria dos nossos homens de côr, pouco ou nada fazem para sahirem do triste estado de decadencia em que vivem! É Lastimável!
>
> Nós precisamos unirmo-nos, porque é da união que nasce a força. Empunhando o nosso estandarte em prol d'um ideal elevado, como seja: o combate ao Analphabetismo, essa praga que nos fazem mais escravos, do que quando o Brazil era uma feitoria. [...] Vamos, meus amigos, um pouco de bôa vontade, porque combater o Analphabetismo é dever de honra de todo do brazileiro. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

Em *O clarim d'alvorada* eram publicados, em uma única edição, diversos textos que se aproximam das características de um *edito-*

---

8 Nesse estudo, os textos que estão sendo denominados *editoriais* não correspondem plenamente à concepção atual do gênero, apesar de compartilhar de algumas características contemporâneas, como, por exemplo, ser um texto de teor persuasivo e de responsabilidade do corpo editorial, por conter a opinião do jornal sobre determinado assunto. É válido ressaltar que no período em estudo o jornalismo passava por uma fase de transição na cidade de São Paulo, que interferia diretamente no desenvolvimento do padrão dos gêneros publicados nos jornais. Esse padrão, aos poucos, vai se consolidando, até culminar no padrão que há atualmente nos jornais.

rial.[9] Esses textos podiam ocupar qualquer uma das quatro páginas que compunham o jornal, contavam com extensões distintas e, em geral, eram assinados por Jayme de Aguiar e José Correia Leite. Esses *editoriais* expressavam acentuadamente a opinião dos redatores responsáveis com relação à necessidade de união do povo negro em prol de melhorias nas condições sociais. Com essa finalidade, seu conteúdo pautava-se em exemplos de outros países (principalmente dos Estados Unidos) em chamar a atenção do público leitor para a real situação da comunidade negra na época e em ressaltar que a luta dos heróis abolicionistas deveria ser levada adiante. Seguem alguns fragmentos de *editoriais* das edições de julho e de fevereiro de 1928:

> **O nosso jornal e as nossas sociedades recreativas**
>
> Este jornal, actualmente, é o unico orgam dos homens de côr de S. Paulo. Mantido e dirigido por um pugilo (?) de moços bem intencionados, e cheios de esperanças, de melhores dias para sua classe. A direcção do Clarim, não pede a proteção de quem quer que seja, mas sim o apoio franco e leal dos homens conscientes de seus deveres civicos, perante os seus irmãos de raça.
>
> A direcção (*O clarim d'alvorada,* ano I, n.1, fev. 1928)

> **O negro para o negro**
>
> O negro no Brasil grandioso tem que se levantar, hoje ou amanhã, ou seja, um dia:... Dia de festa e de harmonia, momento feliz será quando as mãos possantes dos negros sensatos se entrelaçarem para a comunhão do amor, evangelizada na rota amargurada que vinha seguindo o grande José do Patrocínio.
>
> Leite (*O clarim d'alvorada,* ano I, n.6, jul. 1928)

O texto inicial de *O Kosmos* apresentava uma proposta um pouco diferente dos jornais analisados anteriormente. Essa seção não

---

9 Esses textos eram genericamente denominados pelos redatores de *O clarim d'alvorada* de *artigos.*

recebia título (exceto na edição de março de 1923, que recebeu o nome de "Chronica Social") e publicava conteúdos referentes ao próprio grêmio Kosmos, como informações sobre a presidência ou sobre o pagamento das mensalidades, notícias sobre o grupo de dramaturgia e informações sobre teatro, dados históricos do grêmio etc. Esse texto raramente continha assinatura (quando havia era a de seu redator, Abílio Rodrigues) e poderia ser de tamanhos diversos – desde ocupar apenas a primeira coluna, como na edição de março de 1922, até se estender para a segunda folha, como ocorreu em novembro de 1922. Também com o intuito de ilustrar essa seção, segue o fragmento de um *editorial* de *O Kosmos*:

> Está próxima a eleição da Diretoria do Grêmio Dramatico e Recreativo "Kosmos", para o mandato de 1923. Surgem portanto as opiniões políticas e forma-se os partidos.
>
> Perdura ainda as causas que determinaram a eleição de 1912, em que a astucia e a cabala, tive- [...] ram o seu papel saliente naquella occasião quando as idéas alteradas e os partidos contrários, se elevaram a ponto de chegar a ter o maior emprehendimento social, cuja discriminação se encontra publicado no artigo resumo do numero passado.
>
> Agora dá é o contrario, os animos mais serenos e os partidarios mais conscenciosos, procuram escolher dentre os associados a pessôa que deverá reger os destinos do Grêmio no proximo mandato. (*O Kosmos*, ano I, n.7, dez. 1922)

Dentre os gêneros que se mantiveram constantes nos jornais da primeira fase da imprensa negra, a seção "Sociaes", de *O Kosmos*, e "Notas Diversas" ou "Noticias", de *O alfinete*, tiveram destaque. Em ambos os jornais essa seção ocupa um espaço considerável (aproximadamente duas colunas de uma página) para veicular os acontecimentos que envolveram membros da comunidade negra, como aniversários, nascimentos, batizados, casamentos, formaturas, datas de bailes em sociedades dançantes, falecimentos e notí-

cias de enfermos. Bonini aponta as *notas* como um *gênero textual central*, uma vez que caracterizam o hipergênero jornal, mas não possuem um lugar predeterminado.

Seguem ilustrações desse gênero textual dos jornais em análise:

Anniversario

Fez annos no dia 5 do corrente mez, o Snr. Capitão Mario da Silva Prado, muito digno chefe político de Villa Marianna, irmão do Snr. Dr. Armando da Silva Prado, distincto advogado do nosso foro e homem de lettras. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Baptisado

No dia 1º de janeiro foi levada a pia baptismal pelos padrinhos snr. Juvenal Costa e a snra. D. Maria Candida, a innocente Marcilia, filha do nosso amigo snr. José Ferraz e da exma. snra. D. Maria Eva.

Enviamos as nossas felicitações.

Beberrete

Para festejar a posse da nova Directoria do Gremio Kosmos, foi offerecido no dia 4 de janeiro, na residencia do snr. Frederico Baptista de Souza, um beberrete aos snrs. socios do Gremio. Havendo pela ocasião do chops, muitos brindes saudando os novos Directores. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

O gênero *notas* em *O clarim d'alvorada* requer uma análise diferenciada, em função da proposta de esse jornal não valorizar tanto quanto *O Kosmos* e *O alfinete* a divulgação dos eventos sociais para garantir a promoção do *status* da comunidade negra. Por essa razão, as *notas* sociais nesse jornal – que apareciam com o título de "Vida social" – não contavam com o mesmo espaço destinado a elas nos jornais anteriores e posicionavam-se preferencialmente na última página. Esses fatores permitem classificar as *notas* como um gênero periférico nesse jornal em análise, por não ocorrer em função do objetivo primordial do jornal.

O gênero *anúncio*,[10] considerado como periférico por Bonini (2003), contou com uma certa regularidade de ocorrência em *O alfinete* nos anos de 1918 e 1919. Os *anúncios* costumavam ocupar a última página e, em geral, eram propagandas de comércios e serviços, como, por exemplo, tinturarias, alfaiatarias, salão de engraxate, papelarias, escritórios de advocacia e casas de calçados. A partir da leitura dos anúncios, pode-se concluir que eles não possuíam vínculos diretos com a comunidade negra, por não haver nenhuma menção sobre isso, de forma que a publicação de *anúncios* tinha intenção meramente financeira (Figura 11).[11]

É interessante notar que, no período analisado de *O Kosmos* e de *O clarim d'alvorada*, não havia espaço destinado para os anúncios. A partir dessa constatação, pode-se deduzir que era o próprio Grêmio Kosmos que custeava a produção do jornal e, no caso de *O clarim d'alvorada*, eram os próprios redatores. Essa informação pode ser confirmada pelo depoimento de Leite (1992), que ressaltava a dificuldade enfrentada pelos jornalistas da imprensa negra em manter os custos de produção dos jornais, a compra de equipamentos e o aluguel da redação.

Arbitrariamente dispostas pelas páginas de *O alfinete* e *O Kosmos,* havia publicações de *poesias* e/ou *textos literários*, também considerados por Bonini (2003) como gêneros periféricos. A maioria desses textos tinha uma temática amorosa, por isso eram compostos em uma linguagem que valorizasse a exaltação desse sentimento. É válido ressaltar que, nesse caso, os textos publicados eram assinados por homens e dedicados às suas amadas. No entanto, essa temática não é exclusiva, sendo possível encontrar poesias com temas diversos:

10 *Anúncio* está sendo empregado neste capítulo como um termo genérico para todos os tipos de textos que têm por finalidade expor algum serviço ou produto. No capítulo 3, este gênero será discutido em seus pormenores.

11 Não há ocorrência de anúncios nas edições posteriores de *O alfinete* e nenhum registro em *O Kosmos.*

O ALFINETE

Tinturaria chimica e
E Alfaiataria SPORSTSMAN
JOSE' SPANHOLETE
Rua Liberdade, 143
Teleph. 3163 Central S. PAULO

Papelaria S. Joaquim
RICARDO A. KRICH
Rua Liberdade n. 105
Visitam a casa de calçado da rua Liberdade, n. 135

ESCRIPTORIO DE ADVOCACIA
Dr. João Francisco da Cruz
Aceita causa no ramo civel, crime, commercial, orphanologico advogado em primeira instancia, segunda e no juizo federal
Escriptorio: Rua Direita, 8 — A Sala, 12 A (1.º andar)
— Telephone, [illegible]
SÃO PAULO

Disponivel

SALÃO DE ENGRAXATE
Rua 15 de Novembro, 2
Tem sempre a venda revistas e jornaes Nacionaes e Extrangeiros.
Domingos Vicente

Salão Internacional
Largo do Riachuelo num. 56 sob.
Telephone 4133 Central
Aluga-se para Casamento, Baptisados, Bailes e Ensaios de sociedades recreativas.
PREÇOS MODICOS

Casa União
especialidade em calçados
Avenida Tiradentes

DISPONIVEL

Figura 11 – Exemplos de *anúncios* em jornais da imprensa negra. Fonte: *O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918.

Minha querida,

É noite.

Nem uma só constellação brilha no firmamento. As nuvens pardencentas passam celeres atravessando o espaço como se anunciasse uma tempestade proxima a cahir. Do meu quarto, contemplando a escuridão da noite, mensageira de misterios insondáveis, volvo o meu pensamento para o futuro que ha de unir as nossas almas [...] AUGUSTO. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

O DINHEIRO

Com foros de nobresa decadente,
Misturada ao embuste de um cigano,
O dinheiro foi feito omnipresente
E abaixo dos céus, só elle é soberano.

Perverte os sentimentos facilmente,
Até a um rei elle transmuda num tyranno
E, açulando-o pertinaz e insistente,
Faz jorrar aos cachões o sangue humano!

E é inçante em seu poder que airoso e mudo,
Vai transformando ou corrompendo tudo,
(Triste fado!) a passar de mão em mão...

E assim, entre o palacio e a espelunca,
É esse damnado que não pára nunca,
Que torna um homem cynico ou ladrão!...

ARCHIMIMO DE CAMARGO.
(*O Kosmos,* ano I, n.7, dez. 1922)

Em *O clarim d'alvorada* havia um espaço substancial do jornal destinado à publicação de gêneros literários em prosa e poesia, uma vez que também fazia parte do rol de propostas do jornal ser um divulgador cultural – nesse sentido, esse tipo de texto tinha um destaque maior em *O clarim d'alvorada*, se comparado aos jornais

da primeira fase, o que permite classificá-lo como *gênero central*. O conteúdo desses textos assemelhava-se ao dos jornais anteriores, com o diferencial que alguns textos em prosa tinham um caráter declaradamente moralizador.

Além disso, havia uma seção exclusiva para os gêneros tipicamente literários compostos por mulheres – denominada "Pagina Feminina" –, publicada de março a agosto de 1928. Nessa seção eram divulgados, principalmente, poesias e textos em prosa com a temática amorosa e cartas entre amigas. Em sua segunda edição, apareceu uma nota explicando o teor previsto para a seção:

> **Pequena nota**
> Apresentamos hoje, com intimo regalo, pela segunda vez, a nossa modesta secção literária das nossas gentis leitoras. Esta pagina está destinada a todas as senhoras ou senhoritas, que queiram nella colaborar, porém sugeitando as nossas exigencias: isto é, não queremos aqui banalidades inuteis e cousas infastiosas aos leitores intelligentes [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Para exemplificar os gêneros literários publicados em *O clarim d'alvorada*, segue o fragmento de um texto em prosa com o propósito de valorizar alguns conceitos morais e de um texto da "Pagina Feminina" assinado por uma mulher da comunidade:

> **A lagrima immortal**
> Vem – disse o mago Zelerin á virgem de olhos azuaes e cabelleira de ouro pallido – e recolhe separadamente as lagrimas que nascem das grandes emoções da vida.
> – E como fazer para que não evaporem enquanto as reuno?
> – Não se evaporarão – ajuntou o magno.
> E Zelda, a virgem dos olhos azues, foi percorrer a cidade.
> [...]
> E depois de larga evocação disse emocionado:
> – Esta lagrima convertida em perola é a lagrima da mãe, unica immortal e a mais santa, pois se formou dos mais puros sentimen-

tos do coração. Todas as demais desapparecem: esta não morrerá emquanto existir na alma o sublime amor que inspiram esses seres que se chamam filhos.

Caiull Mendes (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Recordação

Numa tarde quente de Janeiro, Paulo quedava absolutamente na contemplação do occaso, e comparando-se a esse sol tão vivo que rapido morria, recordava o passado, comprimindo os olhos como se quizesse ver atravez do tempo, até os dias de sua meninice.

Sonhos! Chimeras! A vida é toda um grandioso sonho do qual só se desperta quando se é infeliz!

[...]

Mairy (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

RESPOSTA DE UMA NOIVA

Querida amiga!

A tua tão amável cartinha, a qual bondosamente me enviaste, muito me sensibilisou. Na tua explanação tão meiga vi que ainda persistes com o nosso Ideal plantar a união dos nossos irmãos.

[...]

Maria de Lourdes Silva, Santos, março de 1928.
(*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Com uma certa regularidade, o jornal oficial do grêmio Kosmos destinava uma seção para a publicação de opiniões dos leitores sobre temas diversos. Bonini, ao analisar os jornais contemporâneos, considera a seção de *cartas de leitores* como um *gênero preso*, ou seja, há um espaço constante para esse gênero em todos os jornais; entretanto, nos jornais da imprensa negra essa seção não conta com um padrão, podendo, por vezes, não ter nem identificação. A partir dessa constatação, convém classificar a ocorrência desse gênero textual nos jornais em questão como um *gênero livre*. Na maioria das vezes, essa seção era denominada de "Carta Aberta", mas em

algumas edições aparece com diferentes títulos, como "Applaudindo" (*O Kosmos*, ano I, n.10, mar. 1923) e "Muito Bem" (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922), ou simplesmente sem nenhum. Nas edições de dezembro de 1922 e janeiro e fevereiro de 1923, essa seção representou uma troca pública de correspondências entre o Sargento Theophilo Fortunato de Camargo e Z. K. (pseudônimo). O conteúdo dessas cartas era sempre provocador, como se ambos estivessem participando de uma disputa por conhecimentos históricos e retóricos, chegando até a haver insultos entre os correspondentes:

> SAUDAÇÕES
> **Ao inigmatico indivíduo que se me dirigio por carta aberta, neste conceituado orgam, e que se oculta sob o pseudonymo de Z.K.**
> Em primeiro lugar, desejo que no seu cérebro doentio – victimado por paixões banaes e despeitos inconcebíveis, um raio de luz penetre, para que o Amigo possa ler e comprehender bem o que eu vou escrever em portuguez, se não correcto, pelo menos palpável, ao contrario do que se deu com o Amigo na sua missiva, repleta de bobagens e... Santo Deus! de ausencia completa das mais comesinhas regras de portuguez rudimentar [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

É possível encontrar esse mesmo gênero textual, as *cartas de leitores*, porém com menor frequência, em *O alfinete.* A denominação dessa seção e seus propósitos eram bem parecidos com os do jornal anterior, pois também eram publicadas cartas com temas diversos:[12]

> Carta Aberta
> Snr. Redactor do Alfinete, peço a V. S. fazer o obsequio de agazalhar no vosso Jornal as seguintes linhas, que são de todo interesse das sociedades recreativas de Homens de Côr desta Capital [...]. (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)

12 De fevereiro a agosto de 1928, não foi encontrada nenhuma ocorrência do gênero *carta de leitores* em *O clarim d'alvorada.*

Sr. Redactor

Li ha dias num jornal de Sorocaba que uma sociedade recreativa d'aquella cidade deliberou, em reunião, abolir o uso de bebidas alcoólicas por occasião de suas festas, permitindo tão sòmente o uso das bebidas sem alcool, como sejam Néctar, Sisi, gazosas e etc.

É digno de louvor a idea dos membros d'aquella sociedade [...].

Zelindo (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

Em geral, é publicada em *O Kosmos* uma seção que informa o público leitor sobre as finanças do grêmio, a composição (ou eventuais trocas de membros) da diretoria, as reuniões e festas realizadas, as apresentações de peças dramáticas com os nomes de seus respectivos atores e, também, anuncia os nomes de sócios novos ou eliminados por inadimplência. Essa seção aparece sob o título do próprio grêmio e revela o diferencial, em termos organizacionais, dessa associação dedicada à comunidade negra. Além disso, demonstra suas intenções de promover verdadeiramente a integração dos negros, preparando-os para o convívio em sociedade, uma vez que não se dedica apenas à organização de eventos dançantes, mas também de cursos, saraus e peças artísticas.

É notável que essa seção tem uma proposta mais ampla que o gênero textual *balancete*, apresentado por Bonini como um *gênero periférico*, mas não deixa de ter características semelhantes. No entanto, de acordo com os objetivos de *O Kosmos*, não convém classificar esse gênero como *periférico*, uma vez que revela as intenções diretas dos organizadores desse jornal; um *gênero central*, portanto. A título de ilustração, segue um fragmento dessa seção:

Gremio Dramatico e Recreativo "Kosmos"

Foi organizada a chapa official da Directoria do anno de 1923:

Presidente – Abílio José Rodrigues

Vice – José de Moura Marcondes

1º Secretario – Mario Franco de Moura

[...]

> – Socios que foram eliminados por falta de pagamento – Benedicto Braga, Amadeu Florêncio de Araujo [...].
> – Balancete do mez de novembro.
> Receita – 443$200.
> Despesas – 224$000 [...]. (*O Kosmos,* ano I, n.7, dez. 1922)

Esse mesmo gênero textual, o *balancete,* também é encontrado em *O clarim d'alvorada*, mas com menor relevância, se comparado a *O Kosmos* – permitindo, dessa forma, sua classificação como *gênero periférico* nesse jornal. Essa classificação pode ser justificada pela localização preferencial desse gênero no final da última página. Em algumas edições de *O clarim d'alvorada* aparecem, além do *balancete* com as receitas e despesas do próprio jornal, o balancete de outras intituições, como o Club Treze de Maio dos Homens Pretos.

Em praticamente todas as edições de *O Kosmos* ocorre a publicação de uma seção destinada a textos humorísticos, como as *anedotas*. Essa seção, denominada "Idéas dos outros", ocupa a última página do jornal e tem tamanho variado, publicando, em geral, de uma a cinco anedotas. De acordo com a importância que esse gênero tem para a composição desse jornal, não é possível considerá-lo *periférico*, uma vez que divertir também faz parte da proposta dos editores do jornal – assim, pois, é possível classificá-lo como um *gênero textual central.* Seguem alguns exemplos:

> Um pae para o filho, mostrando-lhe a conta do collegio:
> – Nunca imaginei que os estudos custassem tão caros!
> – É, mesmo assim, papá, eu sou um dos que estudo menos!
>
> – Papá, quando eu fôr grande quero casar com a minha avósinha.
> – Então, tu queres casar com a minha mãe, meu pateta?
> – E o papá não casou com a minha? (*O Kosmos,* ano I, n.7, dez. 1922)

Em algumas edições de *O Kosmos*, *O alfinete* e *O clarim d'alvorada* foram publicados textos destinados a noticiar fatos que ocorreram com a comunidade negra em cidades do interior e na própria

capital paulista e acontecimentos que marcaram outras associações destinadas ao congraçamento dos homens negros. É interessante notar que essas *notícias* não abrangem os acontecimentos políticos, econômicos e sociais da capital paulista, de forma que a imprensa negra não tinha um caráter noticioso mais amplo de fato, apesar de que alguns jornais traziam esse dizer em seu subtítulo. Assim, o conteúdo desses textos revela dados dos eventos comunitários, como hora, local e pessoas envolvidas, mas, normalmente, não há imparcialidade nos comentários, colocando essas *notícias* no limiar entre o gênero textual *notícia*, de fato, e o gênero *comentário*:

Pic-nic em Campinas

Esteve concorridissimo o convescote organizado pela Directoria do "Club dos Alliados", no dia 29 de outubro p. p. na visinha cidade de Campinas. No primeiro trem que parte desta capital ás 5 e 25 da manhã, seguiram muitas senhoritas e cavalheiros do nosso meio social áquella localidade, onde tiveram ao chegar, imponente recepção dos membros das diversas sociedades campineira, alli representada e comissionada pelo distincto jornalista sr. Benedicto Florêncio e outras pessoas gratas [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

Uma surpreza

Num dos intervallos do ensaio do "Barão do Rio Branco", no dia 13 do mez passado, foi o sr. Adolpho Lima, digno presidente do mesmo, surprehendido com a entrega de um ramalhete de flores artificiaes e de um officio enviado pelo "Centro R. Araraquarense" em signal de congratulação com o Gremio. Foi encarregado dessa prebenda o sr. Benedicto dos Santos, 1º Fiscal, quando em viagem áquella localidade. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

Club 13 de Maio

A 18 do mez findo, essa digna e criteriosa sociedade deu mais um soberbo baile kermesse em beneficio dos cofres sociaes. Esteve bastante concorrido.

[...]

O "Alfinete" que está prohibido de entrar nesta gloriosa associação, por ditos e mexericos, esteve bem guardadinho no bolso superior do paletot do Benedicto Vianna [...]. (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

Black!...

Com alto orgulho, mais uma vez, nós nos encontramos satisfeitos e é de justiça acclamarmos com todo o impulso do coração – felizmente ainda há pretos de valor e de sensatez!...

E, para tanto, temos um exemplo frisante o presado amigo, collaborador desta folha, o poeta applaudido – O Lino Guedes, que á 19 de Novembro de 1927, lançou a publicidade o seu tão bem feito e engenhoso livrinho que se intitula "Black", onde estampou as verdades verdadeiras a respeito da nossa gente e dos factos que se passaram na capital do nosso paiz, com Miss Parsons na Escola das Enfermeiras.

O medianeiro da nossa literatura negra é Lino Guedes [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928)

Além dessas notícias, ainda é possível encontrar nos jornais *artigos* sobre diversos assuntos. Caracteristicamente, esses textos são menores que os *editoriais*, mas também revelam os ideais dos organizadores dos periódicos em relação à população negra. A maioria desses artigos contém a assinatura de seu autor e expressa "dicas" de comportamento, vestimenta, bons hábitos ou, ainda, felicitações para determinadas atitudes dos dirigentes das sociedades negras, demonstrações públicas de confiança ou de desagrado etc.:

Que horror!

Cada vez... comprehendo menos.

É verdade que ninguem perde por se mostrar agradável e cortez. Não desconhecemos essas prerrogativas, assim como achamos justo e de direito que se deve observar o decoro no falar, no sentar, no modo de estar nos salões, ainda mais quando se está num divertimento seja elle baile, festas ou reuniões.

Infelizmente, temos sido testemunhas occulares de factos que muito prejudicam e desdenham os nossos homens de côr. A cada passo vemos não só nos salões dansantes como em outros lugares, um dos nossos (homens pretos) que ri, graceja, acha graça de coisas que não há motivos para alegrias. Procedimentos taes não só desgosta, offende e enfada, como demostram que ainda estamos muito aquem, muito longe mesmo de frequentar-mos os salões, reunioes, lugares chics, etc porque nos falham polidez para tanto!

Euzébio (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

Observando

Diariamente os jornaes criticam justa e benevolentemente o actual exagero da moda, que em geral, as senhoras adoptam nos seus vestuários, prejudicando assim, a moral e o physico. São bem desnecessarios os decotes descommunaes, os braços nus, a demasiada pintura que forçosamente virá estragar a belleza natural feminina.

[...] O recato e o pudor davam melhor brilho a beleza feminil; a modéstia concorria para o encanto irresistível da mulher... Hoje, é ridiculo, é mesmo criticável! [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

Echos do Carnaval

Ha muito tempo que tenho observado que, pela occasiao do carnaval, é que grande numero de moças apresentam-se fantasiadas de mulheres de apaches. Que ingenuidade!! Eu creio que todas essas moças que assim procedem não sabem qual é o verdadeiro significado de *apache* ou *de mulheres de apaches!*

Apache é um individuo vagabundo e ladrão, que vive nas tabernas, premeditando assaltos e crimes. [...]

Horacio da Cunha (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

Observai!...

Há muito que venho notando um certo descaso entre os nossos patricios sobre os que vem lutando intellectualmente, sem medir esforços para o engrandecimento da nossa raça que caminha errante

para a ignorancia, não obstante, alguns dos nossos batalhadores incançaveis em suas oracoes fervorosas, mostrar-lhes as necessidades que passamos e a grande falta de união existente entre nós.

[...]

Luis de Souza (*O clarim d'alvorada,* ano I, n.2, mar. 1928)

Há ainda algumas seções em *O alfinete* que se destacam pela peculiaridade. Trata-se de textos que justificam o título do jornal. A proposta dessas seções é justamente "alfinetar" a vida das pessoas da comunidade negra, ora para expor e tentar corrigir um comportamento considerado indesejável, ora para ressaltar as qualidades das pessoas, ou para simplesmente fazer um "mexerico" – por essa razão, optou-se por classificar esse tipo de texto como *coluna de mexericos*. Essas seções podem ser encontradas nas últimas duas páginas do jornal e contam com um espaço significativo. O vocabulário empregado é muito próximo da oralidade, contando com termos de baixo calão e gírias. A *coluna de mexerico* pode vir na sequência das *notas* (sem título) ou aparecer sob a denominação de "Aprecio", "Phrazes apanhadas", "Criticas / Vimos e ouvimos...", "O que dizem...", entre outras. A maioria dessas "fofocas" vem com a designação da autoria (identificada por meio de pseudônimos), as demais são identificadas por "Alfinete":

Phrases apanhadas

As irmãs Cotas, dizendo: Graças ao bom diabo, o nosso nome não sahiu esta vez no "Alfinete".

Ouve Tudo

Porque será que o sr. Paulo socio do "Pendão Brazileiro" não tem ido mais aos ensaios de Frach?

É que a crise está danada, nem mesmo todos os advogados podem trajar taes roupas, porque senão acaba e depois nos dias de festa?

Então será esta a razão?

O alfinete vai syndicar melhor.

Lambe Lasca (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)

Sebastião da Cruz, cuidado com as pianistas, olha quando as trez se encontram uma só vez ahi é que eu quero ver a fita com você.

Uma te queima a roupa, outra te leva a presença d'aquelle lá da P. e a outra te leva no balão; ahi se acaba a farra das ruas Bonita, Graça e Dutra Ruiz.

Calango (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Aprecio:

– O andar garboso de M. Rosa.

– O vestido branco e azul de A. Rita.

– O namoro da srta. M. Baptista com um mocinho do "Kosmos".

– A prosa agradável de Olga Silva, na rua S. Joaquim.

Pigmeu (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

Criticas

Com o Juvenal de Campos ter arranjado no sebo uma menina meio garrafa.

Com o Benedicto Vianna uma namorada de pernas de sabiá.

Com o Carlos Nascimento resolver vender nas feiras do Largo do Arouche, pinga com limão e meias remendadas.

Tupy (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

A partir desse levantamento dos gêneros textuais que compõem os jornais da imprensa negra em análise, e retomando o estudo do hipergênero jornalístico tal como proposto por Bonini (2003), torna-se possível a proposta de um quadro que esquematize os gêneros encontrados. De modo geral, é válido ressaltar que os gêneros selecionados pelos redatores apontam para a tendência de não caracterizar os jornais como noticiosos. Dessa forma, fica evidente o intuito pedagógico e conscientizador dos textos publicados na imprensa negra paulista. Assim, segue uma proposta de organização dos gêneros contidos em *O alfinete*, *O Kosmos* e *O clarim d'alvorada*:

Quadro 2 – Gêneros de *O Kosmos*. Fonte: própria.

GÊNEROS DE *O KOSMOS*		
CENTRAIS		PERIFÉRICOS
Presos	Livres	
cabeçalho expediente	editorial nota carta de leitor balancete anedotas notícia comentário artigo	anúncio poesia textos literários em prosa

Quadro 3 – Gêneros de *O alfinete*. Fonte: própria.

GÊNEROS DE *O ALFINETE*		
CENTRAIS		PERIFÉRICOS
Presos	Livres	
cabeçalho expediente	editorial nota carta de leitor notícia comentário artigo "coluna de mexerico"	anúncio poesia textos literários em prosa balancete anedotas

Quadro 4 – Gêneros de *O clarim d'alvorada*. Fonte: própria.

GÊNEROS DE *O CLARIM D'ALVORADA*		
CENTRAIS		PERIFÉRICOS
Presos	Livres	
cabeçalho	editorial notícia comentário artigo de opinião expediente poesia textos literários em prosa	classificado balancete nota aviso

Os gêneros textuais de *O combate*

Tomando como ponto de partida para o levantamento dos gêneros que compõem *O combate* o fato de que esse jornal teve uma proposta ideológica condizente com o cenário político dos anos 1915 a 1930 e que o projeto dessa folha foi idealizado e concretizado por membros de uma família de jornalistas da capital paulista, os Rangel Pestana, nota-se que a sua estrutura organizacional e de conteúdo diferencia-se em diversos aspectos da dos jornais da imprensa negra analisados neste estudo.

Os gêneros textuais que compõem *O combate* harmonizam-se com duas propostas distintas: por um lado, a defesa dos operários grevistas e dos oprimidos de uma maneira geral, a oposição ao governo e a notícia de fatos da vida pública; e, por outro lado, a publicação de textos dedicados a agradar à sociedade paulistana da época.

O combate era um jornal de tamanho médio, composto regularmente por quatro páginas, cada uma dividida, por sua vez, em seis ou sete colunas. Todo esse espaço físico do jornal era preenchido por textos (e também por *anúncios*) e as seções não contavam com uma disposição fixa, excetuando-se a última página, que era sempre destinada aos *anúncios*. Era, em geral, um jornal com uma boa diagramação e com várias gravuras, o que o tornava de leitura agradável.

De acordo com a nomenclatura proposta por Bonini (2003), em *O combate* são partes integrantes do *gênero central preso* o *cabeçalho*, composto pela estrutura padrão dos jornais, ou seja, o título, o subtítulo (com os dizeres *Independência – Verdade – Justiça),* a data, o ano, o número da edição, o endereço da redação e o número do telefone para contato; e o *expediente*, destacado por dois quadros com informações sobre os responsáveis técnicos (o diretor e o secretário) e o valor das assinaturas semestral e anual (Figura 12):

O COMBATE

INDEPENDENCIA – VERDADE – JUSTIÇA

Foi prorogado o estado de sitio

Viva o marechal Hermes!

Evohé!

Chegou! chegou! chegou!...

Mais um attentado allemão

O vapor nacional "Taquary" foi torpedeado por um submarino

Morreram sete brasileiros e um portuguez

Figura 12 – Gêneros presos de *O combate.* Fonte: *O combate,* ano III, n.796, 2 jan. 1918.

Na página inicial, e com posição de destaque, eram publicados textos cujo conteúdo pautava-se na opinião do jornal sobre os últimos acontecimentos do cenário político nacional ou sobre algum fato importante para a vida socioeconômica brasileira. Nesses textos, ficava patente o posicionamento ideológico dos redatores frente aos assuntos em pauta, uma vez que era adotada uma postura de denúncia das irregularidades da vida pública e de defesa dos ideais das classes menos favorecidas. Esses textos podem ser denominados *editoriais,* uma vez que tinham o propósito de exprimir o parecer do jornal em relação a determinado acontecimento por meio de um teor dissertativo/opinativo. Entretanto, considerar que um único jornal tenha mais de um *editorial* pode causar um certo estranhamento caso não se leve em conta o período jornalístico em questão, que se caracterizava pela formação do padrão a ser seguido por esse hipergênero – nesse sentido, alguns textos de *O alfinete, O Kosmos* e *O clarim d'alvorada* também podem ser considerados *editoriais,* devido a seu caráter acentuadamente persuasivo.

Os *editoriais* de *O combate,* assim como alguns outros gêneros textuais, contavam com uma particularidade, se comparados aos jornais da imprensa negra. Era comum a colocação em um mesmo texto de um *título* associado a um *subtítulo* e/ou um *sobretítulo*[13] que

---

13 Os termos *sobretítulo* e *subtítulo* são entendidos como frases dispostas, respectivamente, acima ou abaixo do título, para esclarecer-lhe o sentido ou dar mais informações.

poderiam ser destacados com uma fonte diferente, com o uso de negrito, itálico, sublinhado ou caixa-alta – essa tendência afinava-se com os grandes jornais de renome no cenário jornalístico paulista. Em alguns *editoriais* havia, ainda, a publicação de uma *foto*, ou ilustração, relacionada com o conteúdo do texto, e uma *legenda*. Para apresentar um modelo de *editorial* de *O combate* e a maneira como eram apresentados o *título,* o *subtítulo* e o *sobretítulo,* seguem os exemplos retirados das edições de 1º de janeiro e 1º de novembro de 1918 (Figuras 13 e 14):

O presente de festas do *sr. Wenceslau.*

O presente de festas do sr. Wenceslau

Foi prorogado o estado de sitio

Viva o marechal Hermes!

O governo federal decretou a [illegible] do estado de sitio até [illegible] de fevereiro. A nós, como a toda gente, tal deliberação não podia causar a minima surpresa. Pelo contrario, seria de espantar que outra coisa occorresse.

Em primeiro lugar, havia para a permanencia do sitio, o mesmo motivo que o tornára [illegible] necessario: a ausencia total de motivos legaes. Depois,

O presidente modelo

para [illegible] como infallivel a sua prorogação, bastava esta circumstancia: a de todos proclamarem que o sr. Wenceslau Braz não desejava ver-se de novo [illegible] com a medida de [illegible], sabido como é que [illegible] sr. Wenceslau quer as medidas que põe em pratica...

O extrangeiro, de certo, ha de perguntar de que serviu a [illegible] das garantias constitucionaes [illegible] crente de que ella [illegible] ao intuito de melhor [illegible]

plo delicado vá ao ponto de melindrar o representante de uma nação amiga ou que o sr. Alexandre Braga invista desabridamente, pela imprensa, contra o governo do seu paiz...

Mas os brasileiros já estamos habituados a essas coisas. Sabemos todos que o sitio é um factor normal em nossa vida politica. Agora, ante o estado de guerra, não era contra o inimigo que elle se impunha, mas contra nós mesmos.

Desde que a nação cumpre esse altissimo dever civico, consagrando o nome do autor putativo do sitio, será este prorogado até 3 de maio. O congresso nacional, ao installar-se, repleto de capacidades e de patriotas triumphantes, graças ao eclipse da legalidade, não recusará ao presidente a prorogação da bemfazeja medida até o fim deste quatriennio. E o sr. Rodrigues Alves, então, governará quatro annos sob o estado de sitio.

Afinal, a despeito de todas as calumnias, de toda a oratoria inflammada dos comicios e do parlamento, de todo o dinheiro gasto com a campanha [illegible]

FOI PRORROGADO O ESTADO DE SITIO.

Viva o marechal Hermes!

O governo federal decretou a prorrogação do estado de sitio ate 24 de fevereiro. A nós, como a toda gente, tal deliberação não podia causar a minima surpresa. Pelo contrario, seria de espantar que outra coisa ocorresse.

Em primeiro lugar, havia para a permanência do sitio, o mesmo motivo que o tornara necessário: a ausência total de motivos legaes [...].

Figura 13 – Exemplo de *editorial* de *O combate.* Fonte: *O combate,* ano III, n.796, 1º jan. 1918.

A "influenza hespanhola" em São Paulo

O dever da imprensa é, dizendo a verdade, apontar as falhas e lembrar, ao mesmo tempo, as providencias necessarias

Cresce o numero dos casos e dos obitos. - O serviço de desinfecção dos domicilios e das malas postaes

A hospitalização. – O clero não deu conta do recado, na distribuição dos soccorros. — Varias notas e noticias

Os jornalistas que entendem de manter, em horas graves como esta, a mesma inconsciencia revelada habitualmente, quando tecem delambidos elogios aos governantes, andam a censurar os que, ao contrario, pensam ser opportuno apontar as responsabilidades pela invasão violenta do mal reinante.

Não nos serve a carapuça. As criticas que temos feito são tão justas, que estão sendo aproveitadas. Pois se o que pedimos não constitue nenhuma novidade em materia de hygiene! Pois se á sua rigorosa observancia, em epocas de epidemias mais graves do que esta, é que S. Paulo deve não ter o seu territorio dominado pela peste!

Pedimos a hospitalisação, não só como meio de assistencia, mas tambem para evitar-se o contagio, ao menos nos casos mais graves. Isto já se começou a fazer, o que prova que lembramos alguma coisa aproveitavel...

Proclamamos a fallencia da actual organisação sanitaria de S. Paulo e ninguem ousará contestal-a com factos. O que estamos assistindo não tem precedentes na historia da hygiene paulista.

E' o proprio Serviço Sanitario quem recommenda que os enfermos não recebam visitas. A conselho da mesma repartição foram fechadas as casas de diversões, dissolveram-se até a pata de cavallo os «foot-ballers» das varzeas, prohibiram-se as visitas aos cemiterios, etc. A molestia é, pois, altamente contagiosa.

No entanto, suspendeu-se por completo o policiamento sanitario e de desinfecção, nem sequer ainda se cuidou! Onde já se viu tratar-se dessa fórma um mal epidemico?!

Que tivemos razão em reclamar a intensificação da vigilancia sanitaria, prova-o a seguinte noticia, colhida no proprio «Jornal do Commercio», de hontem, a respeito da Assistencia Policial:

«Hoje deixarão de ter exercicio naquella repartição os medicos do Serviço Sanitario, ultimamente para alli destacados».

Quer isto dizer que os inspectores voltam a exercer as suas funcções, de que nunca deve-

Como se faz desinfecção

O caso das malas postaes, vindas do Rio e que empestaram a repartição por terem sido transportadas em vehiculos empregados na conducção de cadaveres naquella capital, não é apenas um attestado mais da decomposição franca da administração publica federal: é um crime tambem e seria conveniente a abertura de um inquerito para punir tão execraveis scelerados, se fôsse possivel ter-se qualquer confiança na exequibilidade de semelhante alvitre.

Não é só. O caso mostra ainda que a desinfecção da correspondencia, em S. Paulo, ou não é feita ou faz-se por processos irracionaes. Do contrario, a fedentina não se produziria. Em qualquer circumstancia, é espantosa a negligencia que, aqui, continúa a reinar pela vida da população.

Neste ultimo caso, a quem cabe a responsabilidade? O «Jornal do Commercio», não querendo vêr mais que odio e despeito nas criticas formuladas contra o nosso Serviço Sanitario, atira toda a culpa á Administração dos Correios. Mas a verdade é que á nossa repartição de hygiene toca o maior quinhão de censuras.

Com effeito, nunca o Serviço Sanitario do Estado depositou a menor confiança na acção das autoridades sanitarias federaes. A isso devemos o facto de, no passado, não ser o nosso Estado invadido por pestes reinantes em outros pontos do paiz. Funccionarios da hygiene paulista eram destacados para Recife e para o Rio, viajavam nos vapores até Santos, indagavam do destino dos passageiros e, quando estes aqui desembarcavam, recebia o inspector do districto onde os recem-chegados fixavam residencia, ordem para vigial-os. Isto fazia-se secretamente, mas com tal segurança que, quando o mal se manifestava, o isolamento do enfermo era immediato e todo o quarteirão ficava sob vigilancia. Porque, pois, não se ha de contar tambem com a negligencia ou a incapacidade do sr. dr. Prado Assumpção?

Nocturno) – R. Asdrubal do Nascimento).

Collegio Santa Ignez (Bom Retiro).

Começarão a funccionar hoje, dia 1.º, mais os seguintes:

Collegio Diocesano, a cargo do dr. Emilio Ribas, fundado pelo Arcebispado, na Luz;

Grupo escolar da Barra Funda, a cargo do dr. Luiz do Rego.

A proposito, deviam ser dadas instrucções ao povo, com a maior diffusão possivel, informando-os sobre a conveniencia da hospitalisação, sobre a pessoa a que cada qual se deve dirigir no caso de querer remover-se para os hospitaes, sobre os meios de transporte, etc.

Ainda a divisão do trabalho

O momento exige que sejam aproveitadas todas as capacidades postas á margem, por qualquer motivo. Não se trata de substituir os funccionarios incumbidos de determinadas tarefas, mas de uniformisar as actividades de cada um delles, de accôrdo com as necessidades da situação e para que cada qual possa melhor dedicar-se á sua funcção especifica.

Foi com esse objectivo que propuzemos a entrega da direcção da assistencia hospitalar ao sr. dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, a dos postos medicos ao dr. Carlos Botelho, a do serviço clinico domiciliario ao dr. Emilio Ribas. Com o mesmo intuito, suggerimos que o dr. Alarico Silveira fosse chamado a auxiliar o sr. dr. Washington Luis na systematização do serviço a cargo da Prefeitura.

A acção coordenadora desse cavalheiro consistiria em fiscalisar a Limpeza Publica, os cemiterios, os mercados, o matadouro, etc., sem invadir as attribuições dos chefes desses serviços, mas zelando pela observancia de um plano harmonico que o sr. prefeito saberá delinear. Ha uma infinidade de detalhes que o sr. dr. Washington Luis não póde, pessoalmente, combinar com os varios chefes de repartição e a estes tambem escasseia tempo ou mesmo autoridade para cuidarem de assumptos que, devido ás exigencias do momento, se não desta-

A fiscalisação dos preparados contra o mal

Um medico suggere hoje, pelo «Estado de S. Paulo», a seguinte medida:

«Prohibir annuncios de drogas e artigos que se relacionem com a epidemia sem o prévio visto do director geral da Saúde Publica».

A idéa, bem inspirada, é perigosa, todavia. Basta lembrar que o dr. Arthur Neiva poderia prohibir, como allopatha que é, o annuncio de preparados homeopathicos.

Além disso, desconfiamos muito da imparcialidade do director do Serviço Sanitario quando lêmos os annuncios que Armbrust & Cia. estão fazendo inserir, na imprensa, dos productos do Instituto do Butantan, estabelecimento official, directamente subordinado á alludida repartição. Nelles é apregoado um extracto tonsilar ou amigdaliano.

«preparado a pedido do prof. dr. Erico Coelho, da Faculdade de Medicina do Rio, que tem obtido excellentes resultados».

Ora, afigura-se-nos o cumulo do cynismo que um instituto scientifico official esteja preparando e lançando no mercado medicamentos sem rigorosa verificação de sua efficacia e só porque um medico lhe enaltece o valor. Qualquer outro fabricante de droga póde reunir attestados mais concludentes do que esse, a favor das suas panacéas...

Que Armbrust & Cia. procurem impingir os extractos do Butantan, é naturalissimo. Mas só uma drogaria, como é hoje o Instituto Serotherapico, póde se prestar a esse jogo puramente mercantil.

As eleições

Está marcada para o dia 9 do mez entrante a eleição de um senador federal, na vaga do sr. Rodrigues Alves. Adial-a não será possivel. Mas realisal-a, agglomerando o eleitorado nas secções, nesta época de pandemia, tambem será um crime.

O remedio é pôr em pratica,

Figura 14 – Exemplo de *editorial* de *O combate*. Fonte: *O combate,* ano III, n.1.042, 1º nov. 1918.

Alguns textos publicados em *O combate*, em função da postura investigativa assumida pelos redatores do ano de 1918, podem ser considerados como *reportagens*, uma vez que contavam com a preocupação de sindicar sobre determinados acontecimentos que envolviam os cidadãos paulistanos. Nesses textos, os redatores divulgavam o resultado de suas investigações, incluindo, em alguns casos, a publicação de entrevistas com as pessoas envolvidas e de fotos ilustrativas. Determinadas reportagens tinham uma duração de dois ou mais exemplares, chegando a ser exploradas ao longo de alguns meses, como aconteceu com o caso da greve dos padeiros nos meses de outubro a dezembro de 1918. Nesse caso, foram produzidas diversas *reportagens*, na tentativa de explorar todos os âmbitos possíveis da questão, desde uma averiguação do posicionamento dos consumidores, dos políticos responsáveis pela carestia alimentar por que passava o país na época, até o ponto de vista dos principais interessados no assunto – os próprios padeiros:

> A greve dos padeiros
>
> Os padeiros, porém reagiram fazendo uma verdadeira greve: resolveram não entregar o pão a domicilio, salvo se lhes fôr permitido cobrar mais 25% no preço do pão fornecido por esse processo. (*O combate*, ano III, n.1.017, 1º out. 1918)

> Contra a fome
>
> **Os padeiros e açougueiros contra a tabella**
>
> Como os varejistas se estão desforrando das peias da tabella
>
> [...]
>
> A repentina suspensão das entregas a domicilio, que tamanho desarranjo causou a freguesia, deixou a irritada contra os grevistas. Tanto que a idéa de *lock-out,* isto é, da demora proposital do pagamento das contas mensaes, era idéa vencedora... (*O combate,* ano III, n.1.018, 2 out. 1918)

A questão do pão

Os proprietários de padaria falam a "O Combate"

[...]

– Uma vez que tanto pede, vá lá; vou fazer-lhe a vontade. Saiba, pois, O COMBATE que não há de nossa parte nenhum propósito de prejudicar o publico. A medida que hoje pusemos em pratica é inteiramente justa, e tomámol-a depois de madura reflexão sobre o assumpto. Não nos é possível vender o pão pelo preço estipulado pelo Commissariado porque isso acarretaria para a nossa classe incalculáveis prejuízos. [...]. (*O combate*, ano III, n.1.018, 2 out. 1918)

Desde a primeira página até a terceira eram publicadas *notícias* em que o assunto principal era também referente ao contexto político e social do país e da capital paulista. Essas notícias seguiam a mesma estrutura já explicitada para o *editorial*: *título*, *subtítulo* e/ou *sobretítulo* e, finalmente, a *notícia* propriamente dita. São exemplos:

A falta de gazolina

A Standard Oil previne os consumidores

Noutro local estampamos o aviso da Standard Oil Co., de que a gazolina está cada vez mais escassa, devido á falta de transportes, sendo ella obrigada a restringir as suas vendas. Em primeiro lugar, supprirá os medicos e os serviços públicos em geral. Depois os "chaffeurs", que dependem dos automóveis para viver. Ainda assim, recommenda economia nos gastos do combustível, para evitar que elle venha a faltar de todo. (*O combate*, ano III, n.893, 1º maio 1918)

A reorganização da Guarda Nacional

Uma reunião de officiaes para tratar do assumpto

Realizou-se hontem, uma reunião de officiaes da Guarda Nacional para tratar do acto do governo federal que reorganizou a milícia, convertendo-a em exercito de 2ª linha, sob jurisdição do ministério da Guerra.

> Ao que podemos saber, ficou assentado dirigir-se uma representação ao presidente da Republica, protestando contra a referida organização. (*O combate*, ano III, n.918, 1º jun. 1918)

Bonini (idem) classificou o gênero *notícia* como central, por caracterizar os propósitos do veículo comunicativo em questão. Cabe ressaltar que, para a análise dos gêneros de *O combate*, faz-se necessário subdividir esse gênero de acordo com sua temática, ou seja, há *notícias* declaradamente de teor político, *notícias* acerca de outros municípios e *notícias da vida cotidiana* referentes a fatos burocráticos e sociais, cujo interesse é restrito à cidade de São Paulo. Para um caso como esse, a necessidade de subdividir um gênero, Bonini (2004, p.9) prevê o conceito de *subgênero temático*:

> Tais gêneros, quanto ao aspecto temático, se caracterizam como subgêneros temáticos. Uma notícia de esportes, neste sentido, à medida que tem um assunto específico, fatos característicos, audiência específica, apresenta um engendramento discursivo característico, constituindo-se um subgênero da notícia em sentido geral.

As seções dedicadas às notícias referentes a determinados municípios não são publicadas regularmente em *O combate*, exceto a seção dedicada ao Rio de Janeiro. Nesse sentido, fica evidente a preocupação dos redatores em estabelecer um diálogo com o interior paulista e com a capital federal da época, sobretudo pelo fato de que esse jornal mantinha correspondentes em diferentes cidades, tais como Penápolis, São Carlos, Sorocaba, Pirajuí, Caconde, entre outras. São exemplos do subgênero *notícias municipais*:

> Padres suspeitos
>
> **Como elles andam**
>
> Informam de Pirajuhy, que o dr. Angelo Sangirardi, delegado de policia em commissão, quando regressava de uma diligencia,

encontrou na estrada de Sucury, dois indivíduos trajando vestes [...], desconhecidos, a aos quaes convidou para o acompanharem até á delegacia.

Na policia, esses indivíduos apresentaram-se como padres ortodoxos e que andavam esmolando para uma instituição religiosa da Syria, donde são naturaes [...]. (*O combate*, ano III, n.796, 2 jan. 1918)

Pollitica de Jacarehy

A scisão da pollitica em Jacarehy, segundo se diz, terá um termo honroso para ambas as facções ora divergentes. Concordamos em partes com a solução pacifica e de harmonia da família republicana jacarehyense[...]. (*O combate*, ano III, n.843, 1º mar. 1918)

Em Santos

Uma homenagem ao coronel Joaquim Montenegro

A cidade de Santos, por iniciativa de uma commissão de cavalheiro, promove uma grande manifestação de apreço e de gratidão, ao mesmo tempo, ao sr. coronel Joaquim Montenegro, que occupando os cargos de prefeito municipal e de presidente da Cruz Vermelha, se tornou credor do reconhecimento publico. (*O combate*, ano III, n.1.066, 5 dez. 1918)

Do Rio

O futuro ministério

RIO, 3 – O "Correio da Manhã" diz hoje que se confirma a noticia de que S. Paulo não dará nenhum ministro ao futuro governo [...]

O governador do Pará não vem

RIO, 4 – O deputado Souza Castro recebeu um telegramma de Belém informando-o de que, ao contrario do que se dizia, o dr. Lauro Sodré, governador do Pará, não virá ao Rio. (*O combate*, ano III, n.994, 3 set. 1918)

É possível, ainda, estabelecer a existência de mais um subgênero do gênero *notícias*, que poderia ser denominado de *notícias da vida*

cotidiana, pois os textos dessa natureza limitavam-se a comunicar fatos da vida burocrática e da saúde pública da cidade de São Paulo, de forma que o interesse do leitor pelo conteúdo desse tipo de texto dependia de seu envolvimento com as pessoas ou acontecimentos noticiados. Essas *notícias* tinham como característica o fato de serem breves e ocuparem, preferencialmente, o final da segunda ou terceira página. Seguem alguns exemplos desse subgênero textual:

> No Ypiranga
>
> **Um mexicano cahiu de bicycleta**
>
> O mexicano Rodrigo Amadeu, de 36 anos, solteiro, mechanico, morador á rua Tabor, 23, quando vinha á cidade de bicycleta, cahiu naquella rua, ferindo-se pelo corpo todo. [...] (*O combate*, ano III, n.994, 3 set. 1918)
>
> O *DR. UGOLINO PENTEADO* FOI SUSPENSO. O *dr. Ugolino Penteado, inspector medico escolar*, foi suspenso, por 3 mezes, do exercício de seu cargo, por falta de exacção no cumprimento de seus deveres. (*O combate*, ano III, n.942, 2 jul. 1918)
>
> FÉRIAS. O *sr. Juvenal Galeano Castro, escrivão da delegacia de Capturas*, obteve as férias regulamentares. (*O combate*, ano III, n.942, 2 jul. 1918)
>
> **Um carroceiro recebeu um coice do burro**
>
> O carroceiro Genésio Antonio, preto, de 89 annos, solteiro, morador no bairro da Casa Verde, hoje, quando limpava um burro, numa cocheira, á alameda Barão de Rio Branco, recebeu um coice, na região inguinal direita.
>
> Na assistência, Genésio foi medicado pelo dr. França Filho, não tendo gravidade o seu estado. (*O combate*, ano III, n.1.064, 3 dez. 1918)

Com essa mesma proposta de discussão de fatos político-ideológico-sociais, é publicada em *O combate* uma seção dedicada à

publicação de correspondências, concernente ao gênero *cartas de leitores*, em que se divulgavam cartas de diferentes assuntos, incluindo comentários sobre a política vigente:

> "NO 'TRIANON'. UM MENINO DE 10 ANNOS TORPEMENTE EXPLORADO. Escrevem-nos: "*sr. redactor.* Respeitosas saudações. – Venho por meio desta pedir a *V.S.* para chamar a attenção da autoridade competente, para um pobre, pretinho, que serve de reclame na porta do 'Trianon'.
>
> Esse menino não tem 10 annos completos e passa todas as noites sem dormir, abrindo portas de automoveis e dançando com Sacy Perêrê, para ganhar uns nickeis dos frequentadores daquella casa. O seu pae é um deshumano que vive explorando as gorgetas por elle recebidas que se elevam diariamente a 5$ e 10$.
>
> Eu estou certo que V. S. não deixará de chamar a attenção da autoridade competente sobre este escândalo". (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

> Do sr. Edgard Leuenroth recebemos uma carta, que com prazer estampamos:
>
> "Amigos d'O COMBATE.
>
> [...] Sabeis que acompanho com interesse a vida d'O COMBATE desde o seu 1º numero e julgo, porisso, estar habilitado a conhecer os que nelle trabalham. Como, pois, julgal-os insinceros numa questão delicada para os elementos liberaes de S. Paulo, a cujo lado têm sempre estado nas situações mais melindrosas? [...] Saudações do amigo – Edgard. (*O combate*, ano III, n.967, 1º ago. 1918)

Apesar da pouca regularidade, eram publicadas em *O combate charges* de teor declaradamente político. Em função do fato de esse gênero textual ser datado, ou seja, propor uma reflexão acerca de um acontecimento em discussão no momento, em uma primeira leitura não é possível depreender o alvo da crítica, o que se torna

mais claro a partir de uma leitura mais atenta acerca dos fatos políticos do período. Seguem exemplos de *charges* retiradas da edição de 1º de março de 1918:
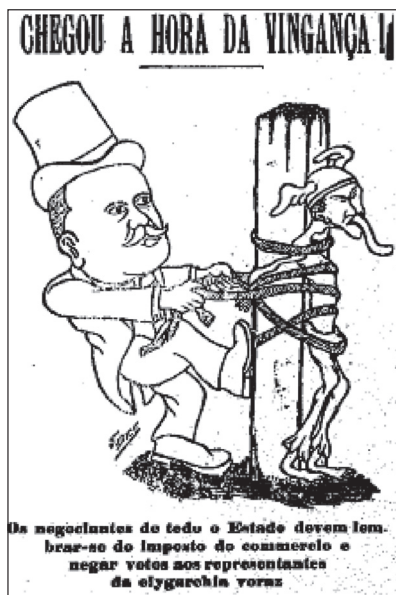
Figura 15 – Exemplo do gênero textual *charge.*

Figura 16 – Exemplo do gênero textual *charge*.

Além desses gêneros textuais, caracterizados por um teor político e "combativo", *O combate* era formado por alguns outros gêneros que, indiretamente, esboçavam um panorama da vida social e cultural da capital paulista. Nesse sentido, algumas seções destacam-se, por exemplo "Ecos & Fatos", "Chronica da Vida Social", "Sports" e "Theatros e diversões".

A seção "Chronica da Vida Social", pertencente ao gênero textual *notas*, era o espaço reservado pelo jornal para se comunicarem os aniversários, batizados, casamentos, e outros eventos sociais, de pessoas importantes para a sociedade paulistana. Já a seção "Ecos &

Fatos" pode ser classificada como pertencente ao gênero *comentário* pelo fato de constituir-se por pequenos comentários de um redator sobre os mais diversos assuntos:

> CHRONICA DA VIDA SOCIAL
>
> ANNIVERSARIOS.
>
> Fazem annos hoje:
>
> a exma. sr. d. Elvira Ciurlo, esposa do sr. Guilherme Ciurlo, leiloeiro nesta praça; [...]
>
> a srta. Maria Apparecida, sobrinha do sr. Antonio Martins Teixeira de Carvalho, oficial da secretaria da Câmara dos Deputados; [...]
>
> o sr. Major Martim Francisco da Cruz, fiscal do 43º de Caçadores. (*O combate*, ano III, n.1.065, 4 dez. 1918)
>
> **ECOS & FATOS**
>
> Anno Feliz!
>
> O anno novo, evidentemente, começou muito bem. Vejam só o que já nos trouxe, para principiar:
>
> – A guerra continua a cobrir o mundo de sangue, ruínas e misérias.
>
> – A [...] de Guatemala foi destruida pela metade e 125.000 pessoas ficaram sem abrigo.
>
> – A republicanissima republica do Brasil se honra com mais um estado de sitio por dois mezes, porque os seus governos precisam defender-se... da imprensa! [...] (*O combate*, ano III, n.796, 2 jan. 1918)[14]

Em todos os exemplares diários de *O combate* aparecia o gênero *programação de teatro* em uma coluna denominada "Theatros e diversões". Essa coluna era dedicada a apresentar peças e espetáculos artísticos em cartaz nas salas de exibição da capital paulista. Além

14 Em todas as seções "Ecos & Fatos" o texto é impresso com letras em itálico.

dessa função, os redatores responsáveis por essa seção acrescentavam comentários sobre os autores e as peças exibidas e faziam referência ao elenco e ao valor dos espetáculos, proporcionando um panorama da vida cultural da cidade de São Paulo dos anos de 1910 a 1930 e dando indícios sobre o público leitor de *O combate* – pertencente à classe social média, média alta ou alta consumidora desse tipo de diversão:

> **Theatros e diversões**
>
> BOA VISTA
>
> A 'matinée' de hontem, neste theatro, foi muito concorrida, sendo representada a peça 'Os milagres de Santo Antonio'. Nas duas sessões da noite tivemos a revista 'Sustenta a nota', que attrahiu numerosa concorrência.
>
> – Hoje, na primeira sessão, a burleta 'Eleições do amor'; na segunda, a revista 'Sustenta a nota'.
>
> – Em ensaios: a revista 'Off Side'.
>
> – Dia 11, festa artistica da actriz Carmen Ordonez, com a peça 'Os aliados'. (*O combate*, ano III, n.867, 1º abr. 1918)

Além dessa seção, a coluna dedicada aos *comentários esportivos* também se destinava exclusivamente a corresponder aos desígnios da elite paulistana. Essa seção era publicada, sobretudo, em jornais da grande imprensa – que vinham estabelecendo essa tendência no jornalismo da época. A coluna de esportes era dedicada a um seleto público consumidor que poderia acompanhar os jogos de futebol pelo rádio ou frequentar estádios. Pelo fato de que apenas a elite tinha acesso a atividades de lazer, como esportes e teatro, é possível deduzir que a sociedade daquela época era fortemente hierarquizada. Essa tendência pode ser comprovada pela linguagem em que eram compostas as matérias esportivas, sobretudo pelo uso de expressões estrangeiras, compreensíveis apenas para as pessoas economicamente favorecidas. Com um caráter ilustrativo, segue um exemplo dessa coluna:

SPORTS

FOOT-BALL

O match Rio S. Paulo

Está definitivamente organizado o scratch paulista que no próximo domingo disputará numa partida contra o scratch do Rio de Janeiro.

A sua constituição é a seguinte:

Dyonisio
Palamone – Carlito
Sergio – Lagrecca (cap.) – Ítalo
Formiga – Mario – Arthur – Méco – Arnaldo

Foi pena que Amílcar não quizesse jogar, pois que Lagrecca tem um joelho enfermo e com qualquer mau geito ficará fóra de campo.

O mesmo succede com Formiga que, além do mais, talvez não se entenda com Mario, como se entenderia com o seu companheiro do Paulistano Agnello.

Em todo o caso, força é reconhecer que este scratch está mais forte do que o que perdeu o match no dia 7 do mez passado, sendo-nos licito esperar, portanto, que não soframos um novo desastre. (*O combate*, ano III, n.967, 1º ago. 1918)

No que concerne ao *gênero periférico anúncio*, algumas considerações devem ser feitas, uma vez que sob essa rotulação costuma-se englobar textos de diferentes naturezas. Pelo fato de que esse gênero ocupa um espaço substancial do jornal, é possível estabelecer algumas semelhanças e diferenças entre esses textos.[15] A maioria deles tem o objetivo de fazer uma *propaganda*, ou seja, o dono de

15 A respeito dos *anúncios*, Luca (2008, p.151) tece o seguinte comentário: "O discurso publicitário, peculiar às cidades modernas, articulava-se às novas demandas da vida urbana do início do século XX e, no que diz respeito à imprensa periódica, transformou-se em uma fonte essencial de recursos. O anúncio trilhou, então, novos caminhos em relação à estrutura e linguagem, enquanto o agenciador individual cedeu lugar, no decorrer da década de 1910, às empresas especializadas, marco na profissionalização da atividade".

um estabelecimento divulga seus produtos e serviços por meio de um texto em linguagem conativa, podendo apresentar gravuras, por exemplo (Figuras 17, 18 e 19):[16]

> Pharmacia Central
> ASSADURAS DAS CREANÇAS
> Usem o
> "TALCOBORO de ASSIS"
> Pharmacia Central (*O combate*, ano III, n.918, 1º jun. 1918)

> **A Hespanhola**
> Para evitar, desinfetem sua casa com
> **CLORO NA PHTOLEUM**
> Producto americano. Vende-se á rua 15 de Novembro n.41 sob. Com Anacleto. (*O combate*, ano III, n.1.067, 6 dez. 1918)

> Há HESPANHOLA em sua casa? É porque não há OKREDYL. O melhor desinfetante nacional. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

> **CAFÉ BRANDAO (ANDES)**
> Nº 15 – Rua Quinze de Novembro – Nº 15
> Estabelecimento de 1ª ordem
> Café dos Andes é de propriedade do velho e conhecido Brandão, o iniciador dos cafés em São Paulo
> Installações luxuosas, á altura dos progressos da CAPITAL PAULISTA
> O proprietário: SOUZA BRANDÃO (*O combate*, ano III, n.873, 2 fev. 1918)

16 A partir do mês de outubro do ano de 1918, a epidemia de gripe espanhola atinge um patamar alarmante na cidade de São Paulo. Por essa razão, nessa época começam a ser inseridas em *O combate propagandas* de funerárias e de produtos contra a epidemia.

Figura 17 – Exemplo de propaganda em *O combate*. Fonte: *O combate*, ano III, n.873, 2 fev. 1918.

Figura 18 – Exemplo de propaganda em *O combate*. Fonte: *O combate*, ano III, n.1.064, 3 dez. 1918.

Figura 19 – Exemplo de propaganda em *O combate*. Fonte: *O combate*, ano III, n.893, 1º maio 1918.

Entretanto, há textos em que o objetivo maior está relacionado com o campo dos negócios, ou seja, fazer ofertas de compras e vendas de bens, podendo, por isso, ser considerados como pertencentes ao gênero textual *classificados*:

> **Terrenos em prestações**
>
> Desde 300$000 o lote de 10 metros de frente por 50 de fundo – A prazos longos sem juros – Na estrada nova de SANTO AMARO, em frente á rua Pedro de Toledo, lugar magnífico, muito povoado, a 20 minutos do bonde. Estes terrenos ficam no prolongamento da Avenida Luiz Antonio.
>
> NO CAMBUCY, ruas Lavapés, Diogo Vaz, Esonvero e S. João Baptista.
>
> NO YPIRANGA, com entrada pela nova rua do Grito, bairro industrial; distam os terrenos cinco minutos do bonde. Informações completas e plantas na travessa da Sé n.6, sobrado, só com o sr. Silveira.
>
> Responde-se immediatamente a qualquer pedido de informações, por carta. (*O combate*, ano III, n.796, 2 jan. 1918)

Finalmente, para se concluir essa comparação, há alguns textos, classificados como *anúncios,* em que o intuito é ofertar serviços pessoais ao público leitor do jornal, a saber:

> Professor diplomado habilita alumnos para os exames de admissão à Escola Normal e Gymnasio. Lições especiaes de inglez e francez. Preço Módico. É encontrado até ás 11 da Manhan. Rua Major Sertorio, n.101. (*O combate*, ano III, n.796, 2 jan. 1918)

> **DR. CARLO PADALINO**
>
> **Medico**
>
> Diplomado pela R. Universidade de Nápoles em 1881 – Habilitado pelo Governo Federal em 1913 – Clinica geral com especialidade em moléstias das senhoras, da pelle e venéreo siphiliticas

Consultas: das 8 ás 11 e das 13 ás 16 (*O combate*, ano III, n.1.017, 2 out. 1918)

Dr. LUIZ PEREIRA BARRETO.

Especialidade – Cura radical de hemorrhoides por processo sem sangue e sem chloroformio. Residência: rua Appa, 2, – (Bondes Palmeiras). (*O combate*, ano III, n.1.017, 2 out. 1918)

Para sintetizar os gêneros textuais que compõem *O combate*, tanto os que foram neste capítulo expostos quanto os dispensados de apresentação por serem semelhantes aos já comentados na ocasião da análise dos gêneros em *O alfinete*, *O Kosmos* e *O clarim d'alvorada*, segue o Quadro 5, também adaptado a partir da proposta teórico-metodológica de Bonini (2003):

Quadro 5 – Gêneros de *O combate*. Fonte: própria.

GÊNEROS DE *O COMBATE*		
CENTRAIS		PERIFÉRICOS
Presos	Livres	
cabeçalho expediente notícia (política, municipal, "vida cotidiana") reportagem carta do leitor análise artigo nota	comentário crítica comentário esportivo editorial fotografia programação de teatro fotolegenda charges entrevistas	anúncio propaganda classificado aviso balancete receita

3
O SISTEMA DE FORMAS DE TRATAMENTO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Um dos aspectos mais marcantes dessa divergência que o falante opera na linguagem é a maneira específica como se refere ao seu ouvinte. A língua portuguesa oferece uma escolha ampla de formas de tratamento, e a decisão tomada é a manifestação mais nítida do relacionamento que o falante percebe existir entre si e o seu interlocutor. Essa decisão é o ponto em que a língua mais explícita e conscientemente desempenha um papel social.

(Jensen, 1977, p.45)

Semântica do poder e da solidariedade

Uma vez analisados os gêneros que compõem os jornais em estudo, fez-se visível a relação existente entre o emprego das formas de tratamento e os propósitos de cada uma das seções desses jornais. Na realidade, essa é uma relação esperada, pelo fato de que esse dado linguístico representa um exemplo privilegiado da intersecção que há entre a história interna e externa da língua, já que evidencia a inter-relação entre fatos sociais e verbais, representando os fundamentos de organização do *status* social. Assim, a

escolha de uma forma de tratamento pelos redatores dos jornais, em detrimento de outras, está relacionada com as normas e os valores vigentes na sociedade paulistana do início do século XX, além de estar vinculada à intenção desses redatores ao escrever o texto e ao público-alvo que pretendem atingir.

Analisando a relação entre o emprego das formas de tratamento e os dados de organização social dos portugueses, Cintra (1986) defende que a complexidade das formas de tratamento está diretamente relacionada com as sociedades que têm como característica a divisão social em estamentos ou camadas sociais hierarquizadas. Em um estudo sobre o complexo sistema de tratamento do português europeu, o autor associa cada uma das formas de tratamento ao grau de intimidade e à relação entre a pessoa interpelada e a pessoa que lhe dirige a palavra.

Na posição de sujeito, Cintra define três possibilidades para o português europeu: (i) tratamentos pronominais (*tu, você, vossa excelência* etc.); (ii) tratamentos nominais (*o senhor, a senhora, o meu amigo* etc.); (iii) tratamentos verbais, ou pela desinência verbal (por exemplo: *Quer?*). Em comparação com as formas pronominais e as formas verbais – que não caracterizam diretamente o interlocutor, limitando-se a chamar a atenção para o enunciado –, o uso nominalizado lembra algo próprio da pessoa com quem se fala, seja simplesmente o sexo, seja a categoria social ou profissional, o parentesco, o grau de intimidade entre os interlocutores etc.

Andrade (2008, p.151) ressalta que a escolha de uma dessas possibilidades de formas de tratamento previstas pelo sistema "depende das relações entre os diversos *status* sociais e os papéis para desempenhá-los. Entretanto, alguns usos podem-se fixar por mais tempo do que outros, em virtude da dinâmica das transformações sociais".

Ao analisar o sistema de tratamentos empregado no Brasil, Tarallo (1981) considera a existência de dois padrões de tratamento: um que é não recíproco, diferencial ou não íntimo; e outro que é, ao contrário, recíproco, não diferencial ou íntimo. Segundo o autor, a escolha de um desses padrões está relacionada com a conexão existente entre a situação de uso e a semântica da forma de trata-

mento. Em outras palavras, essa escolha ocorre entre tratamentos reveladores de intimidade ou formalidade. Para a variedade culta de língua portuguesa usada atualmente no Brasil, Tarallo (idem, p.47) considera como principais as formas de tratamento elencadas no quadro reproduzido abaixo:

Quadro 6 – Principais formas de tratamento empregadas no Brasil. Fonte: Tarallo (ibidem).

Intimidade	Formalidade
Primeiro nome Primeiro nome + inho/zinho (Paulinho) gente, minha gente você, vocês amigo(s), amiga(s) meu(s) amigo(s) minha(s) amiga(s) companheiro(s) companheira(s) meu(s) amor(es) meu bem querido, querida menino, menina	título título + Primeiro nome (PN) título + Último nome (UN) título + (PN) + (UN) senhor, senhora senhor(a) + (PN) senhor(a) + (UN) senhor(a) + (PN) + (UN) meu senhor, minha senhora dona dona + PN dona + UN dona + PN + UN

Essas relações de intimidade, formalidade e reciprocidade que definem padrões de tratamento, apontados por Tarallo ao analisar o português do Brasil, são discutidas primordialmente pelo clássico artigo de 1960 de Brown & Gilman, "The pronouns of power and solidarity". Os autores, naquele momento, propuseram um modelo que envolve o uso dos tratamentos correspondentes às duas características principais das sociedades: o poder e a solidariedade. Para estabelecer esse padrão semântico, os autores analisaram a covariação entre a forma de tratamento empregada e o relacionamento objetivo existente entre o falante e o interlocutor ao qual ele se dirige.

Para Brown & Gilman (1972), *poder* é o relacionamento não recíproco que se estabelece entre, no mínimo, duas pessoas, no sentido de que elas não podem ter poder na mesma área de comportamento. Dessa forma, o poder semântico revela formas de tratamento típicas da relação entre um superior e um inferior, demonstrando que

existe contextualmente uma estrutura social que define hierarquias de poder para cada indivíduo. Essa hierarquização pode ter diferentes bases de acordo com os valores sociais vigentes, que vão desde a força física, a riqueza, a idade e o sexo, até os papéis institucionalizados no Estado, na Igreja, no Exército e dentro da família. Assim, a primeira experiência de subordinação de um indivíduo ao poder acontece no seio de sua própria família, na relação reverencial com seus pais. Posteriormente, a norma vigente que prevê o tratamento assimétrico é transferida para as demais relações sociais, como a que se estabelece entre patrão e empregado, por exemplo.

Em contrapartida, Brown & Gilman apontam a existência de relações interpessoais estabelecidas a partir de um padrão de reciprocidade. Esse tipo de relação revela uma maior complexidade, se comparada às relações de poder, pelo fato de que a maior probabilidade de ocorrer uma relação simétrica, no sentido mais estrito da palavra, se dá no tratamento que dois irmãos gêmeos podem empregar mutuamente ou com um homem conversando e atribuindo um tratamento para si mesmo. Apesar da dificuldade de se estabelecer relações em que não haja nenhuma denotação de poder, os autores preveem que pode haver relações simétricas entre pessoas que frequentam a mesma escola, que compartilham da mesma profissão, ou demais atividades diárias. Há, ainda, a possibilidade de se estabelecer relações solidárias pela frequência do contato entre duas pessoas ou a partir de similaridades objetivas. Entretanto, tal frequência não faz com que, necessariamente, essas pessoas passem a empregar os tratamentos considerados solidários – isso só ocorre após o estabelecimento de uma relação mais íntima a partir de uma confluência de opiniões que resultou desse contato.

De forma geral, os tratamentos que expressam relações interpessoais de poder e solidariedade são denominados pelas iniciais V e T, em referência ao pronome de 2ª pessoa do plural *vos* e 2ª do singular *tu* do latim, respectivamente. V define tanto relações de reverência quanto de formalidade, e T envolve a semântica da condescendência e da intimidade. Entre essas duas formas existe um limite tênue que se consolida por meio da generalização do poder

semântico. Assim, o poder superior pode ser solidário – como ocorre nas relações entre pais e filhos ou entre irmãos mais velhos – ou não solidário, se tratar-se da relação entre oficiais, por exemplo.

Brown & Gilman fundamentam essa proposta de análise do sistema de tratamentos em estudos históricos que revelam um conjunto de correspondências entre o poder semântico e o sistema feudal, por revelar sociedades estáticas, em que o indivíduo garantia o poder pelo seu nascimento sem muitas possibilidades de redistribuições desse poder. Entretanto, os pesquisadores acreditam que a base histórica do poder semântico tem mudado de direção nas sociedades modernas, por identificarem um aumento do T mútuo entre os membros de uma mesma comunidade (colegas de classe ou de trabalho, membros de um mesmo grupo político, pessoas que compartilham um *hobby* ou fazem uma viagem juntas etc.) a partir da comparação dos dados de seus informantes (compostos por universitários europeus), que apontaram para a variação existente entre a preferência de tratamentos caracterizados por V pelas pessoas mais velhas e por T pelas mais jovens. A justificativa dessa nova tendência está pautada nas novas associações entre ideologia e pronome semântico:

> Pelas nossas considerações sobre a evolução semântica geral dos pronomes, nós identificamos um estágio em que a regra da solidariedade foi limitada para o tratamento de pessoas de poder equivalente. [...] Nós acreditamos que o desenvolvimento de sociedades abertas, com uma ideologia igualitária aja contra o poder semântico não recíproco e a favor da solidariedade. É nosso palpite que as grandes mudanças sociais criem uma aversão à expressão face a face de diferenciação de poder. (Brown & Gilman, 1960, p.269, trad. nossa)[1]

1 Tradução nossa: "*In our account of the general semantic evolution of the pronouns, we have identified a stage in which the solidarity rule was limited to address between persons of equal power. [...] We believe, therefore, that the development of open societies with an equalitarian ideology acted against the nonreciprocal power semantic and in favor of solidarity. It is our suggestion that the larger social changes created a distaste for the face-to-face expression of differential power*".

Formas de tratamento e os gêneros do jornal

Neste estudo, as formas de tratamento são analisadas por meio das seguintes relações estabelecidas entre: (i) dados históricos, sociais e culturais da população em questão; (ii) um embasamento acerca dos gêneros textuais que compõem os jornais em análise; (iii) a discussão sobre a relação entre as escolhas dos tratamentos e a semântica do poder e da solidariedade que permeia a comunidade negra do período; (iv) e, finalmente, um estudo discursivo das formas de tratamento, em que se busca detectar marcas de interação social, de ironia, de tentativa de inserção social e de outros fatores que influenciam na escolha dos tratamentos.

Para se atingir a proposta de (iv), é de suma importância a classificação dos tratamentos de acordo com a posição e intenção do enunciador no momento da enunciação. Nesse sentido, Soto (2001, p.18) afirma que

> podemos estabelecer uma distinção entre as expressões de tratamento segundo elas recuperem uma ou outra pessoa do discurso. Uma concepção do outro *stricto sensu* pode ser definida em oposição a outros dois pontos de vista complementares como nos mostra Carreira (1995, p.49). O tratamento do outro, denominado "*allocution*", se dá quando o "*JE désigne TU*". Os dois outros tratamentos são a "*élocution*: *JE désigne JE*" e a "*délocution*: *JE désigne IL/ELLE*".

Com um caráter ilustrativo, seguem, respectivamente, um exemplo de alocução (quando há um enunciador dirigindo-se diretamente à segunda pessoa do discurso), um de elocução (quando o enunciador trata de si mesmo) e um de delocução (para a enunciação em que o locutor trata de uma terceira pessoa) dos jornais em análise:

> Juiz – Quem é accusado á justiça não lhe fala de mãos nos bolsos.
> Reu – *Senhor Juiz*, estou aqui por mettel-as nos dos outros; onde quer que as metta agora? (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

> Os homens só procuram mulheres bonitas, não há lugar por onde *eu* passe que *eu* não note um ponto de admiração! (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

> Na madrugada do dia 2 *o sentenciado Virgilio Valério Ferreira*, evadiu-se da cadeia publica de Botucatú, servindo-se de uma chave feita por *elle* mesmo (?) na prisão, com uma colher. (*O combate*, ano IV, n.1.069, 9 dez. 1918)

A análise das formas de tratamento em função da disposição dos interlocutores em textos produzidos na modalidade escrita – como é o caso dos gêneros textuais dos jornais em questão – remete ao estudo do processo de interação na escrita. Por interação entendem-se as relações estabelecidas pelo enunciador e seus interlocutores, sejam eles reais ou virtuais, no texto escrito. Essas relações ocorrem, obrigatoriamente, com indivíduos socialmente organizados, ou seja, mesmo que não se trate de um indivíduo real, o enunciador se dirigirá a um grupo social genérico (é o que ocorre com os redatores de jornal ao se dirigirem genericamente a um leitor). Dessa forma, para que o discurso construa-se, os participantes devem conceber claramente o lugar social de seus interlocutores.

A interatividade é um fenômeno previsto pelo sistema linguístico, já que as línguas o expressam por meio de diferentes marcas, que "são constituídas por expressões ou formas linguísticas que subentendem a presença de um leitor a quem o escrevente se refere de modo claro e sem qualquer ambiguidade em determinado contexto situacional" (Andrade, 2008, p.150).

Um exemplo privilegiado de marca de interatividade é a escolha das pessoas gramaticais, também evidenciada pelas desinências verbais (por exemplo: "eu", "você", "senhor", "senhorita", "entrevistamos") em função da relação estabelecida entre os participantes em uma situação comunicativa. Nesse sentido, Andrade (idem, p.159-60) afirma que

> a relação dessas marcas com a gramática evidencia-se pelo fato de essas formas linguísticas serem usuais na língua, ou seja, são em-

> pregadas de acordo com as possibilidades que o sistema de língua portuguesa permite.
>
> Tal uso faz parte de um movimento próprio do processo de textualização cuja presença do interlocutor evidencia-se na própria construção textual.

Dessa forma, ao se estudar a interatividade no texto escrito, merece um especial destaque o sistema de formas de tratamento, já que a escolha de uma forma em detrimento de outra disponível na língua explicita os posicionamentos sociais representados no processo interacional, a saber: solidariedade, intimidade, poder, polidez, reverência, hierarquia etc.

Nos jornais em análise, é comum os redatores dirigirem-se textualmente a seus interlocutores em atos alocutivos, revelando diferentes intenções: desde simplesmente evidenciar a preocupação com o interlocutor – como é o caso específico de *O combate* – até felicitar diretamente algum leitor pelo seu aniversário ou alguma conquista, criticar publicamente alguém – tal como ocorre com *O alfinete* – ou revidar algum tipo de provocação – a exemplo das cartas trocadas entre leitores em *O Kosmos*.

Em *O alfinete*, os casos de alocução mais comuns são os encontrados em gêneros textuais que coadunam com a atitude pedagógica típica do início do movimento da imprensa negra. Nesses textos, fica evidente a preocupação dos redatores com o comportamento dos membros da comunidade negra. Para ilustrar essa atitude alocutiva seguem dois exemplos de *O alfinete*:

> Seu Philogonio. Cuidado com a cavação da rua Canindé nº88. olha isso não dá certo.
>
> *Você* precisa encentar com essa cavação.
>
> A mãi della é viúva sem encosto, e só vive das verduras que vende, e por isso mesmo é para vestir e educar a filha. [...] (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)
>
> José Velino, olha essas vidraças, *você* que anda metido nesses porões do Canindé, é perigoso uma noite tomar um trote e atra-

palhar-se nas vidraças porque quanto mais olhos se tem menos se encherga.

O Cutiba. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Nesses exemplos, há uma primeira pessoa que não se identifica, mas genericamente pode ser considerada como um redator do jornal, que se dirige diretamente a uma segunda pessoa do discurso. Ambas as enunciações revelam a intenção do redator de alertar esses leitores do jornal sobre algum aspecto de seus comportamentos. Cabe ressaltar que nesse tipo de atitude alocutiva há uma série de fatores imbricados, a saber: essas alocuções acontecem em apenas um gênero do jornal *O alfinete*, a *coluna de mexericos*, que se destina a apontar comportamentos das pessoas da comunidade negra, ora para expor e tentar corrigir uma atitude considerada indesejável, ora para ressaltar as qualidades das pessoas, ou para simplesmente fazer "fofocas"; em seções desse tipo, a enunciação é sempre construída a partir de um vocabulário próximo da informalidade; além disso, a alocução revela a intenção do redator em demonstrar o poder que sua profissão lhe concede, por ter a possibilidade de julgar os demais membros da comunidade – evidenciando que a escolha da forma de tratamento se dá em função de esse redator, na interação, conhecer o lugar social de seus interlocutores.

Entretanto, há com menor frequência alguns outros gêneros em que é possível detectar alocuções de outras naturezas. Um deles é a chamada *carta de leitores*, em que há uma primeira pessoa que se identifica, dirigindo-se ao redator. Em situações como essa, a linguagem empregada é uma tentativa de adequação à norma culta, e o tratamento é sempre formal:

Sr. Redactor

Li ha dias num jornal de Sorocaba que uma sociedade recreativa d'aquella cidade deliberou, em reunião, abolir o uso de bebidas alcoólicas por occasião de suas festas [...].

> Quem sabe se ao lerem estas mal traçadas linhas secundem o esforço deste seu humilde leitor e propagandista anti-alcoolico que muito espera dos homens de boa vontade, amantes [...] do progresso.
>
> Zelindo (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

Ocorrem também alocuções nas seções dos jornais dedicadas à publicação de cartas ou textos em que a temática amorosa é ressaltada:

> Paixão
>
> Bella minha, dar-*te*-ia o meu todo e tudo para receber dos *teus* inclitos lábios a palavra mais consoladora para um ente que ama – paixão.
>
> Louco de paixão por *ti*, o meu ser parece desfazer-se em nada quando ao fitar-*te*, frente a frente, *negas*-me um olhar de compaixão.
>
> Sim, percebo ao longe, adorada minha, que nem ao menos *dás* um ar que *estás* comprehendendo que sou um apaixonado pela mais bella jovem que os meus olhos não se cançam de mirar. Não importa Adélia santa, vale mais o tempo que a nossa vontade. Oliveira. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

No caso de *O combate*, ocorre alocução em um único gênero específico: trata-se das *entrevistas.* Nesse gênero, ficam evidentes a primeira e a segunda pessoa da interlocução, uma vez que era preocupação dos redatores desse jornal conceder o devido espaço para que os envolvidos em uma notícia pudessem se pronunciar. Segue exemplo de uma entrevista de *O combate*:

> Dizendo-lhe ao que iam, o sr. Carvalho quiz esquivar-se de nos elucidar a respeito, allegando nada saber por de nada ainda ter tratado. E accrescentou:
>
> – O meu socio é que o póde informar. Venha cá amanha. Tenha paciencia.

> Nós, porém, insistimos certos de vencer aquella resistência com que não haviamos contado. Effectivamente assim aconteceu. E o sr. Carvalho começou então a expôr os factos, calmamente:
>
> – Uma vez que tanto pede, vá lá; vou fazer-lhe a vontade. Saiba, pois, O COMBATE que não há de nossa parte nenhum proposito de prejudicar o publico. A medida que hoje puzemos em pratica é inteiramente justa, e tómamol-a depois de madura reflexão sobre o assumpto. (*O combate*, ano III, n.1.018, 2 out. 1918)

São mais comuns na imprensa negra, tal como no jornalismo em geral, os tratamentos delocutivos, em que o autor do texto menciona uma terceira pessoa, também com variadas intenções. Esse tipo de tratamento merece atenção por apresentar algumas peculiaridades, sobretudo o fato de que há uma grande quantidade de ocorrências delocutivas, em que o locutor, além das formas de tratamento habituais como o *senhor* ou o cargo do interlocutor, emprega ainda outras formas nominais – marcas interacionais produzidas inclusive com o uso de adjetivos – para ressaltar a importância dos membros da "classe dos homens de cor", valorizando-a. Segue uma ilustração dessa atitude delocutiva:

> Guardamos até agora viva impressão da morte do *nosso ilustre companheiro de luta e bondoso amigo – o sr. Joaquim Cambará*. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Um dos tratamentos delocutivos mais empregados pelos redatores da imprensa negra paulista, com a finalidade de promover a integração dos negros na sociedade, evidenciando uma marca de *status*, é a forma *patrício*.[2] Dentre as várias acepções do termo *patrício* mencionadas pelo Dicionário Novo Aurélio (1999), há duas que contribuem para a compreensão desse tratamento empregado pelos

2 Majoritariamente, o tratamento *patrício* ocorre em situações delocutivas. Entretanto, foi encontrada uma única ocorrência dessa forma como alocução (cf. exemplo retirado de *O alfinete* de setembro de 1918).

redatores, a saber: "distinto, elegante" e "conterrâneo, compatriota". Esses dois sentidos complementam-se para a análise dessa forma de tratamento, uma vez que os próprios redatores definem *patrício* como seus "irmãos de côr" nascidos no Brasil e que têm por dever amar sua pátria, além de ressaltarem sua importância no seio da comunidade ao empregarem esse tratamento. Em outras palavras, ora o termo é empregado com um sentido mais étnico, ora com o sentido de "compatriota".

Seguem, respectivamente, uma definição do ideal de patriotismo, um excerto que define os indivíduos considerados *patrícios* pelos redatores – ambos retirados da edição de junho de 1928 de *O clarim d'alvorada* – e exemplos do emprego desse tratamento:

> O patriotismo
>
> Ser Patriota é tambem amar os seus irmãos de raça, animando-os, ajudando-os coherentemente nas suas primordiosidades e coadjuvando no seu evoluir e na sua integridade.
>
> Portanto, a bem dos nossos interesses sejamos Patriotas para que o nosso ideal seja um facto no conceito da communidade dos povos. Luis de Souza. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

> Maior seria a nossa ascenção, a nossa victoria, a nossa satisfação; portanto, daria maior gaudio ao nosso appello se todos *os patricios – pretos, mulatos, enfim descendentes daquelles congregados*, em romaria não só fossemos lá nas solidões dos cyprestes, onde a belleza já se declinou e as cinzas dos nossos finados bem amados ainda imperam mas: promettessemos concorrer além das homenagens justas a aquelles que se debateram pela Lei Aurea, labutar pela congregação da nossa mocidade que surge, e refletissemos bem no preterito de angustias e de lá sahissemos resolvidos a encarar a vida com maior abnegação?
>
> Jayme de Aguiar (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

> *Patricios*!
>
> [...] Imitemos os nossos antes passados, *patricios illustres* que honraram e honram a dignidade de homem, e brio a côr! [...]

Vamos *patricios*, vamos proseguir o desenvolvimento da nossa classe, assim deixaremos aos nossos vindouros o justo exemplo! [...] A patria já nos chama, poderemos então ser o infimo dos soldados? Penso que não! Jamais arrefecemos em nos instruir.

Benedicto Fonseca (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Observai!...

Há muito que venho notando um certo descaso entre os *nossos patricios* sobre os que vem lutando intellectualmente, sem medir esforços para o engrandecimento da nossa raça que caminha errante para a ignorância [...].

Não há muito tempo, um dos nossos lidadores (Laly) teve a feliz ideia da creação na nossa Paulicéa de um hospital para o amparo dos *nossos patricios desprotegidos*, e no entanto, por falta absoluta de apoio não se poude crear esse hospital, cujo nome seria Hospital Henrique Dias. [...]

E este pequeno porta-vós, espera que cada *patricio* procure unir-se um ao outro, lutar racialmente, doutrinando os seus filhos, para que o alvorecer de amanhã seja mais uma gloria e honra para esta polentosa Nação Brasileira.

Luis Souza (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Dr. Baptista Pereira

Conforme fora annunciado, realizou-se no dia 19 do mez findo, na sala nº2 da Faculdade de Direito a conferencia deste *grande patricio* sob o thema: O BRASIL E A RAÇA, e a raça negra que foi o mais solido tronco da nossa grandiosa nacionalidade [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928)

[...] sendo pela 3ª vez, levado a scena o drama em 3 actos, original do *nosso patricio e amigo Abilio José Rodrigues*, intitulado "Scenas da Vida". (*O alfinete*, ano VI, n.976, out. 1921)

A UMA JOVEM NEGRA: que aspira liberdade d'uma raça

[...] Tendes razão jovem Negra, é miserrima a nossa condição, dentro do nosso proprio Paiz, porém não querem encarar assim os nos-

sos *patricios de epiderme clara*, mas a esses eu responderei dizendo... Pintem-se de preto e tentem arranjar um emprego publico; porém, a saber, que não seja de continuo ou de porteiro.

L. Veiga dos Santos[3]

Especificamente no caso do jornal *O alfinete*, além de textos com a função de exaltar os membros da comunidade negra – que ocupam as seções iniciais dos jornais –, é ainda possível encontrar textos delocutivos em colunas denominadas "Aprecio", "Phrazes apanhadas", "Criticas", entre outras, em que a linguagem empregada não revela preocupações em se manter a formalidade:

Porque será que o *sr. Paulo* socio do "Pendão Brazileiro" não tem ido mais aos ensaios de Frach?

É que a crise está danada, nem mesmo todos os advogados podem trajar taes roupas, porque senão acaba e depois nos dias de festa?

Então será esta a razão?

O alfinete vai syndicar melhor.

Lambe Lasca (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)

Em cada um dos jornais em análise é possível estabelecer tendências de uso de tratamentos elocutivos. Em *O combate*, por exemplo, as formas de primeira pessoa – sobretudo primeira pessoa do plural – não fazem referência a um indivíduo especificamente, mas ao corpo jornalístico desse jornal como um todo. Além disso, ainda é possível encontrar elocução no gênero *entrevista*, haja vista que a reposta de um entrevistado tende a ser alicerçada em sua própria opinião. Assim, segue um exemplo de uma *nota* que trata do próprio jornal e de uma entrevista em que ocorrem momentos elocutivos:

3 *O clarim d'alvorada*, ano I, n. 7, ago. 1928.

A nossa 2ª edição

O COMBATE deu hontem, ás 4 e meia da tarde, uma segunda edição, que representa um verdadeiro *tour de force.* Fornecemos aos leitores o resultado conhecido áquella hora, nas diversas secções da capital, o que nenhum outro jornal, nem mesmo os da noite, conseguiu fazer.

Publicámos tambem nessa edição tres *clichés* sobre o pleito, dois dos quaes reproduzimos hoje.

Registrando o successo alcançado pela nossa 2ª edição, que rapidamente se exgottou agradecemos muito a todas as pessôas que, gentilmente nos forneceram, pelo telephone, os resultados da apuração, assim auxiliando o esforço da nossa reportagem. (*O combate*, ano III, n.844, 2 mar. 1918)

Ainda o caso da rua Bento Freitas (entrevista)

Tratava-se duma moça de nome Jandyra dos Prazeres, que em tempos trabalhou de modista no *atelier* da Mme. Rillos. Parando em frente á casa a contemplal-a curiosamente, dirigimos-lhe a palavra, interrogando-a sobre o assumpto.

– Há já uns poucos de mezes que eu deixei de ser empregada de Mme. Rillos. Passo, porém, todos os dias aqui e tenho notado que um mysterio qualquer envolve o silencio desta casa. De resto, não sou só eu a extranhar o caso. Todas as pessoas que conheciam mais ou menos a familia Rillos andam egualmente intrigados. (*O combate*, ano III, n.1.066, 5 dez. 1918)

Em *O alfinete*, a principal ocorrência de tratamento elocutivo é o pronome de primeira pessoa do singular *eu*, empregado em gêneros que favorecem a temática amorosa. Nesses textos, há sempre um enunciador exprimindo seu amor não correspondido e seu consequente sofrimento. Em alguns casos, esse tratamento é empregado quando o enunciador tem a intenção de recordar bons momentos do passado e de expressar sua subjetividade – é válido ressaltar que todos esses textos têm pretensões literárias. Os dois primeiros exemplos que seguem se referem a elocuções cuja temática é amorosa, e os exemplos subsequentes tratam de temas variados:

Só a ti

[...] Mesmo assim, sinto-me incapaz de supportar a vida quando, n'uma concentração de espirito, não vejo o dia de amanhã. [...]

Euzebio (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1919)

Santos – Uma tarde na praia

Era uma tarde triste e serena. O ceu estava axilino e tramsparente eu na praia; a contemplar aquella belleza puramente encantadora: e o que servia de tristeza para o vale, eu abysmado.... e com o olhar fito e lagrimar, para as grandes obras da natureza. A serenidade do mar fazia entristecer todo coração ferido pelo amor.[...]

Nisto levantei; e olhei em torno de mim, tudo era deserto o coração conchitou, profundo amortalhou minh'alma! dividi então meus sentimentos com o triste e velho mar triste da alma que amo.

Vittor Regis (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Esperanças mortas

Cada dia que passa sinto que estou mudando; eu me lamento, mas é uma verdade!

De esperanças já vivi out'rora, hoje pouco me importa dessas aventuras inertes!!!... (*O alfinete*, ano VI, n.976, out. 1921)

Perfil intimo

O traço predilecto do meu carater, a incerteza; o que me dá tédio, o modo de vestir de minhas collegas (moças); e meu maior defeito, ser verdadeira; o que muito me desgosta: a vaidade; o meu peior pensamento: ser trabalhadeira; o que me ataca os nervos, o fingimento; o que me dá incommodo, a affectação; o meu maior mal, ser pessimista.

Judith (*O alfinete*, ano VI, n.75, set. 1921)

Em *O clarim d'alvorada* ocorrem usos do tratamento elocutivo em textos de diferentes temáticas:[4] ocorrem elocuções em textos

4 Não foram encontradas elocuções nos exemplares analisados de *O Kosmos*.

semelhantes aos encontrados em *O alfinete*, em que se favorece a expressão da subjetividade; em diálogos que compõem textos literários; e na expressão de opinião pessoal dos redatores – tal como demonstram respectivamente os exemplos:

> Revendo o passado
>
> Nos momentos angustiosos da existencia, convertendo amargura e os olhos o pranto, sinto sempre debuxar-se no fundo da minha memoria o quadro saudoso da minha infancia!
>
> Que dias lindos! Que alegria pura! Que doce enlevo!
>
> Dina (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

> Na estrada sinuosa do destino, duas mulheres numa encruzilhada se encontram. Ambas eram moças, e amavam um mesmo homem. A primeira fallou: – O homem é meu, porque sou mais bella que tu; olhas para a formosura do meu rosto, e veja as formas do meu corpo provocante. Deves te conformar com a sorte, e não podes ter ciumes de uma mulher mais bella que tu. Os homens só procuram mulheres bonitas, não há lugar por onde eu passe, que eu não note um ponto de admiração! [...]
>
> Duas lagrimas dos olhos da segunda rolaram; e ella fallou:
>
> – Eu não sou bella como tu, porque, a minha belleza não trago amostra. [...]
>
> Abigail (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

> Preparemos homens para amanhã
>
> Dentro dos miserados anceios de minha vida, escrevi uma pagina que de forma alguma levarei para o lodaçal das nisquinharias; porque será a unica herança que poderei deixar ao meu filho. E na rota (?) que seguimmos, eu sigo aquelles que me seguem; porem, reservo-me para que se não manche, a gloria que o meu segredo encerra.
>
> Leite (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Finalmente, é preciso destacar um tipo especial de elocução em que fica patente a demonstração por parte dos integrantes da im-

prensa negra de pertencimento a um grupo particular. Nesse caso específico, a primeira pessoa do plural também é favorecida, ou seja, um redator emprega o pronome pessoal *nós* para se expressar em nome de seu grupo:

> *Nós, homens de cór*, conscientes dos nossos deveres, para com a nossa muito amada patria, desejamos que os homens, mulheres e crianças da nossa raça aprendam a lêr para obterem um lugar digno no seio da sociedade brazileira. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

A partir do que foi exposto em relação às perspectivas teóricas que embasam a análise do sistema de formas de tratamento nos jornais em questão, torna-se relevante a seguinte colocação de Biderman (1972-1973, p.339), baseada nos apontamentos de Brown & Gilman (1972), ao comentar a semântica do poder e da solidariedade:

> Brown e Gilman apresentam uma visão da sociedade como polarizada em duas forças: o poder e a solidariedade. Para eles o poder foi a força dominante das formas de relações sociais do passado. Nos tempos modernos essa força se estaria enfraquecendo, substituída por um novo ideal: a solidariedade. [...]
>
> As sociedades fechadas do passado morosamente se transformaram nas sociedades abertas do presente. A força de expansão da solidariedade derrubou, ou pelo menos está tomando de assalto, os baluartes do poder.

Dessa forma, o sistema de formas de tratamento empregado na imprensa negra, sobretudo nesse período que se caracterizou por ser um movimento de inserção social dos negros na sociedade paulista, deverá ser avaliado em seus pormenores. É relevante para o presente estudo o fato de que esses homens negros se autoclassificavam como pertencentes à "classe dos homens de cor" e, a partir disso, procuravam unir-se para conquistar o espaço que lhes era de direito na sociedade.

Nesse sentido, ao passo que, como afirma Biderman, é uma tendência das sociedades modernas o uso de formas que exprimam mais *solidariedade*, os editores dessa imprensa negra optam pelo uso de tratamentos nominalizados que revelam o *status* social dos negros a que se referem, em uma tentativa de reafirmar a importância social dos membros desse grupo.

O fato linguístico em questão, portanto, é um dos índices reveladores de uma hierarquização social desse grupo. Pelo uso de determinadas formas de tratamento, essas pessoas expressam algum tipo de poder, com o intuito de conquistar um lugar de enunciação e o respeito das parcelas dominantes da sociedade, além de aumentar a autoestima dos negros paulistanos, que tanto sofriam com o preconceito social e racial.

4
Uma proposta de análise comparativa entre o emprego de formas de tratamento na imprensa negra e em *O Combate*

O linguista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é o herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender.

(Labov, 2008, p.18)

Usos típicos da imprensa paulistana do início do século XX

As primeiras décadas do século XX marcaram o início de uma nova fase para a imprensa paulistana, motivada pelo progresso em diversas áreas da sociedade, como, por exemplo: o grande impulso da industrialização; a mudança de concepção da vida social e política, que passou do ideário tradicional das elites agrárias para os ideais de modernidade das classes médias urbanas; o surgimento de novas tecnologias jornalísticas, também trazidas pelos imigrantes europeus; o aumento de pessoas alfabetizadas em São Paulo, proporcional ao aumento das instituições de ensino etc.

A fusão dos fatores referentes a essa mudança de concepção da sociedade levou a imprensa produzida na cidade de São Paulo para

dois cenários distintos: por um lado, surgiu uma grande imprensa, idealizada aos moldes de uma indústria jornalística, em que se destacaram jornais como *O Estado de S. Paulo* e *O correio paulistano*; e, por outro lado, surgiram jornais que representavam os mais variados grupos sociais, como operários, imigrantes, professores, partidos políticos, inclusive a comunidade negra. Nesse sentido, como a atividade jornalística era uma realidade cotidiana na capital paulista, foi-se desenvolvendo um modelo para esses periódicos, tanto no que concerne à parte formal (os gêneros que compunham esses jornais) quanto no uso da linguagem empregada. Aos poucos os gêneros dos jornais foram se consolidando e resultaram no padrão que se encontra contemporaneamente.

Assim, tanto nos jornais dedicados à comunidade negra como em *O combate* – dedicado principalmente ao debate dos interesses políticos da capital paulista e do país – é possível encontrar alguns gêneros com os mesmos propósitos e, algumas vezes, com a mesma denominação. Esse fator revela a intenção da comunidade negra de se basear no modelo jornalístico dos grupos sociais dominantes com uma finalidade de aceitação social. Um exemplo dessa correspondência entre os jornais ocorre com o gênero *notas*, em que fica clara a existência de um padrão seguido por todos os redatores. Nessa seção, o uso das formas de tratamento apresenta um padrão revelador dos costumes culturais e sociais da população paulistana do período em questão:

> CHRONICA DA VIDA SOCIAL. ANNIVERSARIOS. Fazem annos hoje:
> a *menina Esmeralda,* filha do *capitão sr. João Pedroso de Oliveira.* [...]
> a *senhorita Aurélia Medeiros,* filha do *dr. Alfredo de Medeiros, ajudante do director do Instituto Vaccinogenico;* [...]
> o *sr. Benjamim Mota, illustrado publicista e advogado do nosso fôro.* (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

> ANNIVERSARIOS. Fizeram annos:
> Dia 4. o *senhor Luiz Henriques dos Santos.*

> Dia 9. *a menina Julieta* filha do *snr. Mario Nogueira do Espírito Santo.*
>
> Dia 14. *a menina Celeste* e a 21 de Setembro, *a menina Ruth,* filhas do *senhor José Martinho de Moura Baptista.*
>
> No dia 6 do proximo mez, a *senhorita Durvalina Leonarda de Moura Baptista* e a 14 *D. Luiza Moura Baptista,* filha e esposa do *senhor Frederico Baptista de Souza.* Parabens. (*O alfinete,* ano IV, n.76, out. 1921)

> SOCIAES. Fez annos a 5 de julho *o menino Moacyr,* filho do *sr. Bento da Silva e d. Odília dos Santos Silva.* (*O Kosmos,* ano I, n.3, ago. 1922)

É preciso ressaltar que as pessoas que são "dignas de nota" aparecem sempre com a indicação formal de tratamento, pois essas seções têm em comum o caráter delocutivo, em que há um redator mencionando uma pessoa de destaque para a vida social da cidade e da comunidade. Isso não significa diretamente que o tratamento utilizado deva ser formal, ou seja, que deva haver a indicação de formas nominais como *senhor, senhora, senhorita, senhor* aliado ao cargo da pessoa etc., mas formas respeitosas que identificam essas pessoas. Assim, para se referirem a crianças, os redatores empregam formas nominalizadas de tratamento, tais como *a menina Esmeralda* do exemplo de *O combate, a menina Celeste* de *O alfinete* e *o menino Moacyr* em *O Kosmos.*

Outro ponto em comum entre os jornais da primeira fase da imprensa negra e *O combate* é a relação demonstrada entre o uso das formas de tratamento e a identificação das mulheres na sociedade. Em todos esses jornais a mulher recebe um pronome de tratamento respeitoso, mas sempre se faz necessária sua identificação pela relação que mantém com algum homem, revelando dados de paternalismo e de submissão da mulher na sociedade dos anos 1910 e 1920. Para ilustrar esse emprego das formas de tratamento e o papel da mulher, seguem exemplos dos jornais:

ANNIVERSARIOS. A 14 deste completa mais uma primavera, a *senhorita Izaura Porfiria de Almeida,* filha do *snr. Tenente Rofino de Almeida*.

Completa mais uma anno de sua preciosa existencia, o nosso amigo Candido Lopes de Siqueira.

[...]

CASAMENTO. Casam-se a 11 do crr., no cartorio do Registro Civil da Consolação, o sr. Juvenal Durval, com *a senhorita Carmem A. Pereira*, filha do *sr. João Alves Pereira*. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

ANNIVERSARIOS. No corrente mez. A 6, snr. Augusto Carneiro Mesquita e a *Exma. Snra. D. Amelia dos Santos,* esposa do snr. Adolpho Lima.

A 13, o snr. Hilario de Moraes Torres.

A 15, o snr. Mario Franco de Moura e o menino armando Domingues, filho do snr. Joaquim Domingues. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Em todos esses exemplos, a mulher recebe um tratamento que identifica seu estado civil pela diferenciação feita entre *senhora* e *senhorita* e seu vínculo familiar, seja pelo nome de seu esposo ou de seu pai. Em contraposição, para a referência de um membro masculino da sociedade basta a indicação de seu nome. Entretanto, é perceptível um único contexto em *O alfinete, O Kosmos* e *O combate*, em que a nota em referência à mulher não exprime sua filiação ou casamento – trata-se de mulheres que desempenham uma função de destaque para a sociedade:

ANNIVERSARIOS. No corrente mez. A 4. D. Guiomar Lapa, vice-presidente do Gremio Barão do rio Branco. [...]

A 23. D. Maria das Dores de Toledo Vieira, professora do Bairro dos Remédios em Taubaté. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Em contrapartida a essa situação paternalista encontrada nos exemplos em questão, o jornal *O clarim d'alvorada* apresenta uma

mudança significativa na concepção da mulher para a sociedade, haja vista que, a partir do terceiro mês de publicação de sua segunda fase, já há uma seção destinada à publicação de textos exclusivamente produzidos por mulheres, a chamada "Secção Femenina" (abril de 1928) e, depois, "Pagina Feminina" (junho de 1928). Possivelmente, em função desse espaço destinado à expressão das mulheres e, portanto, da legitimação de sua voz, é comum serem encontradas *notas* cuja referência à mulher é feita apenas pelo seu nome, como ocorre com esses exemplos de abril e junho de 1928:

> Completará á 7 do corrente mais um anniversario a *sra. Josephina Alves Lima* nossa leitora. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)
>
> Á 29 do mez passado, colheu também, mais uma flor no jardim de sua existência risonha, *a senhorinha Evangelina Xavier de Carvalho*, nossa collaboradora e um dos mais bellos adornos do nosso meio social. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Há correspondência entre as formas de tratamento analisadas em *O combate* e na imprensa negra em outro gênero presente em todos os jornais: as *cartas de leitores.* Nesse tipo de texto há um padrão estabelecido que prevê formalidade e um maior cuidado em relação à norma culta, sobretudo ao se tratar de uma carta elogiosa ou que denuncia algum problema que aflige a comunidade. Pelo fato de que as cartas são alocutivas, os leitores demonstram respeito e cortesia aos redatores:

> CARTA ABERTA. *Snr. Redactor* do Alfinete, peço a *V. S.* fazer o obsequio de agazalhar no vosso Jornal as seguintes linhas, que são de todo interesse das sociedades recreativas de Homens de Côr desta Capital [...]. (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)
>
> NO 'TRIANON'. UM MENINO DE 10 ANNOS TORPEMENTE EXPLORADO. Escrevem-nos: "*sr. redactor.* Respeitosas saudações. – Venho por meio desta pedir a *V. S.* para chamar a attenção da autoridade competente, para um pobre, pretinho, que

serve de reclame na porta do 'Trianon'. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

É ainda relevante ressaltar que, durante alguns meses de 1922 e 1923, o Sargento Theophilo Fortunato de Camargo e uma pessoa que se identificava com o pseudônimo de Z. K. trocaram correspondências públicas no jornal *O Kosmos.* Uma vez que todas as cartas continham um caráter provocador e que se tratava de uma alocução, a análise das formas de tratamento empregadas nessas correspondências revela um outro uso desse dado linguístico: as formas de tratamento empregadas com um teor irônico, camuflado por trás da aparência de formalidade e respeito:

> CARTA ABERTA. *Exmo. Snr. Theophilo Fortunato de Camargo*. Saudações.
>
> *O amigo* no ultimo numero do jornal o "Kosmos" perguntou-me com ar de sabichão: "Quem lhe meteu na cachola que Tiradentes fôra propulsor da actual forma de governo?" O que eu escrevi foi que o *snr*. sendo soldado devia lembrar-se de um camarada, de um militar, sendo catholico, não devia ter esquecido o padre. (*O Kosmos*, ano I, n.8, fev. 1923)

> CARTA ABERTA. *Exmo. Snr. Theophilo Fortunato de Camargo*. Saudações.
>
> [...] Mas, *o amigo*, querendo historiar a republica, foi quem errou; [...]. *O amigo* fez confusão entre governo e forma de governo. (*O Kosmos*, ano I, n.6, dez. 1922)

> SAUDAÇÕES
>
> **Ao inigmatico indivíduo que se me dirigio por carta aberta, neste conceituado orgam, e que se oculta sob o pseudonymo de Z.K.**
>
> Em primeiro lugar, desejo que no seu cérebro doentio – victimado por paixões banaes e despeitos inconcebíveis, um raio de luz penetre, para que *o Amigo* possa ler e comprehender bem o que eu

vou escrever em portuguez, se não correcto, pelo menos palpável, ao contrario do que se deu com *o Amigo* na sua missiva, repleta de bobagens e... Santo Deus! de ausencia completa das mais comesinhas regras de portuguez rudimentar [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Relações de poder e solidariedade nos jornais paulistas

Partindo do pressuposto de que os redatores da imprensa negra paulista tinham a intenção de auxiliar na promoção da inserção da comunidade negra na sociedade, garantindo a união de seu grupo em torno de bons padrões de comportamento e de etiqueta social, e que, além disso, as formas de tratamento representam um exemplo privilegiado da intersecção que há entre fatos linguísticos e sociais, é possível avaliar quais são os padrões de poder e solidariedade que permeiam a comunidade negra em comparação com os costumes da parcela dominante da sociedade do início do século XX.

Em função do jornal em análise, da atitude delocutiva ou alocutiva assumida pelo redator do jornal ao se dirigir ao seu leitor e, ainda, do gênero textual em que a forma de tratamento for encontrada, podem-se detectar duas formas distintas típicas da *semântica do poder*. A primeira delas pode ser encontrada em diferentes seções de *O Kosmos* e de *O alfinete*, por corresponder aos ideais da primeira fase da imprensa negra: a exaltação dos membros da comunidade negra, ressaltando sua importância e seu destaque social. Nesse sentido, é de fundamental importância reconhecer que as formas de tratamento empregadas com essa função social também poderiam ser encontradas em outros jornais de circulação mais ampla, pelo fato de que esse uso representava uma tentativa de se seguir o padrão proposto pelo jornalismo da época.

Para se alcançar esse objetivo, os redatores empregam tratamentos sempre formais, aliados ao cargo da pessoa e, em alguns casos, o nome completo e as indicações de seu núcleo familiar:

> NEGROLOGICO. A 12 do corrente, falleceu *o senhor Deodato de Moraes*, operário da fabrica de chapeo da Villa Prudente, tem 25 annos de idade, irmão dos *senhores José de Moura Marcondes e Mario Francisco Moura*, sobrinho do *senhor Frederico Baptista de Souza*. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

No exemplo acima, a identificação do membro falecido se dá a partir de sua profissão e de suas relações familiares, sobretudo, ressaltando-se sua importância por ser sobrinho de uma pessoa de destaque para a comunidade negra, o senhor Frederico Baptista de Souza, secretário do jornal *O alfinete*. O fato de se atribuir um tratamento formal a *Deodato de Moraes* está relacionado com a necessidade da comunidade de mostrar sua importância e seu reconhecimento social.

Por meio dos jornais do início do século XX em análise, é possível depreender que não havia uma correspondência direta entre os tratamentos nominais e pronominais indicativos de padrões de formalidade com a idade dos indivíduos, tal como ocorre atualmente. Essa relação é perceptível tanto para jovens que recebem o tratamento pronominal *senhor* quanto para moças que são designadas por *senhora* ou *senhorinha*, como ocorre com os exemplos abaixo:

> DIGNO DE NOTA. [...] foi-nos apresentado o *sr. Arcenio Ferraz de Camargo*, distinctissimo moço campineiro.
> [...] Enviamos ao *distincto sr*. os nossos sinceros agradecimentos. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

> Completará hoje mais um feliz anniversario o *Sr. José Louzada Rocha*, distincto moço, empregado do commercio nosso assignante e bondoso amigo desta folha. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

> Faz annos hontem o sr. Luiz Ramos, funcionario da Secretaria da Câmara Municipal e que actualmente exerce as funções de oficial do gabinete do sr. Prefeito.

O distincto moço, que é justamente estimado em nosso meio social, recebeu, por este motivo, muitas felicitações. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

Dentre as socias só nós satisfez plenamente, pelo seu modo de pensar e proceder, *a gentil senhorinha Durvalina Baptista*, que apezar da sua pouca edade [...]. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Á 18 de março completou mais uma primavera risonha, a *senhorinha Olympia da Cunha*, filha do nosso esforçado amigo e companheiro de luctas sr. Horacio da Cunha. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.3, abr. 1928)

Na maioria dos casos encontrados em *O alfinete*, *O Kosmos* e *O clarim d'alvorada* há a indicação do cargo desempenhado pelas pessoas da comunidade, exceto em situações em que a pessoa referida é amplamente conhecida por todos os leitores, como o presidente do grêmio Kosmos ou demais funcionários importantes. Essa mesma situação é encontrada no jornal *O combate* nas ocasiões em que se faz necessário designar o leitor, como é o caso de textos do gênero *notas*:

Completou á 17 de Janeiro findo, mais um anniversario, o sr. Jorge de Almeida, muito illustre amigo, leitor assiduo desta folha, empregado do commercio, desta praça, 2º thesoureiro do Brinco de Princezas. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928)

ANNIVERSARIO. Fez annos no dia 5 do corrente mez, *o Snr. Capitão Mario da Silva Prado*, muito digno chefe político da Villa Marianna irmão do *Snr. Armando da Silva Prado*, distincto advogado do nosso foro e homen de lettras. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Acha-se completamente restabelecida da molestia de que foi acommetida a *senhora Dna. Sebastiana de Moraes*, muito digna auxiliar do Centro Recreativo Smart. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

> Sim, porque o *senhor Oliveira*, aplicou uma bella corrigenda, fazendo 'justiça aos de casa', assim deve ser. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)[1]

> Fazem annos hoje: [...]
> A interessante menina Helena, filhinha do sr. Dr. Alarico Silveira, nosso antigo collega de Imprensa e director da Salubridade Publica. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

> O sr. Paulo Arantes, acadêmico de direito, filho do sr. Dr. Altino Arantes, presidente do Estado. (*O combate*, ano III, n.1.017, 1º out. 1918)

Os exemplos dos jornais da imprensa negra relacionados acima, em comparação com os excertos extraídos de *O combate*, revelam a tentativa dos redatores da comunidade negra de se apropriarem das formas de tratamento de maior formalidade, usuais no jornalismo conceituado da época, a fim de que desfrutassem desse mesmo prestígio no meio social. Essa apropriação das formas de tratamento delocutivas é um indicativo do poder semântico desempenhado pela sociedade paulistana dominante – fator que motivou os redatores da imprensa negra a empregarem também tratamentos que evidenciassem a importância dos membros da comunidade negra.

Existe, ainda, uma outra possibilidade de emprego do poder semântico pelos jornalistas da imprensa negra, diretamente relacionada com situações alocutivas e com gêneros textuais que permitem o uso de uma linguagem mais próxima do vernáculo dos leitores e redatores desses jornais. Trata-se de situações em que o redator aponta de forma explícita as atitudes indesejáveis dos membros da comunidade negra. Exemplos dessa natureza são mais encontrados no jornal *O alfinete*, mais especificamente no gênero textual *coluna de mexericos* – em seções denominadas "Aprecio", "Phrazes apanhadas", "Criticas", entre outras. São exemplos:

1 O senhor A. Oliveira é diretor de *O alfinete*.

Bertho? o rapaz inesquecível; não por ser actualmente casado; mas sim, por dançar bem.

Vamos *seu Bertho;* é preciso duchar a *Maria* que com ella completa quatro, e o direito que te é conferido está marcando uma só. Ora essa! Quatro Marias para *você* só? E os demais? (*O alfinete*, ano I, n.4, out. 1918)

Sebastião da Cruz, cuidado com as pianistas, olha quando as trez se encontram uma só vez ahi é que eu quero ver a fita com *você*.

Uma te queima a roupa, outra te leva a presença d'aquele lá da P. e outra te leva no balão; ahi se acaba a farra das ruas Bonita, Graça e Dutra Ruiz. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Seu Philogonio. Cuidado com a cavação da rua Canindé nº88. Olha isso não dá certo.

Você precisa encentar com essa cavação.

A mãi della é viúva sem encosto, e só vive das verduras que vende, e por isso mesmo é para vestir e educar a filha. [...]. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

José Velino, olha essas vidraças, *você* que anda metido nesses porões do Canindé, é perigoso uma noite tomar um trote e atrapalhar-se nas vidraças porque quanto mais olhos se tem menos se encherga.

O Cutiba. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Em todos os exemplos houve situações alocutivas em que o redator da coluna se dirigiu textualmente ao seu interlocutor, identificando-o. Pelo fato de que há julgamento de valor em todos os exemplos, acompanhado de uma espécie de aviso, parece não haver nenhuma relação simétrica entre o redator e os leitores especificados, uma vez que, se houvesse intimidade, esses interlocutores discutiriam o assunto pessoalmente (e não em público, como foi feito, para servir de exemplo aos demais leitores). Esses argumentos sugerem que a relação estabelecida nessa alocução apresenta dados típicos da semântica do poder.

A partir dos exemplos acima, pode-se estabelecer uma correlação entre a ausência de tratamento pronominalizado ou nominalizado que identifica *Maria* (primeiro exemplo), *Sebastião da Cruz* (segundo exemplo) e *José Velino* (quarto exemplo), o tratamento irônico dispensado ao *seu Bertho* (primeiro exemplo) e *seu Philogonio* (terceiro exemplo), com a existência do tratamento pronominal de segunda pessoa *você*. Esse pronome é empregado apenas em seções de *O alfinete* em que o redator destina um tratamento depreciativo para o seu interlocutor, de forma que há a sugestão de que essa forma pronominal era recorrente na sociedade paulistana do início do século XX.

Esse fato pode ser confirmado pelo contraste estabelecido com a recorrência e o contexto em que aparece o tratamento pronominal de 2ª pessoa *tu*. Em geral, são três gêneros tipicamente alocutivos que favorecem o aparecimento desse pronome: as *anedotas*, as cartas *entre leitores* e os textos literários em prosa ou poesia que ressaltam a temática sentimental. Nos textos em prosa cuja temática é amorosa, a alocução ocorre de uma primeira pessoa masculina para uma segunda pessoa feminina, sempre designada pelo seu nome ou pelo pronome *tu* e demais formas oblíquas correspondentes. Isso se justifica pela necessidade criada pelo eu lírico de exaltar a mulher amada por meio de uma linguagem dita "elevada", de forma que esse tratamento pronominal contribui para a exaltação:

> ESTHER. Como é lindo encontrar-se dois corações que se amam; não é verdade?!
>
> Entretanto, *tu* lá e eu cá, parece que, por uma transmissão de pensamento, já víamos esse amor familiar que nos havia de unir até a eternidade. (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

> SÓ A TI. Não, não! Nada me pode acontecer, pois estou condemnado a ser tua e serei!...
>
> Mesmo assim, sinto-me incapaz de supportar a vida quando, n'uma concentração de espírito, não vejo o dia de amanhã.

> Entregue ao labryntho sem sahida, amando-te a ti, mulher adorável e adoradora, perturbo-me a mim mesmo com o agradável projecto que tenho em mira [...].
>
> Euzébio. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Nesses dois exemplos em que o conteúdo do texto pauta-se na temática amorosa, aparentemente o uso de *tu* sugere um uso íntimo e solidário, típicos das formas de tratamento da semântica da solidariedade. Entretanto, a natureza desses textos sugere a falta de reciprocidade entre os interlocutores, pelo fato de esses homens colocarem as mulheres amadas em uma posição superior. Assim, o uso desse tratamento pronominal de segunda pessoa pode também ser considerado como um uso típico da semântica do poder nesse contexto. É válido destacar que esse emprego de *tu* difere do que ocorre com o pronome *você*, uma vez que, apesar de os dois poderem ser classificados como pertencentes à semântica do poder, ao passo que o primeiro tem a função de exaltar o interlocutor, o segundo tem como propósito criticá-lo. Muito embora essa distinção exista, nas duas situações interlocutivas em que podem ocorrer esses usos, há uma diferença de posição hierárquica entre os interlocutores.

Nos casos de troca de correspondência entre leitoras do jornal *O clarim d'alvorada*, em que a temática das cartas é de confissões e conselhos sentimentais, ocorre também o emprego do pronome *tu* e demais formas de segunda pessoa do singular. Situação semelhante ocorre em poesias em que se pretende declarar algum tipo de amor. A análise dos exemplos seguintes permite depreender que o uso de *tu* justifica-se pela necessidade de se exaltar o caráter elevado de uma noiva e de sacralizar uma mãe:

> Carta á uma noiva
>
> Minha amiguinha,
>
> Há muito que não te escrevo, porém não leve a mal esta minha falta.
>
> Alegrou-me muito a tua missiva de participação do teu noivado com o Joaquim: pois um jovem como elle, tão delicado, só deve

unir-se a uma alma como *tu* não é isto um elogio, falo-te com sinceridade.

[...] Oxalá que todos quanto aspiram este ideal tenham o grau de sentimento de que és dotada. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Bemdicta sejas
A MINHA MÃE

Bemdicta, sejas *tu*, ó divina figura!
De todas as mulheres és a mais querida
Bemdicta sejas *tu*, ó sol da minha vida
Toda feita d'amor, de carinho e doçura.

Manoel Antonio dos Santos
(*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

O outro exemplo de gênero textual que prevê a ocorrência de *tu*, as *anedotas*, encontra-se majoritariamente em *O Kosmos*, na seção denominada "Idea dos outros". Essa seção simula diálogos entre interlocutores, portanto, situações alocutivas, em que uma primeira pessoa se dirige ao seu interlocutor pelo pronome *tu* – forma de tratamento cristalizada pela tradição desse gênero textual:

Numa reunião:
Não *disseste* senão tolices. Para que *pediste tu* a palavra?
Ora! Porque tinha muita sede, e queria beber o copo da água que se dá aos oradores. (*O Kosmos*, ano I, n.8, jan. 1923)

Papá, quando eu for grande quero casar com a minha avósinha.
– Então *tu queres* casar com a minha mãe, meu pateta?
– E o papá não casou com a minha? (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

À volta da caça:
– Mataste alguma coisa, Raul?!
– Matei um pato...

– Bravo?!
– Não! Bravo era o dono. (*O Kosmos,* ano I, n.6, nov. 1922)

É possível estabelecer duas hipóteses interpretativas para o emprego desse pronome: por um lado, há a possibilidade de esse uso ocorrer pelo fato de que *tu* era o pronome empregado na época para esse gênero textual – um uso cristalizado, portanto, como já havia sido destacado; por outro lado, ao analisar as *anedotas* de *O Kosmos*, há a suposição de que elas sejam compostas em uma linguagem corrente e vernacular, com a finalidade de se criar um efeito cômico. Entretanto, esse emprego, em um jornal com pretensões literárias como esse, parece ser uma tentativa de imprimir um aspecto de literariedade a esse gênero do jornal.

Para reafirmar a hipótese de que *você* impunha um caráter pejorativo à segunda pessoa do discurso em textos da modalidade escrita, foi encontrado um exemplo em *O clarim d'alvorada* em que um enunciador masculino, que sofrera uma decepção amorosa, reproduz a fala da mulher que lhe aplicou um golpe – portanto, uma pessoa aparentemente sem caráter – com o emprego do pronome de segunda pessoa *você*. Segue o excerto:

> Ruinas
> O único que eu amo nesse mundo é *você*.
> Foi então que eu compreendi a minha verdadeira situação diante d'aquella creaturinha, tão bonitinha, tão aggradavel, tão delicada, que tão subtamente preparava o traiçoeiro golpe ao meu coração, para que depois em uma rodinha de outras tantas creaturinhas caçadoras de corações, contar, comentar e finalmente rir-se de minha ingenuidade. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.5, jun. 1928)

Coadunando com o fato de que, em textos escritos do início do século XX, o tratamento pronominal de segunda pessoa *tu* era empregado nas situações em que o enunciador tinha a intenção de enaltecer seu interlocutor – sobretudo em contextos que tratam da temática amorosa – e a forma de tratamento *você* era empregada nos

contextos interacionais em que não se pretendia exaltar ou produzir qualquer tipo de reverência ao interlocutor, foram encontrados dois contextos no jornal *O combate* – uma notícia em que se atribuem falas aos envolvidos e a reprodução de uma *entrevista* – em que o pronome *você* é empregado com o valor esperado.

Ao fornecer ao leitor o diálogo ocorrido entre os participantes de uma notícia, esse jornal paulistano oferece uma valiosa contribuição à pesquisa linguística, uma vez que oferece a possibilidade de serem analisadas as situações interlocutivas. Entretanto, no caso específico das entrevistas, faz-se imprescindível atentar para o fato de que, possivelmente, não se trata de uma reprodução fidedigna de todo o teor da entrevista realizada, uma vez que há um redator que reporta as falas a partir de seu próprio crivo. De qualquer forma, trata-se de um material válido para análise, sobretudo pelo fato de que, nessas entrevistas, comumente há algum tipo de informação que compõe o perfil do entrevistado, como a idade, profissão e classe social, por exemplo.

Nos dois excertos reproduzidos a seguir ocorrem empregos de *você* como uma marca interacional reveladora de que os interlocutores reconhecem seu papel social. Contudo, cada um deles revela um nível de reciprocidade e de conotação de poder: no primeiro exemplo, ocorre a interlocução entre um delegado e um preso, portanto, uma situação em que há uma hierarquização dos papéis sociais bem estabelecida, transparecendo a imposição de poder de uma autoridade; no segundo exemplo – uma entrevista de fato –, um repórter dirige-se a um jovem para pedir informações. Nesse caso, o uso de *você* é revelador de uma situação social de desrespeito mútuo, uma vez que o jornalista, por não valorizar o rapaz, refere-se a ele como "moleque" e o trata por *você* – com o agravante de ter havido uma extorsão ao final da entrevista –, e o jovem, de uma classe social menos favorecida, não reconhece no jornalista uma autoridade a ponto de chamá-lo de *moço* na despedida. Seguem os excertos:

> E NINGUEM SABIA!... UM TENOR LYRICO ESTAVA NO XADREZ. Narra 'A Tarde' de S. Carlos:

‘No dia de Natal, foi preso numa camoéca medonha *o italiano Vilattore Giuseppi*. Hoje o *dr. Ferreira Rosa*, fazendo uma limpeza aos vagabundos, que estavam no xadrez, chamou o *Vilattore*. Era um italiano velho, de 69 annos, mal trajado e barba hirsuta.

– E *você* ‘seu’ moço, para onde quer ir?

– Eu quero correr mundo, respondeu *Vilattore* em um portuguez detestavel.

– Correr mundo?

– Sim, *senhor doutor*. Eu sou tenor lyrico! Aqui onde me vê já cantei 72 operas e fiz os principaes papeis da *Tosca, Cavallaria Rusticana, Trovador, Gioconda, Guarany, etc..., etc...* (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

Ainda o caso da rua Bento Freitas

[...] Estávamos satisfeitos. Agradecemos á senhorita Jandyra a gentileza com que nos tratára, e fomos adiante, ao portão do n.30, onde um muleque dos seus 16 annos, estava ha muito olhando para nós, como se tivesse alguma coisa para nos dizer.

– Moço, – principiámos – *você* não sabe nada a respeito da casa nº32? Estão lá luzes accesas – mas não reside lá nem viva alma... Por acaso, *você* nunca sentiu de noite, qualquer rumor lá dentro?

– A familia que morava ali – responde, presto, o moleque – fugiu por causa da “hespanhola”. A luz ficou accesa: *você* já viu? Mas de noite ninguem lá faz barulho. Está tudo quieto... há dias veiu ahi o empregado da Companhia para verificar o consumo da luz. Esteve a olhar muito para a lampada do corredor – e foi-se embora depois de me perguntar se não estava lá ninguém.

– E o que foi da preta que ficou de guarda a casa? *Você* não saberá para onde foi ella?

– Uma preta a guardar a casa? Eu não sei de nada.... Sempre vi a casa fechada, mas sem nenhuma pessoa a guardal-a...

Apertamos a mão ao moleque, gratos pelos seus esclarecimentos. E elle, animando-se em face do nosso gesto, desfecha-nos esta “facadita”:

> – *Você* agora não me dá 200 réis? Queria comprar uma "coisa" e não tenho dinheiro...
>
> Démos a quantia pedida ao esperto rapazalho. Impaudo de seu enthusiasmo, rematou:
>
> – Obrigado moço. Obrigado. (*O combate*, ano III, n.1.066, 5 dez. 1918)

Casos em que se detectam relações de poder também podem ser percebidos em determinadas delocuções construídas sem formas de tratamento pronominais ou nominais explícitas.[2] Isso se justifica pelo fato de que, por existir uma intenção respeitosa ao se dirigir a uma pessoa por meio de um tratamento formal, a ausência do tratamento revela um posicionamento hierarquizado, portanto, não recíproco entre a 1ª e a 2ª pessoa. Exemplos dessa natureza podem ser encontrados tanto em jornais da imprensa negra quanto em *O combate*:

> O CASO REISMANN. O ACCUSADO RECORRE AO SUPREMO TRIBUNAL. Em virtude de ter sido denegado pelo juiz federal de São Paulo o 'habeas-corpus' impetrado em favor de *Nito Reismann*, que se acha preso na cadeia de Santos. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

> EM LIBERDADE. O juiz *dr. Adolpho Mello* mandou expedir alvará de soltura em favor de *Gregório Góes, Fortunato Senise* [...] que terminarão a penna de 2 annos de reclusão em Fevereiro. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

> NOVOS SOCIOS. Foram acceitos os *Snrs*. Sebastião Amaral, Jose Augusto de Oliveira, Luiz Mació, Francisco Lucente,

---

2 Não é o caso do pronome zero, em que se apresenta dificuldade em determinar a forma correta para se tratar uma pessoa. Nesse caso, o falante opta por empregar uma forma não marcada, evitando uma descortesia desnecessária. A esse respeito, ver Menon & Penkal, 2002.

João Alexandre, Marcelino de Souza, Nilo Vieira e a *Sta.* Maria de Lourdes.

ELIMINACAO. De acordo com o artigo 27 § 3.c ultima parte a Directoria eliminou os socios Augusto de Oliveira e Oreste Parisi. (*O Kosmos*, ano I, n.10, mar. 1923)

CHUVEIRO DE PRATA. [...] A nossa satisfação é tanta que chegamos a admirar o seu *bondoso Presidente,* que vae sempre acompanhado de sua *exma. e gentil esposa*, ainda não prohibiu que alli entrassem: *Magdalena Rosa, Eulgeneia da Conceição, Auria do Carmo, Gertrudes da Conceição*, etc, que são pessoas que a moral manda que fiquem em... casa. (*O alfinete*, ano IV, n.75, set. 1921)

Nos dois primeiros exemplos, o redator de *O combate* mencionou, como forma de tratamento, apenas o nome e sobrenome dos acusados *Nito Reismann*, *Gregório Góes* e *Fortunato Senise*, sem dirigir a eles qualquer tratamento pronominal, demarcando uma relação preponderantemente assimétrica. Do mesmo modo, os exemplos de *O Kosmos* e de *O alfinete* colocam em contraste pessoas da comunidade negra que receberam tratamentos nominais ou pronominais – como, por exemplo, os senhores que foram aceitos como sócios, no terceiro excerto, e o presidente do grêmio Chuveiro de Prata e sua esposa (quarto excerto), que receberam tratamentos formais – e pessoas para as quais os redatores não fazem indicações pronominais de tratamento, também como indicação de falta de reciprocidade e solidariedade, como ocorre com os sócios eliminados, entre outras razões, por inadimplência, e com as moças, cuja moral é questionada.

Finalmente, é possível detectar, por meio de uma análise discursiva, relações em que o uso de um tratamento formal assume um caráter irônico para delimitar algum tipo de relação entre redator e leitor, sobretudo em delocuções. No exemplo abaixo, o redator da *nota*, identificado como Zé Virote, faz um protesto contra o comportamento de uma moça, fato que permite considerar o uso da forma pronominal *senhorita* como sendo irônico:

> PARECE INCRIVEL. Que em pleno Seculo XX, que a civilização invada todos os recantos do mundo, possa existir pessôas que, não obstante ser de origem Africana, julgam-se Franceza: como acontece com a *Senhorita A. C.* da Rua dos Gusmões, que apesar de não pertencer a raça Caucasiana, julga-se branca, e escarnece os pretos. Que hipocrisia!
>
> ZÉ VIROTE (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

Por outro lado, são impressos nos jornais da imprensa negra alguns textos em que ficam evidentes as relações de solidariedade entre os membros da comunidade negra. É válido ressaltar que existe uma correlação entre as formas de tratamento indicativas de solidariedade e os gêneros textuais que requerem usos linguísticos mais formalizados, seja em alocuções ou em delocuções. Para se marcar discursivamente a solidariedade, os redatores fazem o emprego de alguns recursos linguísticos, como, por exemplo, a referência à palavra *amigo*, ou o uso de pronomes possessivos. Seguem alguns exemplos ilustrativos:

> AMIZADE. *Ao amigo J. Paulino mano A. Fonseca e Victor Fonseca.* (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)
>
> Completa mais um anno de sua preciosa existência, no dia 11 do corrente, *o nosso amigo Candido Lopes de Siqueira*. (*O alfinete*, ano I, n.3, set. 1918)

No primeiro exemplo, o redator emprega os substantivos *amigo* e *mano* para identificar a relação de intimidade e reciprocidade que mantém com os três homens mencionados. No último exemplo, a relação solidária entre a pessoa que escreve a *nota* e *Candido Lopes de Siqueira* é enfatizada pelo uso conjunto do pronome possessivo *nosso* com a designação de *amigo*. É comum aos dois exemplos o fato de que, na relação entre os leitores citados e os redatores, não se faz necessária a existência de formas pronominais de tratamento, bastando a indicação do nome próprio, para evidenciar a semântica

de solidariedade e intimidade recíproca. Entretanto, essa não é a única possibilidade de ocorrência de formas solidárias, haja vista que Brown & Gilman (1972) já previam que a solidariedade pode ser evidenciada pela relação em que exista formalidade recíproca, como ocorre nos exemplos a seguir:

> CAIXA DO ALFINETE. *Snr. Frederico Baptista de Souza*: – Muito bem, gostamos de pessôas como o *amigo* diz as verdades e teve uma ideia muito feliz. Nossos parabens. Será publicado o seu trabalho. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

> REFERENCIAS. Temos a satisfação de transcrever uma carta que nos foi dirigida pelo *snr. Adolpho Lima,* presidente do 'Gremio Barão do rio Branco', sobre o pic-nic realisado no Bosque Campineiro.
>
> Pelas referencias feitas pelo *digno senhor*, nota-se o quanto foram gentis a commisão e as pessoas amigas para com as que adheriram ao imponente convescote do dia 29 de Outubro. Só temos acrescentar que o Gremio "Kosmos" apenas adheriu e não foi promotor de tão importante festa recreativa.
>
> Eis a transcrição:
>
> São Paulo, 3 de Novembro de 1922
>
> *Illmo. Snr. Abílio Rodrigues*
>
> *(M. D. Redactor do Kosmos)*
>
> Saudaçoes cordiaes
>
> Sendo um verdadeiro admirador de todo acommettimento que progride sob a infuencia herculéa dos homens de côr, não poderia deixar de transmitir, por intermedio do seu conceituado e presadissimo jornal "O Kosmos", as minhas sinceras felicitações a digníssima comissão do pic-nic, [...]
>
> Não posso também deixar de salientar nestas simples linhas o nome dos nossos prezados amigos srs. Albino de Souza Aranha e Benedicto Florencio: bem assim a sociedade campineira, sem distincção de côr, muito concorreram com as suas presenças para o maior realce da festa.

> [...] Sem mais assumpto, subscrevo-me com alta estima e elevada consideração de *V. S.*
>
> Amgo. Servo e Grato
>
> Adolpho Lima (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

> POLITICA DE PENNAPOLIS. Escreve-nos o *nosso ex. companheiro sr. Rubens Amaral*: 'O COMBATE inseriu ha dias uma correspondencia de Pennapolis cujo autor tomou franco partido pelo *sr. dr. Aphrodisio Sampaio Coelho* contra os *srs. Manuel Bento da Cruz, James Mellor e Adolpho Hecht*. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

Na seção intitulada "Caixa do Alfinete" há um redator, identificado pelo pseudônimo de Cabo da Guarda, que comenta as cartas enviadas à redação, além de oferecer dicas de linguagem e leitura ao público leitor de *O alfinete.* Nesse exemplo houve a fusão do tratamento formal *senhor* com o nome completo de *Frederico Baptista de Souza*, membro destacado da comunidade negra, e com a indicação de *amigo*, resultando em um tratamento formal e solidário, pois, muito provavelmente, se se tratasse de uma alocução, haveria a reciprocidade do tratamento *senhor.*

O segundo exemplo, apesar de ser uma delocução, caracteriza-se por revelar o posicionamento, em relação ao uso da forma de tratamento, dos dois interlocutores. Nesse caso, transparecem as relações semânticas de solidariedade a partir do uso de formas de tratamento cerimoniosas que exaltam a reciprocidade do relacionamento entre as sociedades congêneres paulistana (O *Kosmos)* e campineira (presidida pelo senhor Adolpho Lima).

Já o último exemplo, retirado de *O combate*, revela que a demonstração de solidariedade a partir do uso de um pronome possessivo e de uma forma substantiva que exprime algum tipo de intimidade não é um fenômeno particular dos jornais da imprensa negra, mas do veículo jornalístico como um todo.

Faz-se, ainda, necessário observar que pode haver, nos jornais da imprensa negra, mas em menor frequência, textos em que, ape-

sar de o redator empregar tratamentos formais para se dirigir ao leitor, discursivamente não se pode caracterizá-los como pertencentes à semântica do poder, por demonstrarem a naturalidade desse redator – percebida pelo emprego de formas verbais e pronominais em primeira pessoa, chegando até a reproduzir dados de oralidade – ao se dirigir ao leitor, portanto, imprimindo uma relação solidária entre eles. Para ilustrar esse fato, segue um excerto de *O alfinete* de março de 1919:

> PELO SALÃO. Reclame da Sociedade 15 de Novembro. É inutil, *meus senhores*, festas como o 15, só o 15, mesmo, não adianta imitações.
>
> Pergunto, festas ou beneficios, cobrando 3$000 na porta, das *Senhoras Damas e cavalheiros*, não há Imitações. O 15, *Snr. P....* antigamente só dava festas, mas ha 7 mezes para cá só dá beneficios. Não há imitações! Continua. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

"Apêndices de qualificação" e "locuções de endereçamento"

A análise do sistema de formas de tratamento empregado no início do século XX por falantes da cidade de São Paulo, a partir dos jornais em questão, trouxe à tona a possibilidade da proposição de duas subcategorias que contemplem não apenas a forma linguística desses tratamentos, mas também seus usos semântico-discursivos. A primeira dessas subcategorias, a *locução de endereçamento*, faz referência às escolhas do falante em ressaltar determinadas características de seu interlocutor por meio da composição de diferentes pronomes e substantivos. Para ilustrar esse fenômeno, segue um exemplo retirado de uma *nota* de *O Kosmos*:

> ANNIVERSARIOS. Completou mais um anno de existencia no dia 1º do corrente mez a *Exma. Snra. D. Olga de Almeida*, esposa do *Snr. Fabrício de Almeida*. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

No exemplo, o redator dessa *nota* fez questão de ressaltar a importância de *Dona Olga de Almeida* para a sociedade, em um indicativo de poder semântico, por meio de uma locução que prevê os tratamentos formais *excelentíssima, senhora* e *dona* associados ao seu nome e sobrenome. Entretanto, essa forma de tratamento cerimoniosa não é exclusividade da imprensa destinada à comunidade negra, pois se trata de um tratamento cristalizado comum à imprensa paulistana da época, podendo, portanto, ser também encontrada em *notas* de *O combate*:

> CHRONICA DA VIDA SOCIAL
> ANNIVERSARIOS.
> Fazem annos hoje:
> *a exma. sr. d. Elvira Ciurlo*, esposa do sr. Guilherme Ciurlo, leiloeiro nesta praça; [...] a srta. Maria Apparecida, sobrinha do sr. Antonio Martins Teixeira de Carvalho, oficial da secretaria da Câmara dos Deputados; [...]
> o sr. Major Martim Francisco da Cruz, fiscal do 43º de Caçadores. (*O combate*, ano III, n.1.065, 4 dez. 1918)

Casos de locução de endereçamento também podem ser encontrados, com a mesma função de identificar o membro da sociedade, por meio de adjetivo associado ao cargo da pessoa, a um tratamento formal e ao seu nome e sobrenome (adjetivo + cargo + tratamento formal + nome + sobrenome), como ilustrado a seguir:

> [...] onde tiveram ao chegar, imponente recepção dos membros das diversas sociedades campineira, alli representados e comissionadas, pelo *distincto jornalista sr. Bendicto Florêncio* e outras pessoas gratas. [...] Ahi foi pelo *nosso amigo sr. Bendicto Florêncio*, proporcionado agradáveis passeios pelas avenidas do bosque. (*O Kosmos*, ano I, n.6, nov. 1922)

Nesse exemplo, para se referir ao anfitrião da sociedade campineira que recepcionou a comitiva de São Paulo, o redator do texto

empregou primeiramente a locução *distincto jornalista sr. Benedicto Florêncio*, a fim de identificá-lo para os demais leitores, ressaltando o cargo por ele desempenhado, e, na sequência, empregou um pronome possessivo aliado ao substantivo *amigo* (*nosso amigo sr. Benedicto Florêncio*) para evidenciar a relação de solidariedade entre eles. Entretanto, ao passo que a parte da locução em que se faz referência ao cargo mais a indicação do nome próprio identifica *Benedicto Florêncio*, o adjetivo *distincto* contribui para exaltar o *status* desse membro da comunidade negra, funcionando como um qualificador da forma de tratamento: função aqui denominada como *apêndice de qualificação*. Nos exemplos abaixo, os redatores também optaram pela associação da locução de endereçamento com o apêndice de qualificação, visando identificar e exaltar simultaneamente alguma característica de uma terceira pessoa:

> 28 DE SETEMBRO. O *nosso amigo Paulo e bondoso Presidente do '28'*, precisa tomar cuidado como os frequentadores de sua sociedade, que, ao que ouvimos dizer são, na sua maioria, uns cavadores de moças bonitas. (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

> Com a presença das commissoes 'Elit Flor da Liberdade' e Gremio 'Barão do Rio Branco', deu-se inicio a seção solemne ás 22 horas, que sendo aberta pelo *digno presidente Snr. Reginaldo M. Gonçalves*, foi convidado para presidil-a o *sócio benemérito Snr. Frederico Baptista de Souza*. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

> CRUEL DESTINO. Foi no dia 25 de Agosto de 1918, que ao receber a dolorosa noticia do passamento em Caçapava, do *nosso inolvidavel amigo e então presidente do 'Gremio Kosmos', Joaquim Cambará*, que sentimos ferir de perto a nossa alma [...].
>
> E esse espirito forte outro não fora se não *Joaquim Cambará*. (*O Kosmos*, ano I, n.3, ago. 1922)

Os apêndices de qualificação condizem vastamente com o intuito dos redatores da imprensa negra de promover a inserção dos

membros da comunidade na esfera dominante da sociedade por meio de uma valorização de seu *status* social. Esse objetivo é atingido pelo uso das formas de tratamento associadas à exaltação proporcionada pelos adjetivos a elas associados. São exemplos:

> Guardamos até agora viva impressão da morte do *nosso ilustre companheiro de luta e bondoso amigo – o sr. Joaquim Cambará*. (*O alfinete*, ano I, n. 3, set. 1918)

> Enferma
> Em São Salvador, estado da Bahia, encontra-se gravemente enferma a esposa do *nosso esforçado representante sr.Marciano P. da Paixão*.
> Por este facto, desejamos o prompto estabelecimento da consorte *do nosso estimado companheiro de luctas*. (*O clarim d'alvorada,* ano I, n.6, jul. 1928)

> FREDERICO BAPTISTA DE SOUZA. Temos o grato prazer de tornar publico [...] que *Frederico Baptista de Souza* é nosso valioso e perspicaz secretario.
> *Cavalheiro dos mais conceituados, pae extremoso, intelligencia cultivada, administrador clarividente* o *nosso querido e presado amigo* vem prestando desde há muito, inestimaveis serviços ao nosso jornal e á classe dos homens pretos de São Paulo. (*O alfinete,* ano IV, n.75, set. 1921)

> No dia seguinte, para matar as saudades, os rapazes do grupo organizaram um almoço em a casa do *senhor Frederico Baptista de Souza*, onde alegres e satisfeitos pela victoria alcançada, esses 15 componentes do grupo divertiram-se a vontade até as 6 horas da tarde [...]. (*O alfinete*, ano IV, n.76, out. 1921)

> Afinal, os esforços do *sympathico e prestimoso ensaiador Luiz Camillo* foram coroados de êxito. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.2, mar. 1928)

Nessa série de exemplos, destaca-se a quantidade acentuada de adjetivos empregados pelos redatores, em atitudes delocutivas, para destacar a importância de *Joaquim Cambará* – membro fundador do Grêmio Kosmos –, Frederico Baptista de Souza – secretário do jornal *O alfinete* – e Marciano P. da Paixão – militante negro. Esses usos estão intimamente associados aos gêneros do jornal que se caracterizam por uma linguagem mais formal, como o *editorial* e a *nota*. No primeiro exemplo, o apêndice *nosso ilustre companheiro de luta e bondoso amigo* qualifica o tratamento formal *senhor*, e, no segundo, os apêndices *nosso esforçado representante* e *nosso estimado companheiro de luctas* qualificam o tratamento *senhor Marciano*. É preciso frisar, entretanto, que esse fenômeno linguístico está sendo chamado de *apêndice* por não pertencer categoricamente ao sistema de formas de tratamento, mas se relacionar a ele diretamente por contribuir na construção de seu valor semântico.

No terceiro exemplo, o apêndice de qualificação é levado ao extremo pelo redator do jornal ao se referir às inúmeras qualidades que caracterizam Frederico Baptista de Souza: *Cavalheiro dos mais conceituados, pae extremoso, intelligencia cultivada, administrador clarividente* o *nosso querido e presado amigo.* Na composição desse apêndice há indicativos de solidariedade, como o possessivo *nosso* e o substantivo *amigo*, que aproximam primeira pessoa (redator) e terceira pessoa (Frederico B. de Souza) nessa delocução. O efeito produzido por essa composição linguística, associado ao título da *nota* – o nome próprio –, dispensa o tratamento formal *senhor.* Todavia, em outros contextos, esse tratamento se faz necessário para manter o efeito de sentido respeitoso dedicado a esse homem, como se observa no penúltimo exemplo.

É válido destacar que os apêndices de qualificação podem ser usados em associação com os pronomes possessivos, como uma marca de interatividade na escrita. Esse marcador revela tanto o sentimento de pertença e de união dos membros da comunidade negra (sobretudo ao se correlacionar esse dado linguístico com o ideal de união defendido por *O clarim d'alvorada*) quanto esse mesmo

sentimento de pertencimento a um grupo profissional e social entre os redatores de *O combate.* Para ilustrar, serão reproduzidos alguns empregos de pronomes possessivos dos jornais em análise:

> Do meu canto, tenho observado que *os meus irmãos de cór*, desta capital, quando em conversa falam com enthusiasmo sobre o progresso dos *nossos irmãos de cor*, da America do Norte [...].
>
> Isso eu posso affirmar *aos meus irmãos de raça* [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.1, fev. 1928)

> E lá se foi *o nosso amigo* convicto de nos ter satisfeito a curiosidade. (*O Kosmos*, ano I, n.7, dez. 1922)

> Vamos, *meus amigos*, um pouco de bôa vontade, porque combater o Analphabetismo é dever de honra de todo do brazileiro. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

> "O Progresso"
>
> Temos sobre nossa meza de trabalho, o 1º nummero d'O Progresso, orgam de propriedade do *nosso amigo* Argentino C. Wanderley [...]. (*O clarim d'alvorada*, ano I, n.6, jul. 1928)

> Os enfermos
>
> *Os nossos confrades* do "Diário Popular" têm sua redacção desfalcada de valiosos elementos, que são os seguintes: [...]. (*O combate*, ano III, n.1.042, 1º nov. 1918)

> Fazem annos hoje: [...]
>
> O sr. dr. Luiz de Toledo Piza Sobrinho, advogado do *nosso fôro.* (*O combate*, ano III, n.994, 3 set. 1918)

> Fazem annos hoje: [...]
>
> A interessante menina Helena, filhinha do sr. Dr. Alarico Silveira, *nosso antigo collega de Imprensa e director da Salubridade Publica*. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

O *editorial* da edição de agosto de 1928 de *O clarim d'alvorada* presta uma homenagem a Luiz Gama. Essa era uma prática constante dos responsáveis por esse jornal, a fim de se reconhecer a importância das datas históricas abolicionistas e dos antepassados que lutaram em prol da liberdade dos negros. Em equiparação com o mérito do abolicionista Luiz Gama, os redatores desse jornal descrevem a importância dessa personalidade para a história dos negros a partir de uma grande quantidade de apêndices de qualificação elogiosos, esparsos ao longo do texto. São exemplos: "Gênio da raça", "genial Luiz Gama", "estraordinario Luiz Gama", "formidável Getulino", "illuminado apostolo da raça martyrisada", "inolvidado mestiço", "vibrante abolicionista", "Luiz Gama, o notável mestiço", "o abnegado Luiz Gama", "grande mestiço", "benfeitor amadissimo" e "grande Palmarino".

Ocorre emprego do apêndice de qualificação também para adjetivar o substantivo *menino(a)*, nos contextos em que os redatores pretendem se referir a crianças. Seguem alguns exemplos ilustrativos do emprego do tratamento *menino(a)* qualificado por um apêndice:

> NASCIMENTO. No dia 18 do mez passado, o lar da *Snra. Lazara Narcisa* e de *seu caro esposo*, foi enriquecido com o nascimento de uma *robusta e galante menina* que, na pia baptismal, terá o nome de *Lazara*. (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

> BAPTISADO. Recebeu, hoje, na Pia Baptismal, o nome de Oswaldo, *o galante menino* filho do *sr. Caetano R. Leitão e Dona J. Pereira Leitão*. (*O alfinete*, ano I, n.8, mar. 1919)

Além da função de exaltar as características das pessoas da comunidade, o apêndice de qualificação pode, ainda, denotar um julgamento depreciativo feito pelo redator do jornal em relação a uma terceira pessoa. Casos como esse também são encontrados em tratamentos delocutivos de *O combate*. Nessa situação, o adjetivo disfórico se inter-relaciona com a ausência de um tratamento pro-

nominal – explicitando apenas o nome próprio ou alcunha pela qual a pessoa referida é conhecida – para identificar o alvo da crítica:

> *Maria gordinha* chata como carrapato com seu almofadinha do Elite. (*O alfinete*, ano IV, n.74, ago. 1921)

> Condemnações
> O dr. Adolpho Mello, juiz da 1ª vara criminal, condemnou á pena de 22 ½ dias de prisão cellular, os *vadios Joaquim Silva Fonseca e Miguel Fatebulo*. (*O combate*, ano III, n.1.069, 9 dez. 1918)

Essa característica de se qualificar a forma de tratamento por meio de um adjetivo e identificar a pessoa a partir de uma locução de endereçamento não é um fato particular dos jornais da imprensa negra, uma vez que dados dessa natureza podem também ser encontrados em *O combate*, como os expostos na sequência:

> Noticiaram os jornaes que o *dr. Carlos Chagas, o sabio director do Instituto de Manguinhos*, acaba de offerecer, para o monumento da Oswaldo Cruz, a avultada somma de 50:000$000 [...]. (*O combate*, ano III, n.796, 1º jan. 1918)

> IL PICCOLO. Commemorou hontem o seu 3º anniversario 'Il Piccolo', o combativo vespertino italiano a que *Paolo Mazzoldi, um dos mais brilhantes jornalistas de S. Paulo*, imprimiu uma feição muito sympathica, conquistando o apreço de um vasto circulo de leitores. (*O combate*, ano III, n.942, 2 jul. 1918)

> Faz annos hoje o sr. Dr. João Gonçalves Dante, *estimado cavalheiro da nossa sociedade e um dos mais distinctos advogados do fôro de S. Paulo*. (*O combate*, ano III, n.1.067, 6 dez. 1918)

A partir da análise e comparação dos usos da locução de endereçamento e do apêndice em *O Kosmos*, *O alfinete*, *O clarim d'alvorada* e *O combate*, é possível inferir que as formas de trata-

mento que compõem o sistema não são suficientes para produzir todos os efeitos de sentido pretendidos pelos falantes. Dessa forma, para contemplar os diversos usos discursivos, inclusive delimitar os relacionamentos que envolvem o poder ou a solidariedade, o sistema linguístico disponibiliza os qualificadores, sobretudo, como recurso de complementação de sentido.

Considerações finais

Esse estudo das formas de tratamento nos jornais da imprensa negra e em *O combate* ressaltou a importância de um *corpus* composto por jornais ao fazer linguístico. Esse tipo de material coloca em circulação textos de naturezas diversas, favorecendo uma maior depreensão de dados do contexto sócio-histórico. Os jornais revelaram-se, portanto, uma rica fonte para o estudo sociolinguístico, mais especificamente para este estudo de linguística histórica. Uma vez que os jornais publicam textos com propósitos diferenciados, o sistema de formas de tratamento pôde ser analisado a partir das mais variadas situações interlocutivas e, consequentemente, de diferentes prismas de análise.

As páginas da imprensa negra paulista trouxeram à tona uma história de luta, de perseverança e de defesa de um ideal, e *O combate* colaborou para traçar um esboço da sociedade paulistana dos primórdios do século XX. Cada gênero textual publicado nesses jornais colaborou, por sua vez, para anunciar o imaginário e os anseios desses sujeitos da história brasileira.

A irreverência do jornalismo de *O combate* contribuiu para se traçar um panorama mais abrangente da sociedade paulistana a partir da exposição do cenário político e social não declarado pelos compêndios oficiais da História. Esse jornal revelou as formas de

tratamento empregadas por seus jornalistas e por pessoas comuns, cujas vozes foram reveladas por intermédio das entrevistas publicadas no jornal. Esses tratamentos, de modo geral, coincidiram com o emprego dos redatores da comunidade negra e auxiliaram um esboço significativo do sistema de formas de tratamento empregado no período.

A análise específica dos propósitos de cada um dos jornais da imprensa negra paulistana colaborou para se depreender a importância desse momento histórico para a configuração inicial do movimento negro brasileiro. Cada jornal revelou os anseios de sua comunidade específica – demonstrando, consequentemente, o favorecimento de alguns tratamentos específicos em cada jornal. *O alfinete*, por exemplo, um jornal pertencente ao início desse movimento de imprensa negra, indicou a preocupação dos militantes negros em garantir bons padrões de comportamento para sua comunidade. Esse intuito era tão latente que a forma de tratamento *você* foi mais encontrada nesse jornal, em ocasiões em que a intenção principal era se referir a membros da comunidade negra cujo comportamento era questionado pelos redatores, pelo fato de que a esse pronome era atribuído um valor pejorativo no jornal em questão.

Os textos publicados no jornal oficial do Grêmio Dramático e Recreativo Kosmos apresentaram formas de tratamento preponderantemente formais, em função dos propósitos dos membros dessa associação de promover a integração dos negros na sociedade por meio, sobretudo, de sua instrução. Dessa forma, os redatores favoreciam o bom uso da escrita, o incentivo à leitura e, de acordo com o intuito da primeira fase desse movimento em que *O Kosmos* estava inserido, os bons exemplos de comportamento e etiqueta social, também obtidos pelos usos de formas de tratamento que permitissem a elegância e a proximidade com o texto literário.

Já em *O clarim d'alvorada*, um jornal em que esses propósitos iniciais do movimento da imprensa negra são intensificados para propagar de fato a união do povo negro, é interessante reconhecer que as formas de tratamento empregadas, por um lado, também

buscavam exaltar os membros importantes para a história de militância, como ocorreu com os apêndices de qualificação destinados a Luis Gama; mas, por outro lado, os tratamentos revelavam uma maior aceitação do papel da mulher na sociedade e permitiam uma maior ocorrência de casos de formas solidárias entre os membros da luta pela união do povo negro.

Finalmente, faz-se necessário reconhecer que este estudo (que se propôs a observar relações sociais por meio da perspectiva dos estudos linguísticos) contribuiu com o esboço de um panorama, por meio do estudo das formas de tratamento nos jornais da imprensa negra paulista, dos anseios da comunidade negra do início do século XX, referentes à busca por um espaço de circulação de sua voz na sociedade. Uma das formas encontradas por essa população foi observar os prestigiados padrões sociais vigentes – e, por conseguinte, os padrões do jornalismo da época – e tentar adaptar-se a eles, visando a garantia de sua legitimidade enquanto cidadãos brasileiros.

Referências bibliográficas

ANDRADE, M. L. C. V. Cartas do leitor: a interatividade na correspondência publicada em jornais. *Revista da ANPOLL*, Brasília. n.25, p.61-89, 2008.

ARDUIN, J.; COELHO, I. L. A variação dos possessivos *teu* e *seu* e suas implicações estilísticas. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação, mudança e contato linguístico no português da região Sul.* Pelotas: Educat, 2006.

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Brancos e negros em São Paulo.* 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

______. *O negro na imprensa e na literatura*: a imprensa negra do Estado de SP. São Paulo: USP, 1951. (Folheto do boletim de sociologia, 2)

BERTUCCI, J.; BALSALOBRE, S. A imprensa como fonte para pesquisas linguísticas. *Revista da ANPOLL*. Brasília. n.25, p.61-89, 2008.

BHATIA, V. K. *Analysing genre*: language use in professional settings. Londres: Longman, 1993.

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, São Paulo, v.18/19, 1972-1973.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão-SC, v.4, n.1, p.205-31, jul./dez. 2003.

______. Em busca de modelo integrado para os gêneros do jornal. In: CAVALCANTI, M. M.; BRITO, M. A. P. (Orgs.). *Gêneros textuais e referenciação*. Fortaleza: PPGL; UFC, 2004.

______. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In.: KAWORSKI et al. (Orgs.). *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: GIGLIOLI, P. P. (Ed.) L*anguage and social context*: *s*elected readings. Baltimore e Middlesex: Penguin Books, 1972.
CARREIRA, M. H. A. *Les formes d'adresse (formas de tratamento) en portugais contemporain*: modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais. Paris, 1995. Thèse (Doctorat d'État) – Université de Paris IV – Sorbonne.
CINTRA, L. F. L. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
DUARTE, P. *História da imprensa em São Paulo.* São Paulo: Escola de Comunicação e Arte – USP, 1972.
FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.) *Linguística da norma.* 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes.* São Paulo: Ática, 1978.
FERRARA, M. N. *A imprensa negra paulista (1915-1963).* São Paulo: FFLCH/USP, 1986. (Antropologia, 13)
FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI*: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
GARCIA, M. *Os arcanos da cidadania*: a imprensa negra nos primórdios do século XX. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo.
JENSEN, J. A investigação de formas de tratamento e a telenovela: a *Escalada*, parte I. *Revista Brasileira de Linguística*, Petrópolis. v.4, n.2, 1977.
JORGE, J. A imprensa paulistana: entre as demandas do povo e os interesses oligárquicos (1890-1920). *Revista Histórica*, São Paulo, n.7, 2002.
LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos.* São Paulo: Parábola, 2008.
LEITE, J. C.; CUTI. *... E disse o velho militante José Correia Leite.* São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1992.
LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Org.) *Fontes históricas.* São Paulo: Contexto, 2005.
______. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, A. L.; LUCA, J. R. de. *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino.* 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

______. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KAWORSKI et al. (Orgs.). *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MENON, O.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: *tu/você* no sul do Brasil. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado da região Sul.* Pelotas: Educat, 2002.

______. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*, Paraná, v.44, p.91-106, 1995.

MOTTA-ROTH, D. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KAWORSKI et al. (Orgs.). *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

OLIVEIRA, G. M. Matrizes da língua portuguesa no Brasil meridional: 1680-1830. In: MATTOS E SILVA. R. V. (Org.). *Para a história do português brasileiro*: primeiros estudos. São Paulo: Humanitas, 2001. V.2, tomo II.

PIMENTEL, E. P. *A língua escrita no Brasil.* São Paulo: Ática, 1986.

SANTOS, P. S. *Cidadania e educação dos negros através da imprensa negra em São Paulo (1915-1937).* Itatiba, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco.

______. A imprensa negra em São Paulo no início do século XX. *Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo.* n.14, 2006. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista/index.htm>. Acesso em: 20 ago. 2008.

SCHWARCZ, L. M. *Retrato em banco e negro*: jornais, escravos e cidadãos em SP no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, B. et al. *Dicionário de ciências sociais.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1966.

SOTO, E. U. Variação no pronome de 2ª pessoa? *Corpo e voz*, n.1. Araraquara: Editora FCL; Unesp, 1997.

______. *Variação/mudança do pronome de tratamento alocutivo*: uma análise enunciativa em cartas. Araraquara, 2001. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras.

SWALES, J. M. *Other floors, other voices*: a textografy of a small university building. Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1998.

TARALLO, F. Address terms re-addressed. *Penn review of linguistics,* University of Pennsylvania Press, 1981.

______. *Tempos linguísticos*: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1994.

UNICAMP/AEL. *Listagem de Jornais Brasileiros* – Índice Cronológico: (1830 a 1899): Jornais da cidade de Campinas.

VITA, Á. *Sociologia da sociedade brasileira.* São Paulo: Ática, 1994.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.* São Paulo: Parábola, 2006.

Fontes

Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Exemplares consultados de *O alfinete.*	
1918	Setembro Outubro
1919	Janeiro Março
1921	Agosto Setembro Outubro

Exemplares consultados de *O Kosmos.*	
1922	Agosto Novembro Dezembro
1923	Janeiro Fevereiro Março
1924	Janeiro Fevereiro Março

Exemplares consultados de *O clarim d'alvorada*.	
1928	Fevereiro Março Abril Junho Julho Agosto

Arquivo do Estado de São Paulo.

Exemplares consultados de *O combate*.	
1918	2 de janeiro 2 de fevereiro 1º de março 2 de março 1º de abril 1º de maio 1º de junho 2 de julho 1º de agosto 2 de setembro 1º de outubro 1º de novembro 3 de dezembro 4 de dezembro

SOBRE O LIVRO

Formato: 14 x 21 cm
Mancha: 23,7 x 42,5 paicas
Tipologia: Horley Old Style 10,5/14
1ª edição: 2010

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral
Marcos Keith Takahashi